3 1761 06680340 4

BRIEF
PQD
0021965

J. LEITE DE VASCONCELOS

Baladas do Ocidente

BALLADAS

DO

OCCIDENTE

ALGUMAS OBRAS DO MESMO AUCTOR

Poesia

Poema da Alma, 1879.
A Consciencia dos Seculos, 1880.

Ethnographia

Romances Populares Portugueses, 1881.
Fragmentos de mythologia popular portuguesa, 1881.
Estudo ethnographico (a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois no Entre-Douro-e-Minho), 1881.
Dictados topicos de Portugal, 1882.
Tradições populares de Portugal, 1882.
Romanceiro Português, no prélo.

Glottologia

O dialecto mirandês, 1882.
Flôres mirandesas, 1884.
Dialecto hispano-extremenho, 2.ª ed., 1884.
Contribuições para o estudo da lingoagem infantil, 1883-1885 (em publicação).
Dialectologia portuguesa (contribuições para o seu estudo):

a) *Dialecto brazileiro*, 1883;
b) *Sub-dialecto alemtejano*, 1883:
c) *Dialectos beirões*, I-VI (tres opusculos), 1884;
d) { *Dialectos minhotos*, I-II, 1885;
{ *Dialectos interamnenses*, III-VII (dois opusculos), 1885:
e) *Dialectos extremenhos*, I, 1885;
f) *Dialectos algarvios*, I-II, no prélo.

Lingoas raianas de Tras-os-Montes (succintas notas), no prélo.

Diversos assumptos

Cancioneiro Português (de redacção com E. Pires), 1879.
Uma excursão ao Soajo, 1882.
Annuario das tradições populares portuguesas, 1882.
O Pantheon (de redacção com Mont'Alverne de Sequeira), 1880-1881.
Criticas bibliographicas, 1883.
Portugal prehistorico, 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

BALLADAS

DO

OCCIDENTE

Brief
PQD
0021965

LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª, SUCCESSORES DE CLAVEL & C.ª
PORTO
119, Rua do Almada, 123

1885

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 70

A

Minha Mãe

INTRODUCÇÃO

Ahi vão mais uns versos correr mundo:
Nascêrão no Occidente, ao sol primaveral.
Ai! talvez que os açoite um mau vento infecundo,
E não cheguem ás praias do ideal;

Porém, neste combate pela vida,
Em que a sombra mal deixa os lirios vegetar,
E os monstros, a correr em marcha desabrida,
Como um revôlto, palpitante mar,

Lanção por terra os fracos e os pequenos:
Elles erguem ao ar solemnemente a voz
E insurgem-se, lavrando em dolorosos threnos
O seu protesto energico, feroz.

Tambem cântão do amor o facho ardente,
E os olhos da mulher, serenos, virginaes,
Que nos enchem de luz suave e refulgente,
Como o alvor das manhãs orientaes.

Cântão a arvore, o nevoeiro, o monte,
Os mythos naturaes, as crenças do aldeão,
O sol, que como um deus flammeja no horisonte,
A lua com seu pallido clarão.

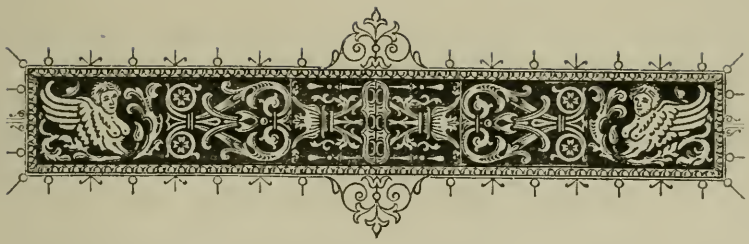
*

Vós, positivos sabios impassiveis,
Que tudo gravemente andaes a devassar,
As cinzas do passado, os mundos invisiveis:
Se sobre elles cahir o vosso olhar,

Não me accuseis, porque eu, de vez em quando,
Busque o santo prazer de uma illusão fugaz,
Ora ás flores sorrindo, ora aos ventos chorando...
São assim os meus sonhos de rapaz.

LIVRO I

LYRISMO



Para vós, loiros poetas,
Que ainda cantaes á viola,
Ora os gemidos da rola,
Ora as graças das violetas,

E, escravos do sentimento,
No calor da inspiração,
Rasgaes e espalhaes ao vento
As fibras do coração,

É que eu entôo estes hymnos
Á branca luz do luar,
Junto aos lagos opalinos...
Vinde os meus ais escutar,

Ó phantasistas, ó poetas:
Pois tambem canto á viola
As lamentações da rola
E os sorrisos das violetas...

SANCTA RELIGIO SEPULCRORUM

Á MEMORIA DE MEU PAE

Eu sonhei que voltára aquelle tempo antigo,
Em que, creança ainda, ia ás vezes comtigo
A passear pela aldeia, através das campinas
Onde o aldeão cantava umas canções divinas,
Á viva luz do sol, o pae de todos nós,
E sustinha o trabalho ardente, longo, atroz,
Para se descobrir, mal que eu e tu, sorrindo,
Passavamos por elle... Oh tempo alegre e lindo!
Tempo da minha infancia! Eu sonhei que voltára,
E que mais uma vez a ventura entornára
Sobre mim o seu fulvo e limpido clarão.
Mas quando, nesse sonho immensamente vão,
Eu julgava possuir aquillo que mais queria,
— Tornar-te a ver a ti, que eras a luz do dia
Da minha vida, o amor, o deus, o eterno amparo,
Ó ancião do meu lar, espelho puro e claro
Da virtude! de novo eu te vejo prostrado

No fundo de um sepulcro, este abysmo insondado!
Sempre a sonhar, eu fui de lagrimas cobrir
A terra onde cuidei que estavas a dormir.
Que noite aquella! O vento, ao tremer nos cyprestes,
Parecia ulular; os mortos, com as vestes
Fluctuando no espaço, errantes, insepultos,
Arrastavão ao luar os merencorios vultos.
Só tu, meu Pae, só tu no sepulcro jazias,
Entre a nocturna treva, e sob as lageas frias...
Depois ajoelhei, curvado ao meu destino,
Balbuciando talvez uma oração sem tino,
Ou pedindo-te, eu sei! a benção derradeira...
Eis que a meus pés ouvi fallar uma caveira,
A Morte, que me disse, hedionda, negra, informe:
— Afasta-te d'aqui! Deixa dormir quem dorme!

Acordei do meu sonho horrivel e profundo;
E ao olhar em volta a mim, que quasi só no mundo
Já não posso encostar-me ao teu braço potente,
Foi então que eu chorei por ti amargamente!

Porto, 18 de Outubro de 1882.

SAUDADES ANTIGAS

I

Ouve o último lamento
De uma alma rude e agreste,
— Sonho, que te desfizeste
Como um ai lançado ao vento!

Pois tambem tive algum dia
Aspirações gloriosas:
Enchêrão-me a phantasia
Sons, aromas, lirios, rosas!

E ás vezes, quando as estrellas,
Ardentes e vastos globos,
No escuro das noites bellas,
São como os olhos dos lobos

A luzirem na floresta
Rubros de um vivo clarão.
Eu,— e nada já me resta
Das alegrias de então!—

Subia pelos espaços
Nas escadas dos meus sonhos;
Ninguem me estorvava os passos
Ou os projectos risonhos...

Alma sequiosa de amor,
De sol e de primaveras...
E embriagava-me o ardor
Das fluctuantes espheras:

Alem, a esteira brilhante
De um vagabundo cometa:
Aqui, uma estrella, errante
Como a aspiração do poeta:

Mais ao longe, a lua fria
Como um vasto cemiterio,
Ou a estranha symphonia
De algum remoto psalterio;

Em baixo, a terra oscillando
Como os berços da innocencia;
E os seres todos cantando
As mil conquistas da Sciencia...

Hoje, ao grato som de um cantico,
Se por acaso êrgo os braços
Á vastidão dos espaços,
Vejo o ceu menos romantico,

A ave sem vozes sonoras,
As flores mudas, afflictas...
Ó face que já não córas,
Coração que não palpitas!

II

Quando o nevoeiro denso
Cobre os turvos horisontes,
Eu cuido ver sobre os montes
O teu vulto, ó luz, suspenso...

E, ai de mim, ai visionario!
Cheio de doidas chimeras,
Como Jesus noutras eras
Ao subir para o Calvario,

Aproximo-me contente...
E a cada passo que eu dou
Elle progressivamente
Desapparece... Aonde vou

Em tão barbara romagem
Indomita e desabrida,
Se tu és fugaz miragem
Nesta solidão, — a vida?

Porto — 1878.

NOITES DA ALDEIA

Vai de mine! vai de ea!
CANT. POP. VALACHIA.

Hão-de sempre lembrar-me as noites socegadas
Em que ao pé de uma fonte airosa, murmurante,
Numa expansão feliz de beijos e risadas,
Orgias de rapaz, loucuras de estudante,

Lhe abria a minha alma, e nella a cada instante
Lia um poema de luz com rimas estrelladas...
Ó campinas em flor, ó lua doidejante,
Ei-las sem vida agora as nossas serenadas!

Já se ouvião na ágoa as Bruxas patinhando,
O sete-estrêllo ia alto, emblema da saudade,
No poleiro cantava o gallo somnolento:

Mas nós, nesse prazer tão íntimo sonhando,
Nem viamos correr o tempo, a eternidade...
Na ampulheta do amor um seculo é um momento.

Porto — 1883.

ADEUS

Adios, adios, que me voy
Y no me quisiera ir!
CANT. POP. ESPAÑ.

Adeus! E logo que, talvez em breve,
Eu, ai de mim! sem vida ao chão cahir,
Não cesses de chorar, pomba de neve,
Porque lá do outro mundo hei-de-te ouvir.

E quando, leis eternas da materia!
O meu corpo estiver todo desfeito,
Entra de noite na mansão funerea...
E sobre a terra que cobriu o meu peito

Colloca o teu ouvido, com cuidado
Escuta, escuta bem, que ainda alli
Palpitar-me-ha o coração por ti,
Depois de em tenues cinzas transformado!

Se porém no sepulcro, ó doce amor,
Vires, á luz da lua argentea e bella,
Desabrochar o calix de uma flor,
Olha, é o meu coração mudado nella...

E então aspira o aroma delicado
Que o vento arraste em turbilhões pelo ar;
Mas não na córtes, deixa vegetar
O pobre coração abandonado:

Ou, a cortá-la, ó pomba, não na pizes,
Não machuques a flor... põe-na em teu seio,
Que ás vezes póde ser ganhar raizes
E de novo nascer o extincto anceio.

Urna maravilhosa e crystallina
Era essa, ao fulgor dos olhos teus!
Se uma simples ideia me fulmina,
O que faria a realidade?... Adeus!

Castro Daire, 29 de Setembro de 1878.

FOGOS FATUOS

I

ANTITHESE

Ella disse-me ha tempos que chorára
Ao ler não sei que tragicas novellas:
Chora tambem, ó Primavera clara,
E vós, altas estrellas!

A minha esquiva e linda namorada
Que tanto treme ouvindo frioleiras,
E deixa cahir das palpebras, por nada,
Perolas verdadeiras,

Se pudesse escutar-me, neste duro
Desterro meu, os dolorosos hymnos,
—Como a Sibylla as cousas do futuro
Nos livros sibyllinos;

Como os augures santos de outros dias,
Olhando o ceu, profundo seio aberto,
Ou como, interrogando as penedias,
Os monges do deserto...

E começasse a ler este modesto
Poema, que fiz á luz da sua face...
— Talvez que nem quizesse ver o resto
E nem um ai soltasse!

Porto — 1878.

II

PRELÚDIO

O amor é como um mundo que fluctua
Em tôrno ao coração :
Dae-lhe logar, astros da noite ! Ó lua,
Banha-o no teu clarão !

J. L. DE V.

Gemia ao pé de nós o mar cheio de areias,
Como a minha alma cheia de agonias:
E o sol beijava as faces das Sereias
E as broncas penedias,

Lá onde o marinheiro alegre e diligente,
Com os labios crestados do calor,
Anda cantando ás ágoas rudemente
Velhas canções de amor.

Foi nessa hora solemne, ó minha doce amada,
Que se encontrou primeiro o nosso olhar...
A manhã era fresca, perfumada
Pela aragem do mar.

Como a alma de um justo, o largo firmamento
Mostrava-se sem véu:
E ah! ninguem reparou nesse momento
Que mais um mundo appareceu no ceu!

Foz do Douro — 1878.

III

AMOR DE UM MONTANHÊS

Eu nasci nas agrestes serranias
Da nevoenta, legendaria Beira,
Lá onde o lobo a uivar consome os dias,
E cresce e brilha a rubra flor da urgueira;

Onde o vento, ao passar, diz mil segredos...
E Sã-João, no vivo e quente Estio,
Soluça ao ver as Moiras nos penedos,
Ou com as môças canta ao desafio;

Onde os rios, descendo sussurrantes
Nas ladeiras, entre asperos fragões,
Parecem velhos frades mendicantes
A resarem pausadas orações:

E aprendi a adorar, desde pequeno,
A majestade olympica do sol,
E, quando a noite abraça o ceu sereno,
A canção jovial do rouxinol.

Eis porque, — viva luz que tudo banhas!
A paixão que me inflamma e que me aterra,
É mais firme que as aridas montanhas,
Que os rochedos da minha amada terra...

E nunca esquecerei essa ventura
Que eu gosei tantas vezes ao teu lado,
Como um doente ao pé da sepultura,
Como junto do algoz um condemnado!

Porto — 1878.

*

IV

HARMONIAS DO MAR

Ninguem me diz mais intimos segredos,
Mais mysterios ninguem me vem contar,
Que as ondas mansas do sonoro mar
Batendo lentamente nos rochedos...

Ao contemplar a aquatica amplidão,
Sinto que a minha alma se dilata...
Parece-me outra a Natureza então,
Os ceus derramão uma luz mais grata.

E, como nesses reinos afastados,
Nas do Norte phantasticas regiões,
Andão pelo ar os Elfos encantados,
Dentro da nevoa, em largas legiões,

Ou, ao clarão do luar fugaz e brando,
Do Solsticio nas noites gloriosas,
As Bruxas para a India vão boiando
Sobre as ágoas lascivas, rumorosas,

Eu, comtigo, num barco submarino,
Tão leve como nuvem que esvoace,
Não tendo alem do amor outro destino
Nem outro pharol mais que a tua face,

Num sonho languido, oh destino humano!
Remára p'ra um país innominado,
Emquanto em volta o mysterioso oceano
Cantasse o nosso original noivado.

Porto — 1878.

V

PAISAGEM MINHOTA

Ciel pur dont la douceur et l'éclat sont les charmes,
.....
Votre splendeur m'attriste, et souvent à mes yeux
Votre divin sourire a fait monter les larmes.

L. ACKERMANN.

As arvores de pé, na solidão dos montes,
Como estátuas que um povo original ergueu,
Abráção com saudade os largos horisontes,
Quasi escalando o ceu.

Alli as aves vem cantar a toda a hora:
E em baixo, pelo valle, escuta-se um ribeiro,
Que entôa em doce paz uma canção sonora
Como um clarim guerreiro.

Mais longe o lavrador, curvo, seguindo a grade,
Amanha alegremente a terra para os filhos,
E o sol entorna a prumo a sua claridade
Nos calix dos junquilhos.

As montanhas ao ar levantão majestosas
Os seios, onde a alma ás vezes vae achar
As attracções do abysmo, as visões pavorosas
E os beijos do luar.

De certo achas formosa, esplêndida a paisagem,
Nada falta á harmonia unanime das côres:
A Natureza falla uma heroica lingoagem
Nos ventos e nas flores.

Mas oh! tu não estás nestas regiões amenas!
Por isso ando eu agora errante, hallucinado,
E tudo o que me cérca é para mim apenas
Um vacuo illimitado.

Guimarães, Setembro de 1879.

VI

SCIENZA NUOVA

Para que hei-de gastar noites e dias
Escavando no seio á Natureza,
Interrogando as ermas serranias
E dos astros a olympica grandeza?

Para que hei-de enterrar as alegrias
Da minha mocidade na aspereza
D'estas páginas lugubres e frias,
Como um coveiro, morto de tristeza:

Se os teus olhos, que são como as fogueiras
Que ao Sã-João, nas noites estrelladas,
Accendem das montanhas na eminencia,

Ensinão mais que paginas inteiras,
A trasbordar theorias arrojadas,
Escritas pelos mestres da Sciencia?

Porto, 2 de Dezembro de 1879.

VII

A UMA CASTELLÃ

Vejo-te á noite andar, como uma feiticeira,
Entre os negros torreões e os fossos de um castello,
Contente d'essa vida estranha e aventureira...
O travesso luar brinca no teu cabello;

Entôa lá ao longe a rouca voz do vento,
Nas ladeiras da serra, uns psalmos d'outras eras.
E a mim, oh sonhos vãos! fica-me o pensamento
Nas tuas virginaes, gloriosas primaveras.

Eu, que amo a antiguidade, o luar cheio de graça
Que corôa de luz os calices das flores,
E aprendo ás vezes mais numa visão que passa
Do que nas prelecções dos graves professores,

Quero-te assim então, sòsinha nas muralhas,
De hora em hora sorrindo através das ameias:
És a espada que dá victoria nas batalhas,
És o sôpro que accende a chamma das ideias.

Pois aquelle que lê no íntimo das cousas,
E ainda crê nas visões e bemdiz as saudades,
Ah! tambem póde erguer as ossadas das lousas,
Com ellas recompondo a téla das edades.

Ó castellã, ó flor formosa dos meus hymnos,
Que habitas o silencio obscuro de uma torre,
E, quando abres acaso esses olhos divinos,
Saudosos como o adeus de uma mulher que morre.

Despedes mais clarões que a forja de um ferreiro...
Como um chronista eu vou folheando no Passado,
E, encontrando-te a ti num castello roqueiro,
Encontro o meu ideal, tantas vezes sonhado!

Guimarães, Dezembro de 1881.

NO EXILIO

Bon Deu ¿quina mudança s'es obrada
en esta meua vista !

BERTRAN Y BROS.

Eu ia aqui ha tempos pela rua,
Taciturno, sombrio;
Gemia o vento nos pinhaes, a lua
Mirava-se no rio.

Que tristeza nos astros afastados,
Nas mattas, nos caminhos!
Só se ouvião ao longe os namorados
A sorrirem sòsinhos.

Eu vergava-me ao pêso das desgraças,
Aos golpes lancinantes...
Passei então por baixo das vidraças
Onde te via d'antes.

D'antes, sim! quando a luz nunca fugia
E o ceu nunca era escuro!
E me brilhava a mim um novo dia
Das bandas do futuro!

D'antes, quando erão bellos os passeios
Ao som das gargalhadas,
E palpitavão com ardor os seios
Nas noites estrelladas!

Ai de mim, quando eu ia cabisbaixo,
Com uma dor estranha,
E a lua alumiava como um facho
No cume da montanha,

Ainda olhei p'ra trás, pisando a alfombra
Que revestia o chão...
Estava na janella a tua sombra,
Na minha alma, a illusão!

Mattosinhos, Setembro de 1880.

Á VISTA DO CAMPO

AO MEU AMIGO, CARLOS GALRÃO

Au temps où les plaines sont vertes.
Où le ciel dore les chemins.

SULLY PRUDHOMME.

A mesma fecundidade,
A mesma fôrça em teu seio,
Ó Natureza! Que anceio,
E que indizivel saudade

Ao ver-te outra vez! Eu vou
Pelo campo, ao longe, fóra,
Como ave alegre e sonora
Atrás do sol que raiou.

Tenho em meu peito esse espinho
Que se chama «sentimento»:
Amo os harpejos do vento,
O aroma do rosmaninho:

E por muito que eu quizera
Vencer-me, afogar bem fundo
Este desejo profundo
De luz e de primavera;

Sepultar a phantasia
Na noite da realidade,
Como um asceta ou um frade
Na sua cella sombria,

Nunca eu pudera deixar
De amar os astros e as flores,
O horisonte de mil côres
E as doidas ondas do mar!

O claro sol do Occidente,
Quando illuminou meu berço,
Deixou-me logo submerso
No teu amor, mãe potente!

Por isso, ao ver-te, é que eu vou
Pelo campo, ao longe, fóra,
Como ave alegre e sonora
Atrás do sol que raiou.

Caldas das Taipas, 23 de Junho de 1881.

NO OUTRO MUNDO

I

Quando, neste combate pela vida,
O corpo me cahir inanimado,
    Como uma ave ferida
Durante o curso do seu vôo ousado,

Não quero ter por última jazida
Um mausoleu marmoreo, rendilhado,
    Com sua cruz erguida
E epitaphio rhetorico gravado:

Quero o fundo das ágoas do oceano,
    Onde o coral se esconda
E se veja o hippocampo fluctuar...

Lá não desceu ainda o orgulho humano,
    Ou penetrou a sonda...
E em fim talvez eu possa descançar!

II

Ao indeciso alvor da lua-cheia,
Verei surgir das grutas sinuosas
A mythica Sereia,
Em desalinho as tranças voluptuosas;

E, como vivas, palpitantes rosas,
Ou perolas que a mão de Deus semeia,
As estrellas saudosas
Reflectir-se-hão no pelago que ondeia.

Então morto, e ao som rythmico das ágoas,
Contarei minhas mágoas
Na paz da noite, ao verde mar sem fim!

Já que ninguem na terra por mim chora,
Nem veste lucto a aurora,
As ondas bravas chorarão por mim.

Porto — 1882.

CANTATA

A mais fremosa que eu nunca vi,
A que nom ouso nulha rem falar.
CANCION. PORT.-ANT.

Ouve-se lá ao longe a voz dos mares
Angustiada, limpida, nervosa,
Trazida pelos ares
De collina em collina:
Mas, que ha egual á tua voz divina,
Ó doce virgem candida e formosa?

Pássão sorrindo os astros coruscantes
Na amplidão infinita, majestosa,
Como pombas radiantes
Voando no paraiso:
Mas, que ha egual á luz de um teu sorriso,
Ó doce virgem candida e formosa?

Os outeiros esmaltão-se de flores,
De uma côr ineffavel, vaporosa,
Emblema dos amores,
Postoque breve passe:
Mas, que ha egual á côr da tua face,
Ó doce virgem candida e formosa?

Deslumbramento! gloria immaculada!
Ninguem te egualou nunca! A estrella, a rosa,
O mar... Não valem nada,
Levas a tudo a palma:
E no emtanto tu cabes na minh' alma,
Ó virgem sempre candida e formosa...

Foz do Douro, Agosto de 1882.

AQUELLA FLOR...

Aquella flor que te roubei, ha dias,
Quando nós passeavamos na aldeia,
Guarda-la-hei, como um velho guarda a ideia
De um passado de rosas e harmonias;

Ou como o mar, que açoita lamentoso
As praias, onde tudo encontra termo,
Guarda no seio dolorido e ermo
A perola e o coral maravilhoso.

Não ha mais linda flor na Natureza!
É viva como o teu olhar celeste,
Que tantas, tantas vezes, se reveste
De uma suave e languida tristeza.

Mais não ama de certo o verde louro
O guerreiro que, após longas batalhas,
Traz o peito coberto de medalhas,
Do que eu venero aquelle meu thesouro!

Estão nella os meus olhos, porque vejo
Alli a tua imagem: o teu rosto,
O teu cabello sempre tão composto,
A cinta graciosa... Que desejo

Mais eu agora? Que ideaes risonhos
Ainda ambiciono? Tê-la e vê-la
Como á noite no ceu vejo uma estrella,
Como ás vezes um anjo vejo em sonhos!

Assim tão breve não corresse a vida!
Porém talvez que lá na sepultura
Haja um logar para essa flor tão pura,
Que eu levarei para a última jazida.

Ah! como dormiremos bem na morte!
Os vermes hão-de respeitar-nos e eu,
Por alta noite, quando pelo ceu
Friamente soprar o vento-Norte.

Enxugarei meus prantos de saudade
Nas setinosas petalas! Acaso
Aquelle que, morrendo, achou o occaso,
Não poderá gemer na eternidade?

Ó alma, tu nas lagrimas te elevas
Para uma região desconhecida,
Palpitante talvez de luz e vida,
Ou cheia de phantasmas e de trevas.

As dolorosas lagrimas adoro!
E, se ao fallar na flor que te roubei,
Essas memorias tristes evoquei,
É que eu vivo das lagrimas que choro.

31 de Dezembro de 1882.

EM FAMILIA

Noite de inverno. Na cozinha ardia
A classica fogueira, crepitando:
Junto á lareira estava-a saboreando
Toda a familia, em santa companhia.

A um canto, a mãe, mulher virtuosa e pia,
Nobres gestos e rosto venerando,
Tinha as contas na mão, de vez em quando,
Padre-Nosso, dizendo, e *Ave-Maria.*

No escano patriarchal o pae sentado
Fazia festa a um gato espreguiçado
Por cima da pilheira ao pé do forno.

E o filho malicioso andava em tôrno
A ver se algum dos seus desconfiava
Que elle em silencio a môça namorava...

1878.

NOMEN ET NUMEN

Quem vae metter num som o mundo, a immensidão?
Nome que não se diz, nome que não se escreve!

ANTHERO DE QUENTAL.

Não sei que attracção existe
Da minh' alma p'ra o teu nome,
Que, se o não digo, ando triste,
E um grande mal me consome.

Quando eu o sólto dos labios,
Fico-me a pensar, absôrto
Como Jesus no seu hôrto
E na sua sciencia os sabios.

Nem vejo onde ponho os passos,
Ou aonde a sorte me leva:
Se entre os astros, nos espaços,
Se na mais escura treva!

E emquanto que eu assim vou,
E assim por ti endoideço,
Ó perola de mais preço
Que Deus ao mundo deitou,

Talvez nem uma só vez,
Um momento só, emfim,
Tu te recordes de mim
E do meu amor! Talvez!

Até procurei um dia
Escrever uma canção
Em que eu cantasse a harmonia
Do teu nome, a ver se então

Tambem te lembrava o meu!
A canção mais delicada...
Como á luz da madrugada
Nunca um rouxinol a ergueu,

Cheio de desejo e gôsto!
A canção mais scintillante...
Como o sol nunca em seu rosto
Teve raios de diamante!

A canção mais branda e leve...
Como a nuvem que esvoaça,
Toda brilho e toda graça,
Nunca tanto mimo teve!

Depois, — imaginação
De quem nunca anda em socêgo!
Lembrei-me de ir dar a um cego
Essa festiva canção,

Para elle a cantar na rua
Ao som da alegre viola,
Ao suave clarão da lua.
Como tudo me consola!

Virião as raparigas
Logo da aldeia a dançar,
Pondo de parte as fadigas,
Para a canção escutar;

Calar-se-hia logo o vento,
— E não ha ninguem que o dome! —
Vencido do sentimento
Que se revela em teu nome!

A onda do mar pararia,
Ella que é inquieta, errante,
Junto á praia, nesse instante,
Prêsa de tanta harmonia!

E quando o cego cantasse
Á tua porta a canção,
Com um sorriso na face
E a mágoa no coração,

Correrias admirada
Á janella, a ver o que era...
Ó irmã da Primavera,
De ti mesma enamorada!

Porto, 15 de Outubro de 1882.

MELANCOLICA

Porque estás melancolica? Desvia
Dos teus olhos, que a verde mocidade
Cobre da luz suave da poesia,
Esse véu de tristeza e de saudade.

Se a vida não é mais do que a torrente
De um rio que impetuoso se despenha
Na encosta de uma aspera montanha
Para lançar-se no oceano ardente.

Tão rapida existencia deve acaso
Passar-se envôlta numa sombra escura.
—Emquanto sobre nós o sol fulgura.
Omnipotente... quasi sem occaso?

Não se pense na dôr, quando se gosa.
Nem se falle da noite, ainda de dia...
Ao gôso, pois, e aos sonhos côr de rosa!
Assim que um sonho acaba, outro se cria.

Porto, 7 de Julho de 1883.

O RAMO DE FLORES

Oh! nunca as mãos te dôão! que me déste
Um ramo tão perfeito e delicado,
Que eu ponho nelle todo o meu cuidado,
Pois não m'o furtem ou m'o leve a peste.

Mettí-o numa jarra azul-celeste
Vinda da China, adonde, sepultado
Num carcere soturno e desolado,
Um escravo a lavrou. De luz a encheste!

Semelhante ao bom ramo, que fluctua
Naquella jarra de ágoa ao sol e á lua,
Em mim palpita o amor com que me abrasas...

Como este mundo é variavel! Ólha:
Sobre as cinzas do ramo que se esfolha
O amor, cheio de vida, estende as azas.

1884.

TONADILHAS POPULARES

I

CANÇÃO

Nunca houbo am tódo 'l lhugar
Una rapaza mais guápa!

FLORES MIRANDEZAS.

Ai! não ha quem te não diga:
« Doce amor! »
Oh! que esbelta rapariga.
Que primor!

Ver-te, é o meu maior gôsto:
Que viveza
Em teus olhos, em teu rosto.
Camponeza!

Assim de sàinha curta,
Lenço novo,
E ao peito um ramo de murta...
Pelo povo

Vaes mesmo que nem um brinco,
Nem um sol!
Dás-me um beijo, quatro ou cinco,
Rouxinol?

Ai! vida da minha vida,
Doce amor!
Oh! que môça decidida,
Que primor!

Castro-Daire, Setembro de 1878.

II

DESPEDIDA

Minha bôca se vae rindo.
Meus olhos ficão chorando!

CANT. POPUL.

Ninguem, por mais que se mate,
Á sua sorte resiste!
Adeus, ó fonte de lagrimas,
Que dos meus olhos cahiste!

Adeus, verde carvalheira,
Que deitas sombra no chão,
Onde o romeiro descança
Nas tardes do Sã-João!

Tu eras a minha amiga
E confidente, bem sei!
Debaixo da tua rama
Que lindo tempo passei!

Adeus, ó ponte do rio,
Meia de hera, meia nua,
Como um arco de alliança
Da minha terra p'ra a sua!

Adeus, estrella do Norte,
Agulha de marear,
Que tanta vez me guiaste
Quando lhe eu ia fallar!

Adeus, ó varanda de oiro,
Onde ella estava á tardinha,
Entre os canteiros com flores,
Como uma santa ou rainha!

Adeus! Cá me vou embora,
Sem ter ninguem que me acoite,
Só o silencio dos valles
E as negras sombras da noite!

Paredes, Setembro de 1879.

III

A UMA LAVADEIRA

Que lavadeira engraçada,
De alva neve!
— Escuta a minha ballada,
Porque é breve...

Eu sou um pobre estudante:
Nada tenho
Senão livros numa estante:
Porém venho

Onde tu bates a roupa
Á ventaneira,
Quando alegre canta a poupa
Na ribeira,

Pousar o rosto sombrio
Mansamente...
Dos meus olhos sae um rio
Em torrente

Para tu lavares as prendas
Valiosas
Que te dão, — lenços e rendas
Preciosas.

Que lavadeira engraçada!
Que alva neve!
— Escuta a minha ballada,
Porque é breve...

E não achas mais ninguem
Que te faça
Uma ballada, ó meu bem,
Por chalaça!

Terra da Maia, Agosto de 1881.

IV

NO CAMPO

(Usos populares dos arredores do Porto)

Vamos para as largas eiras
Ao luar,
Com as outras lavradeiras
A bailar.

Que suspiros e que abraços
Se darão!
As estrellas, nos espaços,
Pasmarão!

Não ha machado que córte
Este amor:
Durará até á morte,
Minha flor!

Já ao longe, — isto consola!
Sinto bem
O tocador da viola
Que ahi vem!

Como, á luz da lua-cheia,
Se ha-de ouvir,
Pelos campos, pela aldeia,
Nosso rir,

Nossos versos de namôro,
Nossos ais!
Nem os conegos no côro
Bérrão mais!

Oh! se eu fôra o rendilhado
Coração
Que tu trazes pendurado
De um cordão

Ao pescoço alvo de neve...
E se eu
Fôra ainda a fita leve
Do chapeu,

D'esse chapeu pequenino
Que tão bem
Cobre o teu cabello fino,
Ai! ninguem

Então me egualava em glória:
Nem Jesus,
Nem os reis, que enchem a história
De aurea luz!

Já vae alto o sete-estrêllo
Pelo ar!
Vamos, vamos, corpo bello,
A bailar!

1882.

V

ESTUDANTINA

O amor de um estudante
Não dura mais que uma hora...
CANT. POPUL.

Perdão, ó Paula, perdão,
Se eu uma vez, por chalaça,
Te dirigi uma graça
Ao rimar uma canção:

E, ao fim de um anno de amores,
— Bellas horas que eu passei! —
Bruscamente te deixei
No teu jardim, entre as flores!

Não te fies mais agora
Nos estudantes, ó Paula:
Toca o sino, vão p'ra a aula,
Vem as ferias, vão-se embora...

Porto, Julho de 1882.

NUNS ANNOS

Na romanesca Edade-Média havia
Cavalleiros de amor que, soluçantes,
Andavão pelo mundo, noite e dia,
Debaixo dos balcões e dos mirantes,

Ás negras portas dos feudaes castellos,
Tocando na theorba dolorida
Serenatas e doces retornellos
Ás donas, cheias de prazer e vida:

Era o cyclo feliz dos trovadores,
Dos torneios heroicos e animados,
Quando as estrellas, scintillantes flores,
Sorrião do alto aos corações amados.

Tudo emfim se transforma! Outras ideias
Dominão hoje a multidão inquieta:
Em vez das largas torres com ameias
E dos anceios mysticos do poeta,

Renasce a indústria e a sciencia! — A humanidade
Como um nauta insoffrido, sonda, explora
Novos mares! Que ardente anciedade
Na nossa alma, semi-morta outr'ora!

Mas da mulher os olhos ideaes
Não se apagárão nunca no horisonte!
E se a arte dos poetas medievaes
Nelles achou da inspiração a fonte,

São ainda agora a grande biblia aberta
Onde se lê, onde se canta e chora!
— Manhã de Abril serena e descoberta,
Jardim em flor, canção fresca e sonora.

Tu então, que possues todas as graças
Da mulher: a virtude, a formosura:
E que illuminas tudo, quando passas
C'um sorriso nos labios, alma pura:

Deixa que eu venha pôr na tua mão
Uma corôa... Porém é tão singela,
Que, se não fôra a esperança no perdão,
Jamais me atreveria a offerecê-la...

Baião, 5 de Janeiro de 1884.

MOLDURA

Dou-te a lyra que me inspiras,
Sonho meu!
JOÃO DE DEUS.

Quem pudéra cantar num só soneto
A tua nobre e excelsa formosura
E o teu bom coração, cheio de affecto,
— Hostia sagrada, feita de candura!

De certo nada existe mais completo
Que o meigo alvor da tua face pura,
Irradiando nesse trajo preto,
Como uma estrella numa noite escura.

Eu, que ando sempre triste sobre a terra,
Arena infausta, onde pollula a guerra,
E raro cresce o lirio da poesia,

Quantas vezes, ao vêr-me em luz immerso,
Não pergunto se é o sol, rei do universo,
Ou o teu claro olhar, quem me alumia!

Setembro 1882.

CARTA A UMA SENHORA

Remettendo-lhe uma collecção selecta de poesias populares

São cravos, minha senhora,
Rosas vos trago aqui.
ROMANCE POPUL.

Eis ahi as canções da minha aldeia,
Que as môças me disserão a chorar,
Quando, como uma flor, a lua-cheia
Abria o calix branco do luar.

Eu era então creança, e não podia
Comprehender a voz do coração
Que se manifestava na poesia,
Como um fugaz e limpido clarão :

Porém hoje, por mal dos meus peccados,
Eu sei o encanto e a graça que ellas tem,
E oh sim! como nuns labios namorados
Essas trovas tão simples ficão bem...

Que sincero e profundo o sentimento
D'aquelles que não céssão de as cantar
Pelos caminhos, quando sopra o vento,
Ás ondas num rochedo á beira-mar,

Nos trabalhos agricolas, nos montes,
Ou na paz adoravel do serão!
Cálão-se os rouxinoes, párão as fontes,
Presos da occulta e magica attracção!

*

Se acaso realmente já sentiste
A dor na tua vida alguma vez,
E assim como és formosa, és tambem triste,
E te confortas com os mais... talvez,

Ao ouvires a languida harmonia
Das canções do ceifeiro e do pastor,
Á tua alma um novo sol sorria...
— Que não se apagou nunca o sol do amor.

Porto, 30 de Agosto de 1883.

MYSTICISMO

I

MYTHOLOGIA DAS MONTANHAS

1.

Penelope! bem como a teia do teu mytho,
O nevoeiro cobria a serra inteiramente,
E, perdido na sombra, uivava o lobo afflicto,
Com o passo estonteado, e o olhar phosphorescente.

— *Varre, varre, Nevoeiro!* ao longe, em alto grito,
O pastor exclamava inanime, tremente,
Em pé, sobre um rochedo enorme de granito,
Erguendo para o ceu as mãos sinistramente.

Cada vez mais fechado e denso o nevoeiro,
Cada vez mais aguda a voz do pegureiro,
E mais medonho o olhar do lobo truculento...

Através da neblina espessa e dilatada,
Foi então que eu a vi, a flor abençoada,
A surgir, como surge o sol no firmamento.

2.

Foi então que eu a vi, a rosa matutina,
Cahidos pelo hombro os cabellos ondeados,
E ouvi a sua voz vibrante, crystallina,
Que é como uma canção nuns labios namorados;

E nunca mais depois, na dor que me domina,
Tornei a achar ou paz, ou sonhos socegados:
Lembra-me sempre a vasta e lugubre neblina,
A montanha deserta, os lobos esfomeados...

Comtudo, naquella hora horrivel, pavorosa,
Ainda bem! conheci que a alma hallucinada
Tudo enche de visões e luz mysteriosa...

Assim nasceu outr'ora a vã mythologia;
E, se o povo vê Deus na hostia consagrada,
Eu vi o meu amor surgir da nevoa fria.

Porto, 1882.

II

RELIGIO-AMOR

Nihil tam voluntarium quam religio.
S. PAULO.

No enthusiasmo da festa popular,
Occulta fôrça me levou suspenso
Entre os perfumes mysticos do incenso
A entrar no templo para alli orar.

Olhavão mudos para o espaço immenso
Os martyres e os santos sobre o altar
Com seu sereno, majestoso olhar,
Como os raios solares vivo, intenso.

Ella estava no chão ajoelhada
E tinha a fronte languida curvada,
Como o calix mimoso de uma flor...

Eu, que por ella unicamente existo,
Nessa hora vi que a religião de Christo
Era tambem religião de amor.

Baião, 11 de Setembro de 1883.

III

SUPERVIVENCIA

Não se apagou de todo aquella luz brilhante
Dos velhos tempos, quando o homem em tudo via
O espelho da sua alma, e olhava a noite e o dia
Como a lucta voraz de um deus contra um gigante.

Hoje mesmo o aldeão submisso e soluçante
Não deixa de resar á lua branca e fria...
O cão, que uiva, e a coruja hedionda, que pia,
Põe-lhe medo, e elle chora e grita a cada instante.

Em toda a parte vive ainda o santo mytho:
Os rios teem voz, e o ceu é um livro escrito
Onde a crença inconsciente acha um mysterio occulto.

Ó tu que és para mim um idolo sagrado,
Sim, adoro tambem teu nome immaculado...
Mas com a consciencia inteira d'esse culto.

Porto, Dezembro de 1882.

IV

NUPCIAS DE OURO

L'amour seul peut combler les profondeurs de l'âme,
Et toute ambition meurt aux bras d'une femme!
TH. GAUTIER.

Hei-de comprar um leito, marchetado
Das mais viçosas e exquisitas flores,
E, que excentrica ideia! perfumado
De incenso, que embriaga os peccadores;

Nelle, á hora dos calidos amores,
A pomba candida, o faisão doirado
Farão chover do collo torneado
Pennas macias, rutilantes côres.

Feliz, se alli, no enlêvo da poesia,
Eu celebrar o meu noivado um dia,
Sob o calor das azas virginaes

D'aquella que me prende e traz absorto
No clarão dos seus olhos, como um morto
Que adormeceu e não acorda mais!

Porto, 3 de Junho de 1885.

V

A TUA MÃO

Bem vinda sejas, pomba delicada!
Se me estendes acaso a tua mão,
Cuido que vejo num altar christão
Fulgurar a custódia consagrada;

Ou, na minha purissima illusão,
A auréola de luz da madrugada,
Que erguendo ao ar a fronte embalsamada,
Me attrae eternamente o coração.

Quando eu porém a apérto com anceio,
Como quem busca uma esperança leda
Entre os abysmos do país do amor,

Transforma-se o ideal... E então receio
Amarfanhar as petalas de seda
D'essa nevada, melindrosa flor.

Porto, Março de 1884.

VI

AO LONGE

Cançado de viver e de luctar,
Subi a um monte quasi inaccessivel,
D'onde, como num sonho intraduzivel,
Se via toda a terra, o ceu e o mar.

Noite serena e limpida. O luar,
No seu manto de luz immarcessivel,
Dava ás coisas um tom indefinivel,
E alli pôde a minh' alma socegar:

Porque naquelle extenso panorama,
Em que na mesma onda se derrama
A existencia e a alegria, o som e a côr,

Achei como um reflexo vago e puro
Do que ha-de um dia ser o meu futuro
Doirado pelo sol do teu amor.

Porto, Março de 1885.

VII

RUINAS

S'amor non è, che dunque è quel ch'i'sento?
PETRARCHA.

Ás vezes, nos meus sonhos de vidente,
Vem animaes estranhos, monstruosos,
De olhar pasmado, immovel, reluzente,
De cabellos hirsutos, tenebrosos,

Dizer-me, a darem ais mysteriosos:
« Mundo perdido! desgraçada gente!
« Forão-se-vos os deuses piedosos,
« A morte ha-de abraçar-vos cruamente! »

Que me importava que acabasse o mundo
E tudo emfim cahisse no profundo
Abysmo, d'onde alguem jamais se ergueu,

Se a ti, ridente luz da minha vida,
Te não visse ir então tambem perdida
Entre as ruinas lugubres do ceu?

Porto, 3 de Junho de 1885.

VIII

MISANTHROPIA

Quero acabar o resto dos meus dias
Numa beatitude austera e santa,
Num ermo, sob a lagea de uma anta,
Entre crystaes de estalactites frias:

Nas solidões alpestres e bravias,
Onde uma flor não cresce ou ave canta,
Ha não sei què de barbaro, que encanta
E a si attrae as almas arrèdías...

Como nas tardas horas silenciosas,
Quando o manto da noite no ar fluctua,
Repousarei feliz na soledade,

Vendo vir, pelas fendas angulosas
D'aquelle velho monumento, a lua
Dar-me um beijo de paz e de saudade!

Baião, Julho de 1885.

IX

POST MORTEM

Eu sonhei que morrêra, e á sepultura
Me davão, entre archotes e lamentos:
Deus sorria, abençoándo-me da altura,
O Diabo preparava-me tormentos.

Do meio dos cyprestes somnolentos,
Mais negros e hirtos nessa noite escura,
Viu-se então, como a estátua da loucura,
Surgir uma mulher, a passos lentos...

Eras tu, que, de tranças desgrenhadas,
Atravessavas pallida e sentida
A cidade das sombras, alma forte;

E, tendo recebido ás gargalhadas
O meu ingenuo e pobre amor na vida,
Me cobrias de lagrimas na morte!

Porto, 3 de Maio de 1885.

LIVRO SIBYLLINO

(NUNS ANNOS)

2.ª EDIÇÃO

Liebe sey vor allen Dingen
Unser Thema wenn wir singen.
GOETHE.

Ninguem ama, como eu, a poesia das ruinas,
Quando o luar inunda as virides campinas,
E o vento entôa ao longe, entre os rios e as serras,
Vagos cantos, que são o echo de heroicas guerras,
Talvez gritos de amor, ou lagrimas cruentas!
Ninguem ama, como eu, as nuvens pardacentas
Que toldão um sepulcro! as goticas arcadas,
As arvores sem rama, as torres derrocadas!
Ai! que vezes não vou, pelo silencio frio
Das noites hibernaes, só, absorto, sombrio,
Internar-me num claustro ou num castello velho,
Como um frade que estuda as folhas do Evangelho,
Vestido de estamenha, a barba flammejante,
O olhar cahido, a voz rouca, a alma offegante!

Desenha-se-me lá, na solidão das ruinas,
Quando as ondas do luar correm pela campinas,
O quadro do Passado, o longo cemiterio,
Ora esboçado em luz, ora envolto em mysterio:
Como que escuto o rythmo epico das balladas,
Os soluços e os ais das monjas maceradas
Que buscárão a paz da morte nos mosteiros...
Sinto marchar alem os bravos cavalleiros,
Os paladins, a quem, sobre os balcões de rosas,
Sorrião doidamente as virgens suspirosas,
De claras tranças de oiro...

Era uma noite escura.
Ribombava o trovão. Fuzilava na altura,
De quando em quando, um raio. Ó noite do Passado!
Como aquelle que sente o peito golpeado,
E se embrenha, a chorar, nas trevas de um deserto,
A fronte abraseada, o pensamento incerto...
Sombrio visionario, em ti me concentrei.
Delirios de quem ama e de quem sonha, achei
Num templo carcomido, entre estátuas de argilla,
Frageis como a illusão, o Livro da Sibylla.
Pobre templo pagão, já sem aras, nem portas!
Enroscavão-se nelle as heras semi-mortas,

Como a dor que se enlaça a um coração ferido:
Por tecto apenas tinha o azul indefinido
Do firmamento: o chão coberto, alcatifado
De hervas seccas. Ó deus, que assim abandonado
Deixaste o templo teu, sem fieis e sem culto!
Imaginei ainda alli ver o teu vulto
Aureolado a dar oraculos ás gentes
Pela bôca da Sibylla, e ouvi os estridentes
Brados da multidão, em volta agglomerada:
Um trazia um ex-voto, e, com a voz pausada,
Applaudia o teu nome; outro orações erguia...
A toda a hora da noite, a toda a hora do dia!

Appareceu-me depois, como uma sombra informe,
A Sibylla: que dor no olhar de quem não dorme,
E passa a vida inteira a interpretar submissa
A vontade do deus, e a cumprir a justiça
Eterna do Destino! O seu negro cabello,
Como a nuvem que obumbra o Porvir, em novello
Rolava pelo solo; o seu tisnado rosto,
Mais triste do que o alvor das tardes ao sol-posto,
Parecia uma lagea alpestre e descórada,
Que arabescos já teve, e está hoje apagada.

Aproximei-me, em fim, do Livro mysterioso,
Negro livro de pedra. Um clarão radioso
Pairava por sobre elle... E decifrei então,
Ao scintillar do raio, essa extensa inscripção:

« Quem poderá deter no vôo a alma errante,
« Quando, como o fulgor de um raio purpurino,
« Do Futuro penetra as sombras triumphante,
« E se enleva a escrever o Livro Sibyllino?
« Quem poderá deter no vôo a alma errante?

« Ao romper a manhã, como uma flor de neve
« Que no espaço levanta a corolla orvalhada,
« Tão viva, que a fitá-la a vista não se atreve...
« Eu vejo-te no altar das deusas coroada,
« Ao romper a manhã, como uma flor de neve.

« Cântão junto de ti as aves e os poetas
« As ethereas canções de amor que tu inspiras.
« Feliz quem póde assim, ó irmã das violetas,
« Fazer vibrar a um tempo os corações e as lyras!
« Cântão junto de ti as aves e os poetas.

« Nesta vida em que a sombra anda seguindo o homem,
« Como um rio que tudo arrasta na passagem,
« É-nos grato encontrar, nas dores que nos consomem,
« Um sorriso de luz, uma íntima lingoagem...
« Nesta vida em que a sombra anda seguindo o homem.

« Inclina pois a fronte, e escuta essa harmonia
« Que o poeta extrae á lyra, e ao canto tira a ave!
« Sobre o abysmo da vida a nevoa densa e fria
« Raro deixa da luz ver uma réstia suave!
« Inclina pois a fronte, e escuta essa harmonia.

« No meio do oceano, á flor das ágoas mansas,
« Ao canto matinal das languidas Sereias,
« Que, á maneira de um bando inquieto de creanças,
« Acênão, lá de longe, aos montes e ás aldeias,
« No meio do oceano, á flor das ágoas mansas,

« Vê-se ás vezes surgir uma ilha, um continente.
« — Açafate de relva e verdejantes flores.
« Onde o piloto diz á viração dormente
« A magoada canção dos seus crueis amores,
« Vê-se ás vezes surgir uma ilha, um continente:

« No oceano da vida, entre os duros escolhos,
« Tambem ha-de brilhar, que a luz nunca se perde,
« A chamma gloriosa e ardente dos teus olhos,
« Como uma ilha airosa e um continente verde,
« No oceano da vida, entre os duros escolhos.

« Quando o sol vier doirar as ondulantes searas,
« Vôa, ó pomba do amor, que para o bem nasceste!
« Emquanto eu, ai de mim! no ardor das tardes claras,
« Mal poderei olhar a cupula celeste,
« Quando o sol vier doirar as ondulantes searas!

« Deixas sempre, ao passar, um rasto luminoso,
« Em que, do teu olhar á doce claridade,
« Brótão, como num val, pelo Estio calmoso,
« Os lirios da esperança, os goivos da saudade...
« Deixas sempre, ao passar, um rasto luminoso!

« Vôa, ó pomba do amôr! não cesses de voar!
« Como as azas de luz do archanjo da innocencia,
« Hão-de cahir sobre ti as bençãos do teu lar,
« A apontar-te o caminho, a cobrir-te a existencia...
« Vôa, ó pomba do amor! não cesses de voar! »

Ao acabar de ler, no meu enthusiasmo,
Essa grave inscripção, mudo de anceio e pasmo,
E entendi o sentido exacto á prophecia
Que a Sibylla gravou alli na lousa fria.
Já raiava a manhã... Á estrella matutina
Pendia desmaiada a fronte alabastrina.
Terminára a procella. Os passaros e as flores,
Na embriaguez dos sons, na vertigem das côres,
Saüdavão a luz, cheios de amor immenso.
Erguendo os corações ao ceu, como um incenso.
Como o crente que vae, firme no seu rosario,
Na sua fé convicto, a um remoto santuario
Invocar o poder do deus que nunca o esquece,
Fazer-lhe uma oblação, dirigir-lhe uma prece...,
Eu hoje venho aqui, neste solemne dia,
Não trazer-te o collar de estrellas da poesia.
Mas sómente explicar-te o hieroglyphico estranho
Que achei na excavação de umas ruinas; venho
Lá de longe tambem, da minha vida rude!
Por ti, que tens na alma um sacrario. — a virtude:
O sol no olhar; na bôca o aroma da magnolia;
Na voz os sons que exhala ao vento a harpa eolia,
E no esplendor da face as tintas da alvorada:
A Erythreia esculpiu, numa pedra lavrada,

O symbolico enigma, as lettras do destino,
— Monumento sagrado! — o Livro Sibyllino;
Por ti eu o exhumei do chão da antiguidade.

Foi a primeira vez que elle fallou verdade.

5 de Março de 1884.

SUB UMBRA

I

Quando a vi, sôlta ao vento
A madeixa doirada,
Como no firmamento
A luz da madrugada,

Não sei que pensamento,
Que ideia estranha, ousada,
Me assaltou num momento
A alma socegada:

E logo, oh dor sem termo!
Oh rude, incerta vida!
Cahi, martyr do amor,

Como ao longe, num ermo,
A ave cae ferida
Aos pés do caçador.

II

No sombrio futuro
Não sei o que me espera!
Parece, assim escuro,
O antro de uma fera.

Como um porto seguro
A existencia me era:
Que sol sereno e puro!
Que alegre Primavera!

Aonde vae levada
A alma, arrebatada
No turbido escarceu?

De vaga em vaga errante,
Talvez que suba ovante
Do inferno para o ceu!

Porto, 5 de Outubro de 1883.

ARCHEOLOGIA ARTISTICA

Numa vasta montanha, adonde a aurora
Primeiro assoma, e infrene ruge o vento,
Na Persia antiga, levantou-se outr'ora
Um grande monumento

Coberto de legendas laudatorias
Em lingoas que morrêrão sem deixar
Da existencia fugaz outras memorias,
Ou outras provas dar.

Os seculos passárão: dentro em pouco
Desceu o olvido sobre a pedra dura
Onde talvez o espirito de um louco
Delineára a escriptura.

E o ghebar, que soturno e macilento
Ia sentar-se em cima a olhar o ceu,
Já nem sabia em fim se o monumento
Era campa ou tropheu!

Oh! progresso inaudito da sciencia!
Vem o genio e os enigmas interpreta...
Nunca se turva a luz da intelligencia,
Que marcha em linha recta!

Surgiu um mundo novo: outro horisonte
Para a história asiatica se abrio;
Transfigurada paira pelo monte
A alma de Darío.

*

Agora dize lá, ó minha amada:
Quando os sabios achárão tanta cousa
Na superficie informe e desmaiada
De uma esquècida lousa,

Que não acharás tu, se por ventura
Um dia soletrares a inscripção
Que o Amor, numa lingoagem nada obscura,
Me poz no coração?

Porto, 15 de Outubro de 1883.

A SUA IMAGEM

(NAS COSTAS DE UM RETRATO)

> Sweet copy! far more dear to me,
> Lifeless, unfeeling as thou art.
> Than all the living forms could be,
> Save her who placed thee next my heart.
>
> LORD BYRON.

Para onde quer que eu olhe, sempre a vejo:
Na flor que se abre ao claro sol do Estio
Rubra de amor e pejo:
No sol que se reflecte sobre o rio.

Vejo-a sorrir-me quando acaso em sonho
Ao futuro os meus olhos êrgo attento.
— A esse ceu risonho
Que se faz e desfaz no pensamento.

Até, na hora grave e silenciosa
Em que eu estudo, á noite, no serão,
Ella, a imagem graciosa,
Não me abandona, e... ensina-me a lição.

2 de Janeiro de 1884.

EM FIM!

Como a ave, que vae de longe para o ninho
E o estrangeiro que volta ao seu país natal,
Venho-te ver tambem, ó pomba côr de arminho,
Meu norte, meu amor, e meu eterno ideal.

Não sei o que possues de mysterioso e grave,
Que, mal te avisto, sinto occulta fôrça logo
Arrastar-me p'ra ti, p'ra a tua voz suave,
P'ra a tua côr de neve, e teu olhar de fogo!

Adoravel mulher, que Deus canonisára,
Se existisse um logar no ceu de nossos paes
Que pudesse conter, ó existencia cara,
Uma alma tão pura e uns olhos tão leaes!

*

Ás vezes, nesta vida errante em que abysmado
Estudo as tradições e as lingoagens dos povos,
— Vasto mundo que a Sciencia arrancou ao Passado
Para o cobrir de luz, dar-lhe horisontes novos —,

Eu subo casualmente ao alto dos outeiros
Onde a rosa silvestre ergue o calix ao ar,
E entre as covas do gado e a sombra dos pinheiros
Pássão a toda a hora os ventos a cantar:

Outras vezes, sentado á beira do oceano,
Correndo com a vista a amplidão infinita,
Eu digo: « Como és grande, ó espirito humano!
O pensamento em ti, qual outro mar, palpita! »

E nunca, nesta vida errante, encontrei nada
Que te excedesse! nunca! ou nunca te esquèci!
O vento harmonioso, a rosa perfumada,
O irrequieto mar... que é isso ao pé de ti?

Aqui me tens por tanto, ó pomba côr de arminho,
Meu norte, meu amor, e meu eterno ideal,
— Como a ave que já descança no seu ninho
E o viageiro que chega ao seu paiz natal.

Abril de 1884.

LYRA FUNEBRE

2.ª EDIÇÃO

Na morte de minha prima, D. Eugenia Brandão Leite Pereira Cardoso de Menezes

La più ridente stella eri del cielo,
Anima semplicetta e senza velo!

FIORI D'OLTRALPE.

I

Ao vê-la morta, no caixão deitada,
Como eu havia de chorar por ella!
Como eu havia de tremer, ao vê-la!
Linda rosa tão cedo desfolhada!

Naquelle dia a luz da madrugada
Nasceu sem brilho, lugubre, amarella;
E de noite, no espaço, cada estrella
Tinha a fronte pendida, desmaiada.

Estão de lucto agora as violetas...
Quebrae as vossas lyras, ó poetas,
Com saudade d'aquella que morreu...

Podem dizer-me que no ceu descança:
Mas ai! a quem perdeu a fé e a esperança
De que é que serve vir fallar no ceu?

II

Quando ia para a igreja, toda a aldeia
Chorava, ao vê-la assim tão linda e nova
Para sempre arrastada para a cova...
Como uma onda que quebrou na areia!

Nem uma ave na amplidão gorgeia,
Ou ha um arbusto verde que se mova!
Chorava tudo, ao vê-la assim tão nova...
Gemia a Natureza, de dor cheia.

Eu amo a vossa mágoa e sentimento,
Ó aves mudas, silencioso vento,
Da tristeza da morte precursores!

Voou a branca pomba que sorria!
Lá vae levada pela aragem fria...
Vinte e dois annos! Vinte e duas flores!

III

Dizem que ella levava as mãos erguidas,
Na attitude de quem supplíca e chora,
Como as santas e as martyres que, na aurora
Da vida, cahem para o chão pendidas.

Quem viu aquellas faces coloridas,
Que a frieza do tumulo descora!
Quem viu aquellas tranças d'ouro, agora
Pelos ventos da noite desprendidas!

Fugi, sonhos, que no ar andaveis d'antes;
Acompanhae-a nas regiões distantes,
Onde a morte a arrastou e a tem cativa.

Quem sabe? Será estreita a sepultura,
E a eternidade pavorosa, escura...
Mas a imaginação talvez lá viva.

Porto, Junho 84.

SOLENNE CARMEN

Away! away! my early dream
Remembrance never must awake.
LORD BYRON.

Aqui aos pés em fim te deixo commovido
A lyra em que eu cantava os hymnos triviaes
Que uma mulher inspira a um coração, batido
Dos grandes vendavaes!

Como faz pena olhar para o vergel florído
Em que o sonho estendia as azas virginaes,
Na nossa edade de ouro, e achá-lo destruido,
E nada ver jamais!

Outro ideal me attrae a si neste momento,
Pois quem póde cortar ao nosso pensamento
Os vôos de condor?

Adeus! não recuarei na lucta intemerata,
Embora lá ninguem enxugue, — vida ingrata!
As lagrimas do amor!

O ROMANTISMO

Réfléchis ! — La mort est amère
A qui vécut trop doucement.
TH. GAUTIER.

Ninguem teve maneiras mais airosas,
Nem gosou de maiores etiquetas,
Aureolado d'estrellas radiosas,
Do que este velho irmão das violetas.

Tinha por leito a relva dos lenteiros,
E dormia ao relento ao pé das fontes,
Quando a brisa cantava nos pinheiros
E o sol esmorecia sobre os montes.

Amava as solidões, o mar, a lua,
O alvor crepuscular da madrugada,
Dizendo que num astro que fluctua
Via da amante a fronte immaculada.

Vivia da saudade e da esperança,
Como um hallucinado. As cotovias
E o perfume subtil da aragem mansa
Inundavão de amor seus castos dias.

Mas não sentia em volta aquella fôrça
Que faz florir no campo as macieiras,
Agilmente correr a leve côrça,
Rumorejar as ágoas nas ladeiras;

Não via o grande espirito das cousas,
Nem sabia que a alma era uma flor
Que brota dos sepulcros, sob as lousas,
Para depois crescer á luz do amor.

Mais tarde, quando pobre e abandonado
Se viu num mundo novo inteiramente,
Onde o movel da arte é mais ousado,
Pois tudo serve á inspiração potente,

Inclinou a cabeça sobre o braço,
Agonisando entre visões estranhas...
Gemêrão as estrellas pelo espaço,
Abalárão-se as rochas nas montanhas.

Hoje, emquanto doridas e trementes,
As donzellas por elle vão resar,
Como uma procissão de penitentes,
Ao cemiterio, em noites de luar,

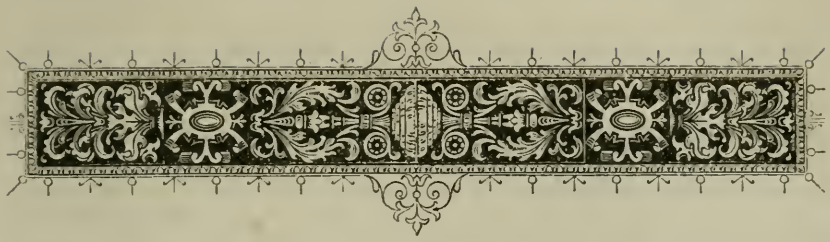
Assoma alem a geração moderna,
Cantando nobres hymnos de victória,
A elaborar uma epopeia eterna
Que em breve offusque as páginas da História...

Já não nasce no oriente o mesmo sol
Entre as pompas da sua realeza,
Ou no ar se escuta o mesmo rouxinol...
Parece transformada a Natureza!

Porto, 1878.

LIVRO II

EPOPEIA



Á aguia nunca basta o ninho em que nasceu:
Escala os montes, desce ao val, percorre o ceu,
Domina o mar, encara o sol, tudo perscruta,
E, num anceio immenso, e numa eterna lucta,
Depois de ter sondado as florestas bravias,
E os antros onde echôa a voz das ventanias
E o druida recitava as fórmulas sagradas,
Morre, martyr do ideal, nas rochas escarpadas.

O homem é maior que a propria aguia altiva.
E, aindaque nasceu tambem na rocha viva,
Sem amparo nenhum, selvagem, desgraçado,
Tendo, em vez de um palacio, um mattagal fechado,

E foi nu, ou envolto em misera roupagem,
Que os mythos concebeu e formou a lingoagem.
As leis, as religiões, o governo, a familia,
Em horas de amargura e noites de vigilia,
Não descançou jamais na encarniçada lucta,
Com o silex na mão, atrás da fera bruta,
Errante, hallucinado... e chaldeu ou egypcio,
Soldado da virtude, idólatra do vicio,
Cavou a terra toda e rasgou todo o mar.

Poeta na velha India, á sombra de um palmar,
Cantando as glórias de Indra e Brahma, junto ao Ganges;
Na Arabia manejando o ferro dos alfanges;
Em Roma gladiador; na Grecia heroe e artista,
Aonde lançou elle a sua larga vista
Que não colhesse logo as palmas da victória
E désse mais um deus ao pantheon da História?

HARPA DA NATUREZA

I

OS ASTROS

Os astros! Fôrão elles os convivas
Do festim secular da humanidade:
Ainda sobre nós lagrimas vivas
Deixão cahir, com íntima saudade...

Que horas felizes, sem eguaes, aquellas
Em que os sabios da antiga Babylonia,
Nas longas noites de pesada insomnia,
Decifravão mysterios nas estrellas!

E os povos vião uma eterna guerra
No curso regular do sol sagrado
Que de mil perolas vestia a terra,
Como sonhando o dia do noivado!

Ah! sim; o mundo todo está bem morto
Depois que o mytho se apagou na altura:
Em vão Christo talvez gemeu no Hôrto,
Como o sol numa noite de amargura:

Que nada vem regenerar a crença
Nos astros bons e santos dos espaços...
Absorto o homem numa esperança immensa,
Nunca mais ha de ao ar erguer os braços!

Essa crença morreu, chamma illusoria,
Embora perfumada de poesia...
O extincto Tabernaculo da Glória
Já o não póde accender uma luz pia!

Mas se a fé se extinguiu, e retumbárão
Contra a phrase immortal de Galileu
Vãs blasphemias, os astros ensinárão
Onde é que existe o verdadeiro ceu.

Porto, 19 de Novembro de 1880.

II

O SOL

Bem sei que em majestosas epopeias
Inspirados poetas te hão cantado,
E que és como um romeiro desvelado
Em procissão aos campos e ás aldeias;

Bem sei que, desde os reinos mais occultos,
Á nobre Iberia, aos areaes do Egypto,
Tiveste templos, orações e cultos,
Sanguinolento, extraordinario rito:

Apesar d'isso e das heroicas festas
Que te conságrão pelo mundo fóra,
De madrugada, á noite, a toda a hora,
Nas montanhas, nos ermos, nas florestas,

Venho accusar-te ao Tribunal da História,
Ó Sol, monarcha e deus nessas alturas:
Porque inundas o ceu de luz e glória
E deixas tantas almas ás escuras.

Guimarães, 27 de Setembro de 1883.

III

A LUA

Que pena, vêres-te assim abandonada,
Tu, que d'antes andavas pelo ar,
Opulenta de glória, a fluctuar,
Como uma altiva deusa coroada!

Os homens, raça vil degenerada
De antigos, nobres crentes, que ao luar
Te adoravão erguida num altar,
Riem-se agora d'essa luz sagrada!

Vae decahindo o vão Naturalismo:
Cavou-se nelle um tenebroso abysmo,
Que, como um tumulo, de nós te afasta;

E não mais cantaremos, flor suspensa,
No alaüde dos poetas da Provença,
Teus raios doces, tua fronte casta.

Porto, 1878.

IV

A NOITE

O nuit, qui fais gémir les hiboux, tes suppôts,
Dans le recueillement de tes froides ténèbres!

ROLLINAT.

1.

É de noite que o crime tem seu culto,
Do assassino brutal nos duros braços,
E as serras, negrejando nos espaços,
Parecem monstros de um aspecto estulto.

As cousas tomão gigantesco vulto,
Prende-se a alma em mysteriosos laços,
E os ceus ás vezes, lugubres e baços,
Dirigem para a terra olhos de insulto.

Mas é tambem de noite que os soluços
Sôão melhor, e os ais dos desgraçados
Achão echos num monte adormecido...

Quantos não andão, pallidos, de bruços,
E com os seus pés nus, ensanguentados,
Buscando assim quem ouça um seu gemido?

2.

Noite! Noite! Se a sombra que te véste,
Qual castigo de infausta divindade,
Aterrou noutro tempo a humanidade
E esconjuros do mundo recebeste:

Se, emquanto no teu seio a flôr agreste
Escondes, nós em mystica saudade,
Alevantamos, cheios de anciedade,
A fronte para a abobada celeste:

E nas campas geladas e sombrias
Os mortos gemem longas elegias,
Por sob os braços morbidos da cruz,

É em ti, Noite, *Espirito do Mal,*
Que a alma sabe tambem o quanto vale
Nas trevas a lembrança de uma luz.

Porto, 24 de Junho de 1879.

V

O VENTO

Nos tempos em que havia crenças bellas,
Que afagavão os seios insoffridos,
Humildemente os homens compungidos
O invocárão nos montes e nas cellas!

Hoje apenas as timidas donzellas,
A quem elle ouve as queixas e os gemidos,
Ousão, á luz dos astros doloridos,
Cantar-lhe á beira-mar canções singelas.

Maruts, Favonios, Zephiros... Quem corre
Atrás de vós, em ancia delirante,
E com um sôpro apaga a vossa essencia?

Os deuses vão morrendo! Só não morre
Á Natureza a alma palpitante!
Sobre a campa dos mythos brota a Sciencia.

Guimarães — 1880.

VI

OS ROCHEDOS

Ao ver-vos assim fixos, arrogantes,
No topo das collinas dominar,
Vem-me á lembrança os craneos dos gigantes
Ou que de algum deus morto sois o altar!

O pobre aldeão que passa, e tudo admira,
Não vos comprehende, ó aridos rochedos!
Mas julga ouvir mysteriosa lyra
Vibrada ahi por invisiveis dedos,

Nessa negra, tristissima prisão
Das Moiras, que outro tempo em vós cativas,
Sáem cá fóra a pentear-se esquivas
Nas noites festivaes do Sã-João...

Sente-se ao longe o reboliço, o gôso,
Cântão os pegureiros mil cantigas,
Emquanto na fogueira as raparigas
A sorte invocão, ao luar saudoso...

Só vós, nessa mudez fria, gelada,
Nessa lugubre sombra sepulcral,
Mais provocaes da virgem encantada
As lagrimas e os gritos, por seu mal!

Como me prende a vossa longa história
E as lendas que com ella andão unidas!
Estaes cobertos de indelevel glória
Nos dolmens e antas, funeraes jazidas;

Déstes a faca e a setta, que os primeiros
Homens, ainda barbaros então,
Manejavão contentes, prazenteiros,
E que mais tarde, ó viva tradição!

Entrárão em sangrentos sacrificios...
Agora mesmo, o camponez, na aldeia,
Quando o raio as florestas incendeia,
Abrindo em toda a parte precipicios,

Adora as pedras que crê vir do ar!
Ó fetiches agrestes, santos vultos,
Quem vos não ha-de com ardor amar,
Se vós nos recordaes extinctos cultos?

E, ficando de edade para edade,
Tendes visto, da vossa solidão,
Seguir a passo lento a Humanidade
No caminho sem fim da evolução?

Paredes, 31 de Dezembro de 1878.

VII

A ÁGOA

..... Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria.....

DANTE.

Como era d'antes pura, socegada,
A ágoa dos ribeiros e das fontes,
Quando espelhava a luz da madrugada
Ou o sol que doirava os horisontes!

Tinha uma voz altiva, imperiosa,
Toda de melodias e de amores;
Os homens, pela tarde silenciosa,
Ião levar-lhe lagrimas e flores:

Choravão junto d'ella debruçados,
Pedindo ao seu espirito um auxilio.
Oh quantas vezes nos florídos prados,
Para a ouvir murmurar, parou Vergilio!

Felizes tempos esses, em que havia
Nos olhos das estrellas mais fulgor,
E a Terra soluçava, quando a abria
O frio alvião do rude lavrador!

Dormião sobre a ágoa as divindades,
Guardadas pela fé de um povo forte,
Os bons Genios passeavão nas herdades,
As almas não temião tanto a morte!

Tudo á revolução em fim se curva:
Morreu Pan, outra nova crença veio.
Ó ágoa, porque estás agora turva,
E ha uma nodoa no fundo do teu seio?

A ágoa diz: « Vós, homens, sois perversos,
Exhalações dos pantanos do crime!
Assim que a luz assoma aos vossos berços,
Logo uma sombra negra vos opprime:

Fui eu quem vos salvou do grande abysmo,
Conspurcando o meu seio immaculado,
Poisque, ao purificar-vos no baptismo,
Trouxe comigo as manchas do Peccado. »

Porto, 11 de Janeiro de 1881.

VIII

O MAR

AO MEU AMIGO, O SR. JOSÉ DE LEMOS DE NAPOLES

O mar não é sòmente o abysmo escuro
Que as fauces escancára ao palinuro
E em seu ventre submerge as náos possantes;
Não é sòmente o pelago medonho
Onde vão sepultar-se, como um sonho,
Os canticos e os ais dos navegantes.

Não é sòmente um luctador fecundo,
Que dentro em si sustenta um grande mundo,
E ás nuvens arremessa as ondas bravas:
Quando se ergue em cyclopica tormenta,
Como um vulcão enorme que rebenta
E ao longe espalha encandescentes lavas:

Traduz no seu bramido estrepitante,
Não a colera immensa do gigante,
Mas o grito do eterno prisioneiro;
Não as pompas altiloquas do imperio,
Mas os hymnos de um lugubre psalterio
Modulados no tom do captiveiro.

Sim, o mar tumultuoso, jaz cativo
Da força universal... Ó monstro vivo,
Em vão á praia soluçando vens,
Monotono, sombrio, desgrenhado!
Qual Prometheu, estás agrilhoado,
E só como elle um Hercules não tens!

Porto, 1878.

IX

AS HERVAS

Os homens dizem: «Nossa fronte erguida,
A topetar co'as nuvens vaporosas,
Parece um deus que leva a luz da vida
A estranhos seres de regiões formosas.

Nella viceja a ideia, e destemida
A ideia tudo abraça, — os soes e as rosas:
Acorda a Natureza adormecida,
Transpõe do ceu as amplidões vistosas.

A Arte! A Arte! A eterna lucta ardente!
E vós, ó hervas? Nossos pés gloriosos
Pisão-vos! Não chegaes a estas alturas...»

Respondem-lhes as hervas tristemente:
«Porém, quando morreis, ó orgulhosos,
Crescemos sobre as vossas sepulturas!»

Guimarães, 25 de Setembro de 1879.

X

AS ARVORES

Á MEMORIA DE MEU PRIMO, O BARÃO DE CASTRO-DAIRE

> O homem prestou culto e honras divinas aos vegetaes; mas essas crenças ingenuas vão desapparecendo com os progressos da intelligencia.
>
> * * *
>
> Todos os seres organisados descendem verosimilmente de uma só fórma primitiva.
>
> CH. DARWIN.

Firmes, na solidão dos verdes prados,
Nos montes ou na flórida devesa,
Porque sois os phantasticos soldados
Que fazem sentinella á Natureza?

Porque, prêsas ao chão pelas raizes,
E os braços levantados para a glória,
Como saudosas deusas infelizes,
Andaes soffrendo o anathema da História?

Pois não tendes acaso, como nós,
Vida, paixões e sentimento e alma?
Quem não escuta uma sonora voz
Nas doces virações da noite calma?

Quem não entende o pranto que choraes
Quando o orvalho vos cobre e inclina ao chão,
E não ouve gemer os vegetaes
No ramalhar das folhas na amplidão?

A flor que em vossos peitos desabrocha
É um sorriso de candida bondade,
Que doma as feras e enternece a rocha,
Como a lyra de Orpheu na antiguidade.

Amae, crescei, flori nas varzeas bellas,
Postoque oppressas de uma lei tyranna,
Ó verdejantes filhas das estrellas,
Desherdadas irmãs da raça humana!

Castro-Daire, 30 de Agosto de 1878.

XI

A FIGUEIRA

AO MEU AMIGO, HEMETERIO ARANTES

Bradava um dia o homem á figueira:
«És bem irregular, defeituosa,
Com essa casca rigida e nodosa
Como de cicatrizes toda inteira.

Falta-te o pomo ideal da laranjeira,
A majestade virginal da rosa...
Por mais que chores, planta desditosa,
O homem prende-te e corta-te...» Ligeira

Ella diz: «Vens da terra, nu sahiste
D'esse seio fecundo que nos cria,
Dando-me a seiva a mim, e a ti o pão...

Fez-nos eguaes a fome, ó homem triste!
Mas minha folha já cobriu um dia
A nudez de teu pae, o velho Adão.»

Guimarães, 24 de Setembro de 1879.

XII

A UM GATO QUE MORREU

> Unhonour'd falls, unnoticed all his worth,
> Denied in heaven the soul he held on earth.
>
> LORD BYRON.

O sol ia cahindo vagaroso
Para trás das montanhas. A tristeza,
Como um vasto sudario luctuoso,
Amortalhava toda a Natureza.

E nada se alterou, quando morreste:
A flor continuou beijando o ar,
As nuvens encobrindo o azul-celeste,
Nas praias a rugir furioso o mar.

Só, emquanto que a Dôr, como um cativo,
Dentro em nós se contorce impetuosa,
E nas mattas o vento brame altivo,
Com uma grande voz calamitosa:

Emquanto os astros na amplidão se somem...
Dizem á Morte os ceus estupefactos:
— Onde se esconde a tua alma, ó homem?
— Para onde vae a vossa alma, ó gatos?

Porto, 18 de Fevereiro de 1880.

XIII

APOLOGIA DO LOBO

AO MEU CONDISCIPULO, J. LEÃO NOGUEIRA DE MEIRELLES

O habito não faz o monge.
ADAGIO POPULAR.

Nas montanhas soturnas e bravias,
Cobertas de urze e giestas amarellas,
Vê-se ás vezes, nas longas noites frias,
Um lobo a uivar, voltado p'ra as estrellas.

Os seus olhos nervosos, refulgentes,
A scintillarem como dois luzeiros,
Tem o fulgor da fronte dos videntes,
A ostentação heroica dos guerreiros:

Pois póde acaso ao lobo alguem negar
As aptidões de um pensador profundo?
Quem sabe? Emquanto ao longe anda a ulular,
Estuda as obras de Proudhon a fundo.

A Natureza educa. O sol radiante,
A arvore verde, graça e luz da aldeia,
O azul-celeste, a nuvem fluctuante,
Tudo contém em si uma epopeia.

O lobo talvez seja um grande artista,
Original espirito do bem,
Philosopho, talvez positivista...
E que jamais se revelasse a alguem.

Quando através dos densos arvoredos
Eu o encontro, nas noites constelladas,
Ou entre as altas cristas dos rochedos
Erguidas para os ares como espadas,

Digo sempre comigo então: — Ó sabios,
Não injuricis o lobo, não fujaes!
Que vae cahir em breve dos seus labios
O melhor dos systemas sociaes.

Porto, 1879.

ECHOS PREHISTORICOS

I

O HOMEM PRIMITIVO

Miseravel, coberto de folhagem,
Habitando as cavernas, assustado
Ao escutar a doce voz da aragem
Ou dos trovões o rancoroso brado:

Rijo de fôrças, falto de coragem,
Num combate cruel, desesperado,
E sempre, que volupia! embriagado
Deante do sangue do animal selvagem:

Ei-lo ahi está... cabello sôlto ao vento,
Aspecto bestial e famulento,
Poucas ainda ideaes aspirações...

Respeitemos-lhe a rustica humildade!
— Sem ti, primeiro pae da humanidade,
Vibrára acaso a lyra de Camões?

Porto, 1878.

II

EDADE DA PEDRA

Arma antiqua manus, ungues dentesque fuerunt.
Et lapides.....

LUCRECIO.

Socegados na paz das suas grutas,
Ou á luz do bom sol, ao pé dos rios,
Os homens, então broncos e arrèdíos,
Trabálhão, com as frontes nunca enxutas,

Em amoldar o silex para as luctas.
Ao longe, sobre os pincaros bravios,
O mastodonte e o leão, de assombro frios,
Rugem! Alma, tambem tu os escutas,

Emquanto emprehendedora, mas selvagem,
A pouco e pouco fórmas a lingoagem,
Os mythos, e abres o ceu á voz dos poetas...

Bem vinda a evolução da humanidade!
Tão perto ainda da animalidade,
Já curiosa as cousas interpretas!

Porto, 21 de Dezembro de 1878.

III

CULTO DO FOGO

Saudemos sobre o altar dos sacrificios
A Agni, que conhece o bem eterno!

HYMNO DO RIG-VEDA.

Descia surdamente a noite sobre as mattas,
E ouvião-se rugir ao longo dos sertões,
Á beira das cascatas,
Os homens e os chacaes, os ursos e os leões.

Uma lucta feroz aquella lucta era,
Um hediondo festim, cruel, sanguinolento!
Aos dentes da panthera
E ao pulso varonil do orango corpulento,

Os troncos colossaes dos velhos arvoredos
Ruião com fragor immenso pela terra...
Faiscavão os penedos,
Chocando-se na furia indomita da guerra.

Mas logo ao ceu subiu o Fogo chammejante,
Acceso pela pedra em folhas e ramadas:
No bosque murmurante
Virão-se em breve arder as plantas perfumadas.

A lucta terminára. Os animaes esquivos
Corrêrão a occultar-se á beira das correntes,
Soltando ais afflictivos,
Cruas imprecações, soluços compungentes.

Só o homem ficou, olhando tudo aquillo
E buscando imitar, com alta intelligencia,
Impassivel, tranquillo,
O natural processo, a rude experiencia.

Eis de novo produz o lume bello e santo:
Inclina para o chão a fronte humedecida
De suavissimo pranto
E adora humildemente a Luz, fonte da vida.

Creado estava tudo. A familia nascêra
Depois, em tôrno ao lar, nas noites invernosas,
Quando uiva ao longe a fera
E o vento açoita e prostra as arvores e as rosas.

Creado estava tudo. E o intimo sentimento,
Erguendo sobre o altar a Agni, o deus jucundo,
Lançou ao firmamento
A arvore mais vasta, o germen mais fecundo:

Porque o Christo, que ainda hoje alegre e triumphal
Nas almas dos christãos a luz e o amor aviva,
É o symbolo actual
Desse mytho sagrado e crença primitiva.

Porto, 1882.

IV

A NAVEGAÇÃO

Huccine mortalis progressa potentia curae!
CLAUDIANO.

É na Edade da Pedra. A nobre humanidade
Desatava ainda então as faxas infantis
E adorava-te, ao ver a tua claridade,
Ó sol, banhando ao longe os montes e alcantis.

Mas, quanto já não tinha andado o pensamento!
O silex, que derruba o urso monstruoso,
O dolmen, onde se ergue á alma um monumento,
O menhir, que alevanta o collo poderoso,

Tudo attesta o fecundo ardor do barro humano.
Quando sorria o sol, a alma tambem sorria:
O homem não navegava as ágoas do oceano,
Mas abençoava a luz clarissima do dia.

É na infancia do mundo. Os velhos animaes,
Os tigres, os leões, as hyenas, os mammúths,
Cançados de luctar com fôrças deseguaes,
Vencidos pela arte, aniquilados, nus,

Dirigírão-se um dia á beira do oceano:
« Ó tu que és mais antigo, ó funebre animal,
Ajuda-nos na guerra ao Pensamento humano,
Expulsemos da terra este egoista, — o mal.

O homem tudo perscruta. As fragas seculares
Cahírão com estrondo horrivelmente ao chão,
E elle já anda até olhando para os mares,
A ver se te subjuga, aquatico leão.

Quebremos com furor o braço do assassino!
Arme-se a Natureza, e expulse o filho ingrato!
Florestas, não cresçaes! Ventos, nem mais um hymno!
Mudez! o homem que venha, e cáia estupefacto!

Tempos depois ao longe ouvia-se o arvoredo
Estalar e dizer: — *Pensamento cruel!*
E o tenebroso mar via, cheio de medo,
No seu dôrso boiando o primeiro batel.

E nas praias de novo os animaes ferozes
Bradavão cruamente ás ondas do oceano,
Com lamentos sem fim, com doloridas vozes:
— Nem tu pódes vencer o Pensamento Humano!

Porto, 2 de Março de 1880.

V

EDADE DOS METAES

Nous tourmentons de nos marteaux
Les Métaux, les divins Métaux.
TH. DE BANVILLE.

Um passo mais na heroica e longa estrada
Da vida social. Homem valente,
Já empunhas, guerreiro omnipotente,
Nas callejadas mãos a fria espada.

E, quando se alevanta a madrugada
Sobre os altos outeiros mansamente,
Tu fazes reflectir a luz sagrada
Em armaduras de metal fulgente.

Triumpho eterno, glória soberana,
A um templo immorredouro te conduz
Entre gritos de guerra crua, insana!

Nada melhor do que o metal traduz
O athletico vigor da raça humana
Nestes combates epicos da Luz!

Porto, 21 de Dezembro de 1878.

VIA SACRA

I

QUADRO BIBLICO

Dixit quoque Dominus Deus: — Non est bonum esse hominem solum: Faciamus ei adjutorium simile sibi.

GEN., C. II.

O mundo era um deserto. Adão sòsinho erguia
Os olhos para o ceu, como buscando o dia
Por que ha muito clamava. A montanha florída,
O mar sereno e calmo: em toda a parte a vida,
Só na alma de Adão um vacuo tenebroso,
Um eterno anciar por infinito gôso:

« Subjuguei, pouco ha, os animaes da terra:
O meu dominio vae desde os valles á serra,
Desde as ondas, no oceano, ás estrellas, nos ares:
Vae desde o Paraiso aos remotos palmares;
Sou um rei sem egual! Cae-me o cabello louro
Por sobre a espadoa nua em longas tranças d'ouro:

Mas falta-me ainda a mim não sei o quê: ó flores,
Vós tendes o perfume, o viço, a graça, as côres.
Por companheira sempre a voz do rouxinol:
Nuvens, tendes o espaço; e tu, ó claro sol,
Imagem de Elohim, tens por throno o universo,
Explendor immortal! Comtudo, quão diverso
Meu destino não é, ó grande Natureza!
Para quem vive só, que importa esta realeza,
Pompas futeis e vãs, que uma aragem supplanta?
A rola que soluça, o canario que canta,
O lirio que viceja alegre nas campinas,
Todo esse Paraiso, essas rosas divinas,
De certo dão belleza e glória á creação:
No emtanto não se acaba a minha solidão!»

Um instante passou. Em breve o hallucinado
E desgostoso Pae surgiu acompanhado
De Eva, primeira Mãe, e primeira princeza,
E disse: «Oh! já nenhuns cuidados me consomem!»

O rouxinol trinou, sorriu a Natureza...
Mas por ventura está preenchido o vacuo do homem?

Porto, 21 de Julho de 1878.

II

NOÉ

1.

Nunca tão bella a vinha se mostrára,
Revestida de cachos e verdura,
Nem o Sol, pae celeste, abençoára
Com tanta luz a Terra, lá da altura.

A aragem que corria era a mais pura,
Aquella madrugada era a mais clara...
Oh! bucolicos tempos da Escriptura,
Quem do abysmo voraz vos despertára!

Noé sahiu ao campo nesse dia,
E, os segredos da vide conhecendo,
Cahiu num somno languido, profundo.

Infeliz barro humano! Quem diria
Que, desde então, Noé ficava sendo
O mais antigo bebado do mundo!

2.

Adormeceu. E a Natureza inteira
Estremeceu talvez nesse momento;
O Sol velou seu rosto, e um duro vento
Fez oscillar as folhas da videira.

Entre as rosadas nuvens da ligeira
Alegria de um sonho vinolento,
Assim nascia a bacchanal primeira,
E o vïcio abria as garras lento e lento.

Noé, ó velho e santo patriarcha,
Antes se submergisse a tua barca,
Do Diluvio no immenso torvelinho!

De que valeu salvar a humanidade,
Se havias de trazer-nos a impiedade,
E a corrupção num copo de mau vinho?

Guimarães, 24 de Agosto de 1879.

III

PARADISUS VOLUPTATIS

2.ª EDIÇÃO

1.

Co'a pompa inenarravel do Oriente,
Em meio de rainhas que agitavão
Thuribulos de incenso rescendente,
E o *Cantico dos Canticos* entoavão,
Numa alegria immensa, indefinída,
Como a luz, — seio uberrimo de vida...

Ao concento da magica harmonia
Das filhas de Hierosólyma sagrada,
Mais doces do que o mel da Samaría,
Mais puras do que o ar da madrugada,
— Pelos jardins do Libano passeia
Salomão, o maior rei da Judeia.

Reclinado no Férculo, medita
Entre os braços da esposa, como a vide
Que se enrosca no olmeiro: — « Ó Moabita,
Teu collo é como a torre de David,
Meu pae e meu senhor; teu seio ardente
Semelha o vinho a borbulhar fremente.

Ó flor como não ha em Galaad:
Já se ouve ao longe a rola nas florestas
E as videiras rebêntão... Quem não ha-de
Gosar de tanta luz, de tantas festas?
Levanta a fronte, e anima-me, ó belleza,
Como o Sol que fecunda a Natureza!

Os meus palacios, de ouro guarnecidos,
Onde deixárão mysticas paisagens
Os melhores artistas conhecidos,
E onde beijei, — miragem das miragens!
De Sabá os cabellos aromaticos,
E vi vencidos grandes reis asiaticos;

Meu nobre throno, de marfim indiano
Trazido nas armadas dos Phenicios;
Meu escudo, meu sceptro soberano,

Honra do bem e látego dos vicios:
Toda essa pompa da grandeza minha
Eu a deponho em tuas mãos, rainha... »

A Moabita ergueu então sorrindo
Sobre o Férculo o corpo delicado,
Tão gracioso, tão languido, tão lindo,
Que, ao vê-lo, Salomão ficou prostrado.
Mais azul explendia o céo do Oriente...
Emtanto, exclamou ella sabiamente:

« Ninguem, talvez, ó rei judeu, eguala
Sobre a terra o teu ouro e os teus dinheiros!
És bello como o cedro; a tua falla
Parece a voz das trompas dos guerreiros:
Só é maior, maior, meu coração...
E tambem te pertence, Salomão! »

*

Desceu a Noite. O Dia explendoroso
Nas trevas mysteriosas se afundou,
Deixando o globo em crepe doloroso,
Como a vista de um deus que se apagou
Na vastidão profunda dos espaços.
O prestito chegára aos reaes paços.

2.

« Ó Moabita, admiração das gentes!
Glória dos céos da Arabia! Eu sou um velho...
Emquanto que na alvura dos teus dentes
Fulgem as perolas do Mar Vermelho;
Eu sou como os desertos resequidos,
Tu o licor que exalta os meus sentidos.

Escuta a minha voz. Que escuro sonho,
Que malignas visões! Não sei que diga...
Baixa até mim o teu olhar risonho,
Teu esposo confórta, ó doce amiga.
Que nuvens tenebrosas hão pairado,
Ésta noite, no leito do noivado!

O SONHO

Nós iamos errantes, descuidosos,
Pelas mattas do Libano frondente;
Os arbustos sorrião gloriosos,
As musicas soavão. Eu contente,
Enlevado no teu amor, ouvia
Das virgens esta grata melodia:

Côro das virgens de Israel

« Entoae o seu nome, ó astros do Infinito,
« Do mar do firmamento, ó ondas triumphantes:
« E vós, cedros gigantes,
« Que excedeis em poder os Pharaós do Egypto!

« Seu nome, augusto e bello,
« Vae desde o mar de Ophir ás praias de Tarshish;
« Desde as costas da India ao monte do Carmello!
« Cantemos Salomão, o rei sabio e feliz!

« Elle fundou Tadmor no meio das palmeiras;
« Dentro em Jerusalem glorificou Jehovah;
« Págão-lhe seu tributo as côrtes estrangeiras;
« Admirou-o Sabá!

« Do mundo conhecido ás praias mais remotas
« As suas glórias vão;
« E em toda a parte os reis tremem das suas frotas,
« E envião prata e ouro ao grande Salomão!

« Repeti esse nome, ó astros do Infinito,
« Do oceano celeste, ó ondas rutilantes!
« E vós, cedros gigantes,
« Que excedeis em poder os Pharaós do Egypto!»

Era o zenith da glória! Tudo quanto
Se póde ambicionar: amor e fausto!
Dos teus cabellos o oloroso manto
Envolvia-me o seio quasi exhausto
De tamanha volupia! Soube então
Quem era na verdade Salomão!

Em tal magnificencia, horrivel choque
Abalou a minh' alma, — negra ideia!
Eu, que algum dia venerei Moloch,
E me perdi nos cultos de Astarteia;

Eu, adepto febril da Idolatria,
E que sou como um astro que irradia:

Achei-me deante de Jehovah, que triste
Me bradava, mas firme e resoluto:
— *Assim teus votos, Salomão, cumpriste?*
Esqueceste-me acaso, ó rei corrupto?
E as florestas ardião... tu, viuva,
Vias os soes cahindo, como chuva...

Acordei: — O que é isto que me enleia? —
Disse, e, por ti chamando, ergui os braços,
Como os antigos sabios da Chaldeia
Á procura dos astros nos espaços:
Então, como uma nuvem côr de rosa,
Abraçaste-me, ó pomba gloriosa.

« Olha pela janella, e vê: a lua
Illumina os teus campos e florestas,
Como uma lampada no ar fluctua...
Deixa as visões phantasticas, funestas!
Abre o paço aos festins! Retumbe a glória!
Dorme! O teu nome viverá na História. »

*

Pelos jardins se escuta harmonia inaudita:
E Salomão, cantando um hymno alegremente,
No collo adormeceu da bella Moabita,
Banhado pelo alvor da lua do Oriente.

Porto, 14 de Agosto de 1879.

IV

CHRISTO A MAGDALENA

Eu perco-me por ti, vaso sagrado
Da Judeia, onde bebe o peccador,
E desabrocha uma sinistra flor
De estranho aspecto e aroma envenenado.

Talvez que os olhos duros do Senhor,
Ó sol de areias de oiro empoeirado!
Vejão nestas palavras um peccado...
Embora! Achei em ti o pão do amor!

Foste o clarão que veiu docemente
Alumiar as margens do Mar-Morto
Aos Magos que o seguírão pelos ceus.

Não ha lago mais limpido no Oriente
Que o teu olhar, por quem chorei no Horto...
E vales bem as lagrimas de um deus!

Porto, 1880.

V

TU ES PETRUS

Através das campinas da Judeia
Ouvia-se o Jordão correr saudoso,
Como uma alma de desejos cheia,
Levada por um vento mysterioso.
Era a hora da sésta,
Gorgeavão as aves na floresta.

Os Apostolos rião em descanço,
Deitados sobre a relva, ao sol divino:
Nas arvores soprava um vento manso,
O ceu estava puro, crystallino.
Ditosa a condição
Dos que vivem em paz na solidão!

Chegou depois Jesus e disse: — «Pedro,
Meu Discipulo e santo Pescador,
Vem sentar-te debaixo d'este cedro,
Longe do mundo e a salvo do calor.
Aproxima-se o dia
Em que tem de cumprir-se a prophecia:

E os homens, oh! jamais se compenetrão
De que os arrasta pela estrada o vicio...
Tu es Petrus, et super hanc petram
Alevanto da Igreja o edificio.
Empunha, Pedro, o açoite,
Não descances de dia nem de noite!»

S. Pedro respondeu com consciencia:
«Tão firme a nossa Igreja ha-de ficar,
Que nem os raios vivos da Sciencia
Poderão nessa *pedra* penetrar.»
E o Progresso não pára
Senão deante das sombras da Tiára.

Porto, 1881.

VI

ANTONIUS, ABBAS

> Multas Diaboli persecutiones tulit, quas vigiliis continuisque precibus superabat.
>
> VITAE SANCTORUM, ed. de 1557.

1.

Havia ja tres seculos que a Terra
Tinha assistido ao Grande Sacrificio,
Tres seculos de lagrimas e guerra
Com a carne, os Infernos e o cilicio;

Tres seculos de luz e densa treva...
O Verbo de Jesus estava escrito,
E, como as náos que o mar ao longe leva,
Elle corrêra da Judeia ao Egypto.

2.

As nuvens, como alvissimos novellos,
Desdobão-se nos vastos horisontes.
Passão as caravanas de camêlos
Pelas veredas dos florídos montes.

Rugem as féras bravas no deserto,
Erguem-se turbilhões de ardente areia:
Em tanto, com o peito a Deus aberto,
Geme, na gruta, o Apostolo da Ideia.

É uma gruta de terra, humedecida
Como o pranto que o Monge tem chorado.
D'alli ressuma o tédio pela vida,
E um bafío de morte e de peccado.

As hervas, sem a luz que os ceus inunda,
E a Natureza eternamente agita,
Mostrão a mesma pallidez profunda
Das maceradas faces do Eremita.

Uma pedra é altar e travesseiro:
Sobra ella o corpo soffre e a alma descança.
Ó velho abbade, ó triste aventureiro,
Custa-te muito cara a flor da esp'rança!

3.

Seminu, empunhando as *disciplinas,*
Rasga o corpo com odio sem egual.
Ennegrecem aquellas carnes finas;
Desespera-se o Espirito do Mal.

Fecha-se o Inferno; o Ceu abre-se todo;
Já sôa ao longe a musica celeste...
—Se has-de ser sempre o vão filho do lodo,
Homem, para que foi que tu nasceste?

4.

« Attende, diz o *Espirito da Treva,*
Chegando attonito á caverna escura.
Não humilhes assim a raça de Eva.
Lê de outro modo as lettras da Escriptura.

Oh ! no Inferno ha mais luz que nesta cova ! »
Continúa a chorar o velho Antão :
Ora afrouxa o martyrio, ora renova.
Não se esborôa o barro vil de Adão.

« Repara : sou a Paz, não sou a Guerra ;
Venho trazer-te enxèrga mais amena.
O homem não dorme bem na fria terra :
Christo morreu ao pé da Magdalena.

Vem gosar. Com os seus braços abertos
Anda o Sol entornando a luz do amor.
Antes ser fera bruta nos desertos,
Do que ser tão contricto peccador ! »

Não ouve o Monge a voz da tentação,
E açoita o corpo livido, chagado:
O sangue negro solta-se em cachão,
Satanaz vae-se embora, horrorisado.

Porto, 24 de Janeiro de 1880.

VII

O THAUMATURGO

Que humildade e que paz! Vivia nos desertos
Sempre fallando em Deus, os braços sempre abertos
A quem vinha beijar a fimbria do seu manto;
Um crente a toda a prova, um verdadeiro santo:
Ao menos toda a gente ao longe assim dizia...
Que vezes não ouviste, ó lua branca e fria,
No silencio da noite, a voz do solitario
Lendo na luz do ceu, como num *Breviario?*
Árvores da floresta, ó mães santas e bellas,
Quantas vezes tambem, ao fulgor das estrellas,
Co'as vossas estivaes ramagens, não limpastes
As lagrimas do velho e o não acariciastes?

Corria já por largo a fama do eremita:
Homem de muito exemplo, uma alma contricta;

Mandava erguer da campa o morto que dormia,
Dava saude ao doente, aos cegos alegria.

As aves, de manhã, trazião-lhe ágoa e pão.

Uma vez (era grande a concorrencia então!)
Subiu a uma columna enorme, e disse: « Oh crentes,
Que vindes de tão longe! Eu sou o sol das gentes!
A vida do Deserto! Estas barbas compridas,
De tanta penitencia estão encanecidas!

Por toda a parte sôa a minha santidade.

Hoje, aqui, ante vós, da lua á claridade,
Em presença do ceu rutilante, infinito,
Quero saber emfim se é verdadeiro o dito. »

Calou-se em oração. Depois, erguendo os braços,
Deu um passo pelo ar, jurando: « Justo ceu!
Se chego ao chão com vida, — então santo sou eu... »

E por terra cahiu, desfeito em mil pedaços.

Porto, 1879.

VIII

NA SEPULTURA DE UM FRADE

Deixae dormir o monge socegado
Na sua humilde e última jazida!
Deixae-o, que estará talvez cançado
Da grande lucta que travou co'a vida!

Foi um guerreiro firme, denodado,
Pois sempre conservou a fronte erguida
Nas batalhas sangrentas do Peccado,
Como uma estátua em marmore esculpida.

Lembrado dos exemplos da Escriptura,
Acostumou-se cedo á sepultura,
Sustentando-se de hervas e raizes...

Ei-lo a final em paz e satisfeito!
Já lhe começão a nascer no peito
Raizes e hervas p'ra outros infelizes.

Porto, 21 de Janeiro de 1879.

IX

OS EREMITAS

Os vossos corações são quaes mortalhas frias
Que envolvem do passado os sonhos deslumbrantes...
Rodeaes, suspirando, as toscas penedias,
Os braços levantaes aos largos ceus distantes!

Prègaes a penitencia, as sombras da clausura,
A pobreza, o silencio, a dôr, — a morte lenta...
E cavaes na Thebaida a cova triste e dura,
Guiados pelo olhar da lua somnolenta...

Mas, se o mundo seguisse o vosso exemplo santo,
Abandonando a vida alegre das cidades,
Os theatros, os festins, todo o mundano encanto,
P'ra vos acompanhar por essas soledades,

Que era o Universo então, pharoes do Christianismo!
Quem iria contar nas epochas futuras
Tamanha abnegação, tão estranho heroismo?
Quem poria o epitaphio ás vossas sepulturas?

Porto, 9 de Abril de 1879.

X

A UM LEVITA

> Confessar a fé com tão manifesta contradicção, não só é crêr em Deus com fé falsa; mas é crêr em Deus á falsa fé, com fé mentirosa, com fé renegada, fé traidora.
>
> P. ANTONIO VIEIRA.

Vem despontando a aurora purpurina.
Ei-lo que passa debulhado em pranto
E envolvido na tragica batina,
Como a noute envolvida no seu manto.

Leva um andar terrivel de doente,
Uma apparencia hostil e sepulcral,
E a corôa reluz sinistramente
Como uma grande chaga social.

Vae prègar a remota freguezia
A palavra solemne do Evangelho:
As velhas dirão bem d'aquelle dia,
As môças dirão mal d'aquelle velho...

Elle trovejará... Todos na igreja
Receberão abalos e torturas,
Emquanto a hostia sobre o altar flammeja,
E Deus o amaldiçôa das alturas...

Fitae-o bem. Seus braços vão cahidos,
Como os do martyr de uma grande ideia;
E aquelles olhos de aguia, amortecidos
Como a pallida luz de uma candeia.

Quanto é porém variado, differente,
Para as vistas do mundo, o tonsurado!
Uns vêem nelle o hypocrita consciente,
Outros unicamente o hallucinado.

Porto, 9 de Agosto de 1879.

XI

MUSICA RELIGIOSA

AO MEU CONDISCIPULO, J. M. BRAZ DE SÁ

Não arrebates mais as nossas almas
Com essas tuas tristes harmonias!
Cahem das mãos dos martyres as palmas,
O seculo condemna as crenças pias.

Noutros tempos mais santos, noutras eras,
Quando, ajoelhado em frente dos altares,
O homem buscava a luz das primaveras
Nas regiões translucidas dos ares,

E o azul-celeste, vago, indefinido,
Reflectia o clarão da Divindade.
— Ó musica sonora —, o teu gemido
Era um confôrto: agora é uma saudade.

Porto, 4 de Julho de 1880.

XII

O DIABO

Maledictus es inter omnia
animantia, et bestias terrae.
GEN., III, 14.

Uma vez ia o Diabo vagaroso
Através de umas altas carvalheiras,
Sombrio, esguedelhado, lamentoso,
Com o espirito morto de canceiras.

E numa voz soturna, concentrada,
Pelo caminho se queixava assim:
« Oh! Como é fria, lugubre a Nòrtada!
Nem o vento tem pena já de mim!

Eu escrevi a historia ao Pensamento,
Habitei nos alcouces da miseria;
Fui as trevas, a luz, o firmamento,
Fui o homem, — o espirito e a materia;

De mim corre uma lenda pavorosa
Nos goticos mosteiros da Allemanha;
Dormi no calix humido da rosa
E nos broncos penhascos da montanha.

Embalei a creança no seu berço
E manejei a enxada do coveiro;
Fiz um dia a romagem do Universo,
Eremitão, poeta, cavalleiro.

Metti-me pelas prégas da batinas,
Nos seios confortaveis das donzellas...
Ás vezes era o dandy das esquinas,
Outras vezes o lodo das viellas.

Quando os reis caminhavão, rodeados
De exercitos ruidosos e sinistros,
Eu punha-me a marchar com os soldados
Ou beijava as medalhas dos ministros.

As igrejas, as salas, as tabernas,
Invocárão-me em criticos momentos...
E agora não me ouvis, almas modernas...
E vós me fustigaes, ingratos ventos!»

*

Responde a Natureza: — Destemido
O Tempo vibra a fouce soberana:
Caes afinal em terra, combalido,
Amargo fructo da razão humana!

Guimarães, 31 de Março de 1880.

XIII

AS CHAVES DO CEU

S. Pedro perdeu as chaves,
Não por falta de juizo...
CANT. POP. PORT.

Com o alarido rouco das batalhas
Rugia a tempestade violenta
Nos montes, que se erguião, quaes muralhas
Cyclopicas, gigantes.
Era de noite. A lua macilenta
Dormia sobre as nuvens ondulantes.

Andavão no ar os deuses poderosos,
Numa revolução contínua, ardente;
Ouvião-se os cavallos espumosos
Do *Caçador Feroz;*
A terra soluçava amargamente,
Ao longe o mar estremecia a sós.

Coberto de profundas ironias,
S. Pedro atravessava, a passo incerto,
As ingremes e vastas serranias...
Que noite má, escura!
As flores não se abrião no deserto,
Não cantavão as aves pela altura.

Encostado ao bordão, ia chorando
As saudades do ceu... talvez amores
Lá de cima, dos astros... Senão quando,
D'entre as espessas brenhas,
Uma voz, cheia de intimos terrores,
Assim lhe disse, echoando nas montanhas:

«Na floresta da noite desterrado,
Onde vaes, velho e santo patriarcha,
Tão roto, tão humilde, tão molhado?»
«— E para onde vou eu?
Perdi ainda ha pouco a minha barca,
E agora as chaves com que fecho o Ceu...

Vi-as cahir; porém tenho corrido
As cidades convulsas, populosas,
O monte, o valle, o córrego escondido...

Ninguem as chaves tem!
Em vão ausculto o coração das rosas,
Ó terra amaldiçoada, ó minha mãe! »

E a vóz disse outra vez: « — Não corras mais
Este mundo repleto de peccados,
De espinhos e impetuosos vendavaes.
Faze-te forte e novo!
Deixa os martyres santos e chagados,
Guia melhor a aspiração do povo!

Por mais que chores, nunca has-de encontrar
As chaves que procuras ancioso,
Pelo ceu, pela terra, pelo mar...
Estranha impertinencia!
Esse thesouro rico, valioso,
Guardo-o eu... »
« — Tu quem és? »
« — Sou a Sciencia. »

Guimarães, 1881.

PANTHEON NACIONAL

I

AS COLUMNAS DE HERCULES

(Periodo mythico)

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterrano.

CAMÕES.

Tempo verrà che sian d'Ercole i segni
Favola vile ai naviganti industri.

T. TASSO.

Como o último adeus de um moribundo
Escondia-se o sol no mar fremente,
Quando, cançado de correr o mundo,
Hercules arribára ao Occidente.

Elle era velho, musculoso, altivo,
Fluctuava-lhe o cabello pelos hombros,
Tinha no olhar um lume ardente e vivo,
Nas mãos a maça que causára assombros.

E, ao lançar para o Calpe a vista, accesa
Nas claridades limpidas dos ceus,
Disse: «A quem é, ó rude Natureza,
Que se submette a colera de um deus?

Non plus ultra! Mais alem não passa
A arte immorredoura...» E nisto o vento,
Como um harpejo de infinita graça,
Trouxe essas vozes, esse pensamento:

«Atira fóra, ó Hercules, a clava,
Mais dura do que as rochas de granito,
Antes que de um vulcão a inflamme a lava,
Ou a dèrrube o pêso do Infinito.

Não queiras ser o dique da torrente:
Dardeje livre a luz em tôrno á vida!
Ao longe, nos extremos do Occidente,
Vae um povo nascer, gente aguerrida,

Que sulque as ondas, que conquiste a terra,
Mundos desconhecidos dê á História,
E, sempre que entre impavida na guerra,
Colha os virides louros da victória.

Navegadores, poetas e soldados,
— A audacia, o genio, o brio, — has-de ainda vê-los
Para lá das Columnas, em mais bellos
Países, nunca d'antes devassados.

Trindade gloriosa do Porvir,
Jamais encontrarás fôrças, que a domem:
Pois o que um deus não póde conseguir,
Consegue-o o braço omnipotente do homem.»

Lisboa, Janeiro de 1882.

II

A CITANIA

(Periodo lusitano)

2.ª edição

AO MEU AMIGO, O SNR. DR. F. MARTINS SARMENTO

Ferrum sibi a maioribus quo urbem tuerentur..... relictum.

VALERIO MAXIMO.

Cançados da batalha fera e crua,
Repousavão nos frios lageados,
Á luz calma e phantastica da lua,
Os barbaros soldados.

Sobre as pedras a antiga crença pia
Delineára symbolos, ideias,
E nisso o povo lusitano lia
Sublimes epopeias.

Ás portas das cabanas circulares
Tinhão fundas, farpões, armas de guerra,
E ao longe, em volta, os Genios Tutelares
Passeavão pela terra.

Dormião. E que doce e leve somno
Assim, á claridade das estrellas,
Quando cahem das arvores, no Outomno,
As folhas amarellas!

Dormião. Porém eis que sôão perto
Ruidos de buzinas e atabales,
Que retumbão na paz d'esse deserto,
Por serras e por valles.

Ouvem-se alegres saudações e festas
Nas faldas da CITANIA, nos caminhos:
Sahem tremendo os lobos das florestas,
As aves dos seus ninhos.

De repente os soldados descuidosos,
(Não fôsse ser um grito de batalha!)
Acordando, corrêrão anciosos
Para o pé da muralha.

Que vêem? Mães, esposas e creanças,
Anciãos de cabellos alvejantes,
Que vem saudar com innocentes danças
As armas triumphantes.

CAMAL, o chefe da guerreira cohorte,
Ergue-se e diz, em pé sobre um rochedo:
«Nenhum de nós jamais temeu a morte,
Ou soube a côr ao medo!

Sim, eu applaudo o vosso bello canto,
Esses hymnos os deuses hão-de ouvi-los!
Cobre-nos tu, ó glorioso manto,
Luz dos astros tranquillos!»

Logo, clamando, os barbaros soldados,
Se entregárão ás danças, á alegria,
Em fileiras, nos vastos lageados,
Á lua branca e fria.

Como um listão de luz, pelas campinas
Deslisava-se o Avus sussurante,
Reflectindo nas ágoas crystallinas
O ceu de diamante.

Briteiros, ao pé da Citania, 26 de Junho de 1881.

III

A CAVA DE VIRIATO

(Periodo luso-romano)

2.ª edição

Lusitanos Viriatus erexit, vir calliditatis acerrimae, qui ex venatore latro, ex latrone subitò dux, atque imperator: et, si fortuna cessisset, Hispaniae Romulus, non contentus libertatem suorum defendere, per quatordecim annos omnia citra, ultraque Iberum et Tagum igni, ferroque populatus, castra etiam praetorum, ac praesidum aggressus, Claudium Unimanum pene ad internicionem exercitus cecidisset, insignia trabeis, et fascibus nostris, quae ceperat, in montibus suis trophaea fixisset.

LUCIO FLORO, *De Roman. Gest.*, ed. de Evora, de 1671, pag. 71.

Muyto o noſſo Paſtor deve eſtimar-ſe,
Porque o sceptro ſubio do vil cajado:
Nenhum com elle pode comparar-se,
Que subiſſe de humilde a grande Eſtado.

B. GARCIA DE MASCARENHAS — *Viriato Tragico*, XI, 7.

INVOCAÇÃO

> Land of the mountain and the flood,
> Land of my sires! what mortal hand
> Can e'er untie the filial band
> That knits me to thy rugged strand?
>
> W. SCOTT.

Salvè, campos beirões, terra sagrada,
Em que, através dos densos nevoeiros,
Resôa á tarde a voz dos pegureiros,
Como um carme de amor d'uma ballada!

Venho cantar a gloria nobre e honrada
D'aquelles velhos, barbaros guerreiros,
Que tinhão por cidades os outeiros,
As cavernas escuras por morada:

Tambem ha epicos brasões na serra!
Oução-me os astros d'esses horisontes,
E as aves que se aninhão pelo matto...

Terra de meus avós, ó minha terra,
Talvez ainda os echos dos teus montes
Saibão dizer o nome de VIRIATO.

I. Lyra de um barbaro

« Á fé dos meus cabellos rudes, pretos,
Á fé dos deuses, nossas crenças pias,
Fragas, como dispersos esqueletos,
Nevoeiros, gelos, lobos, serranias,
Oh! eu prometto ás regiões estranhas
Que hei-de mostrar ao mundo estas montanhas.

Companheiros, sahi das vossas covas,
Onde passaes as noites abrigados!
Vamos buscar ao matto pelles novas
Para vestir os peitos esforçados!
E em volta dos selvaticos rochedos
Estremêção as feras e arvoredos!

Desde as margens do Monda tortuoso
Ao Limia e ao Durius chegue a nossa guerra...
As aguias, do seu ninho pedragoso,
Olhem, cheias de pasmo para a terra!
Antes de vir o italico dominio
Cáião a baixo os pincaros do Herminio! »

Assim fallára o barbaro guerreiro.
Naquelle instante, do escabroso matto
Sahiu um bando rude aventureiro
Em altas vozes a bradar: — VIRIATO!
Vinhão de escudo e de punhal munidos,
Com os cabellos soltos e compridos.

Erão os bravos filhos das montanhas,
Como as pedras nascidos e creados,
Raça fecunda e antiga das Hispanhas,
Germen de heroicos, varonis soldados,
Contra a qual, em batalhas porfiadas,
Véem quebrar-se as lanças e as espadas.

« Ó duros companheiros de Viriato,
Eu como vós sou um pastor tambem,
Que passo a vida á beira de um regato,
Guardando os gados que esta serra tem;
E no meu peito, como um universo,
Palpita o grande amor do nosso berço.

É preciso vingar a vil affronta,
Que Sergio Galba morra ás nossas mãos!
E já que a luz nos corações desponta,

P'ra longe as lagrimas e os rogos vãos!
Montanheses do Herminio: nesta lucta
Não vale o engenho, mas a fôrça bruta.

Vós, que aos ventos e aos frios, sem desdouro,
Labios risonhos, a alma sempre pura,
Co'as vossas barcas de curtido couro,
Rasgaes as agoas da Lagoa-Escura,
Deixareis que uma hoste desabrida
Venha cortar a paz de uma tal vida?

Vós, que em mais bello e luminoso dia,
Ó saudosos, bem-nascidos velhos,
Ereis d'esta montanha a valentia,
Hoje nossos brasões, nossos conselhos,
Quereis que Roma, transpondo estes barrancos,
Venha insultar vossos cabellos brancos?

Ó mães, alegres como a luz da aurora,
Que tendes filhos meigos como as hervas,
E que os andaes salvando a toda a hora
Das feras esfomeadas e protervas,
— Flocos de neve, que o calor consola,
— Mimos que algum bom deus vos deu de esmola:

Quereis que a vossa prole augusta e cara,
Unico auxilio, ás vezes derradeiro,
Vôe nos braços d'essa gente ignara,
Como em bôca de lobos um cordeiro,
E nunca mais ás flôres d'estes montes
Possão servir de inveja as tenras frontes?

Da victima sagrada nas entrânhas
Eu consultei o Livro do Futuro.
Eia, raça valente das montanhas!
Como quem lê na luz, eu li no escuro.
Parece até que as grutas dos outeiros
Retumbão já aos canticos guerreiros.»

De novo assim o barbaro dissera,
Deante dos lusos silenciosos, mudos;
E logo aquella turba sôlta e fera
Começou a bater nos seus escudos:
E como a penha a desabar de um monte,
Sumiu-se tumultuosa no horisonte.

O nevoeiro toldava todo o espaço,
Como um fumo cerrado e persistente;
Uivava o lobo, com ligeiro passo,

Através do sertão, sinistramente:
Nem uma ave de harmonia terna
Voava sobre a fria neve eterna.

E quando a tribu barbara e arrojada
Já ia longe na remota via,
Ouviu-se, como um grito da nòrtada,
A grande voz da patria que dizia:
— Antes de vir o italico dominio,
Sim! cáia a baixo o pincaro do Herminio!

II. O templo de Marte

Não erão só as armas porfiosas
Quem conduzia Roma a vencer tudo,
Mas fôrças mais occultas, poderosas,
Do que os ornatos vãos de um rijo escudo:
A Lei, o Circo, a Lingoa, os Sacrificios
Valião mais que o ferro dos patricios.

Debalde as rudes hordas de Canthéro
Ou as bracaras tropas de Apimano
Tinhão mostrado, num combate fero,
Todo o valor do braço lusitano:

Porque mais vale a ideia que illumina
Do que o furor da bruta indisciplina.

Nas frias regiões que o Monda alaga,
Junto do Herminio asperrimo, alteroso,
(De edade tão remota a historia é vaga!)
Vivia o povo nobre e bellicoso
Dos Lancienses.
As aves da manhã
Enchem o ceu de uma harmonia sã.

Era já a grande epocha chegada
Para a consagração de um templo a Marte.
A glória, esta mulher idolatrada
Que o seu clarão por mil nações reparte,
Desde os confins da Etruria á fera Hyrcania,
Lembrára-se tambem da Lusitania.

Vêem-se alli os áugures de Roma
E o pontifice maximo. N'essa hora
Em que um deus novo os patrios deuses doma,
Das trombetas ao som da voz sonora,
Que largos horisontes sobrehumanos
Se mostravão aos olhos lusitanos!

Purificado estava o impio solo
E *inaugurado* o excelso monumento.
Como ficava bem, erguendo o collo,
Marte, o brumoso deus sanguinolento,
Entre as verdes, dulcissimas campinas,
Qual eterno prenúncio de ruinas!

Ao lado, sobre o chão relvoso e frio,
Jazia morta a víctima innocente,
Um touro manso, louro, luzidio
Como areia que vae n'ágoa corrente.
O seu olhar terrivel e funesto
Parecia vibrar este protesto:

« Religião augusta dos mysterios,
Conheço o que tu és, e quanto vales!
Sabes fazer altares, cemiterios,
E correr sangue pelos frescos valles...
Ó sombra, em toda a parte que tu passas,
Ficão sempre soluços e ameaças! »

Não longe, emtanto, as hostes aguerridas
Dos herminios marchavão anciosas
Por cruentas pelejas mal-feridas,

Por sangue em largas ondas copiosas...
Pois as feras que surgem do deserto
Gostão sempre de ter a prêsa perto.

Aquelles rostos asperos, ardentes,
Aquelles braços grossos e robustos
Erão indicios claros, evidentes
De um povo valoroso, affeito aos sustos
Que as guerras offerecem muitas vezes,
Entre heroicos triumphos ou revezes.

Mas quando já tocava nas muralhas
Dentro das quaes se venerava Marte,
Aquella raça, forte das batalhas,
Tão firme, que jamais nalguma parte,
Que jámais nalgum tempo, duvidára
Combater o inimigo cara a cara,

Ao ver assim as práticas celestes
De um povo estranho, vil, mysterioso,
Cujos antistites de longas vestes
Oravão num tom triste e lamentoso,
— Cahiu por terra, humilde e commovida,
Sem ousar contra um deus expôr a vida.

III. Hispaniae Romulus

Na cidade de Vácua. A noite fria,
Qual Sibylla que as sombras interpreta,
As montanhas fronteiras envolvia
Na sua trança desgrenhada e preta.
Era a hora terrivel em que o vento
Parece o Archanjo-Mau do firmamento.

Em tôrno á *Cava* as legiões romanas
Sitiavão as tropas de Viriato;
Lá dentro as rudes hostes lusitanas,
Em folguedo bucolico e pacato,
Ouvião lyricas canções maviosas
Entoadas em frautas sonorosas.

Os barbaros não tinhão lauta mesa,
Porém bolos de glandes com farinha.
A prodiga e fecunda Natureza

Havia sido misera e mesquinha:
Só lhes déra robustos corações,
Capazes de vencer tigres, leões.

Em meio do jovial festim fraterno,
Um ancião de alvas barbas se alevanta:
« Pelos nossos bons deuses, por Aerno
E Endovelico, — crença pura e santa —,
Eu vos conjuro que escuteis um velho
E sigaes seu benefico conselho.

Aquelle moço altivo e formidavel
Que nos tem a nós outros conduzido,
Sempre aos tiros da morte invulneravel,
Sempre nos altos lances destemido,
É quem hoje merece as honras nossas,
Nestas humildes, miseraveis choças.

Glória por tanto ao capitão valente
Dos montanheses rusticos do Herminio,
Que a todos nos salvou heroicamente
De infamante, despotico dominio!
Oução ao longe as legiões do Tibre
Estes protestos de um paiz que é livre! »

Uma mulher se erguêra, mãe saudosa,
Com seu infante angelico entre os braços:
« Ei-la, Viriato, a arvore viçosa
Que á tua luz vegeta nos espaços!
Eu te deponho aos pés, nobre guerreiro,
O fructo ideal do meu amor primeiro. »

Viriato, contente, recebia
Estas e outras mais súpplicas, geradas
De um grande amor, ao som de uma harmonia
Que excede a das vermelhas alvoradas,
Quando uma deusa, em pé nos altos montes,
Doura de luz os limpos horisontes:

« Os soldados do Lacio estão ás portas
D'esta Cava, de terra construida!
Nossas esperanças, ah! não sejão mortas
Quando vem proxima tão longa vida!
Anime-nos o som dos rudes hymnos
A realidade santa dos destinos. »

Assim que os legionarios estrangeiros,
Pela paz d'essa fria noute escura,
Virão tão resolutos os guerreiros

*

Que elles suppunhão mortos de amargura,
Oh! Juppiter sagrado! ó velho Marte!
Redobrárão de esforço em toda a parte.

E com ordens despoticas, supremas,
Intimavão o exército dos lusos,
Como se o duro ferro das algemas
Ou a alta voz dos generaes intrusos
Pudesse acaso ser por este meio
Motivo de temor ou de receio.

Mas Viriato, altiloquo, eloquente,
Com um solenne brado e brusco gesto,
Dizia: — « Ó gloriosa, ó brava gente,
Ouvis lá fóra o barbaro doesto
D'aquelles que despertão nossa furia,
Assim com odios vis e com a injúria?

Em pé, robustos filhos da montanha,
Costumados á lucta e á tempestade!
Ou hei-de ser o *Romulo da Hispanha*,
Ou acabar-se a nossa liberdade!
Quem tem por deus a força e patria a serra,
Não deve nunca recear a guerra!

«Vamos dizer mais uma vez a Roma,
Ás florestas, aos montes, aos rochedos,
Que a raça dos herminios não se doma
Nem com promessas vãs, nem falsos medos!»
E posto tudo em ordem de batalha,
Mandou abrir as portas da muralha.

Porto, 28 de Julho de 1880.

IV

REI WAMBA

(Periodo luso-gotico)

> « Quando Deos désse na vara que tinha na mão folhas, então seria elle rei de Hispanha: e enterrando no chão o pé da vara, no mesmo instante lançou folhas e flores. »
>
> Cit. pelo P. TORQUATO. — *Memor. de Guimarães.*

Em Egitania havia um homem bom. Lavrava
Os campos em socêgo; a terra, como escrava,
Patenteava-lhe o seio uberrimo, profundo,
E elle colhia ahi o vinho, o pão fecundo,
As folhas com que á noite enramalhava o leito
E sobre as quaes dormia alegre e satisfeito.
Amava a majestade heroica das estrellas,
As blandicias do luar e os cantos das donzellas;
Gostava de vaguear á noite pelos montes
E em delirio abraçar os vastos horisontes,
Que muitas vezes são como um peito vazio...
Outras vezes buscava a fresquidão do rio,

E entre o rumorejar harmonico das plantas,
Ouvindo as rans coaxar ao pé das ágoas santas,
Extasiava-se... e, ao ver a universal grandeza,
Adorava submisso assim a Natureza:

« Ó sol, tu, que és meu pae; terra, que és minha mãe;
Rio, onde eu recebi as ágoas do baptismo;
Árvores, berço meu, meu esquife tambem;
Montanhas d'onde eu vou sondar o fundo abysmo:

Natureza! que mão faz rebentar as flores
E vestir de verdura as nobres oliveiras?
Quem dá ao ceu azul os claros explendores?
Quem enche de saudade as horas derradeiras? »

Depois ia escavar os seccos mattagaes,
Crestado pelo sol das tardes estivaes.
O boi, como um amigo, um confidente eterno,
Dava-lhe de hora a hora um olhar doce, terno...
E ambos, numa união, numa amizade estreita,
Fallavão do calor, da vida, da colheita.
O arado era o brazão d'aquelle gôdo antigo;
O boi um companheiro; o campo um santo abrigo.

Mas um dia apagou o sol os seus clarões.
Chegou uma embaixada áquellas solidões
E disse ao lavrador: « — O Senhor nos envia:
WAMBA, tu hoje és rei de toda a monarchia. »

O novo rei, curvado, olhos estupefactos,
Ao despedir-se em fim dos loiros bois pacatos,
Das campinas, da paz, do lar, do arado rude,
Limpido como o ceu, forte como a virtude;
Ao lembrar-se que nunca ás solidões voltava
Onde elle cultivava os seus torrões, e achava
No mugido dos bois a familiaridade,
E em toda a parte havia a ideal simplicidade;
Ao ver tão de repente este idyllio desfeito
E a roseira do amor murcha sobre o seu peito,
Respondeu-lhe: « — Pois bem, nobres embaixadores!
Se é certo o que dizeis; se o Deus dos lavradores
Manda que, em vez do arado, empunhe o sceptro e a espada,
Ha-de aqui florescer agora ésta aguilhada. »

E, na hallucinação d'aquelle juramento,
O pobre ergueu o olhar piedoso ao firmamento,
Como que a interrogar, que anceio extraordinario!
A vastidão sem fim do espaço solitario:

Que lhe dizia a luz, a nuvem palpitante,
A ave que recorta o ceu num vôo errante,
O vento que parece o hymno de um psalterio?

Por toda a parte o vacuo, o silencio, o mysterio.

Foi então que esse facho interior e santo,
A Fé, o alumiou, e o gôdo com espanto
Viu ao pé d'elle alli, — glória dos lavradores! —
Uma oliveira verde e coberta de flores.

Guimarães, 14 de Setembro de 1879.

V

O REMORSO

(Seculo XII)

AO MEU AMIGO, O SR. CONDE DE MARGARIDE

... o Principe.....
A mãe em ferros asperos atava,
Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!

CAMÕES, — *Lus.*, III, 33.

1.

Qual altiva rainha, a noite arrasta
O seu manto de estrellas coruscantes
Pela amplidão do ceu. Ao longe os rios
Vão murmurando em paz, entre o arvoredo.
Velhos carmes de ignota melodia
Que só o poeta entende, pois só elle
Sabe ler esse livro majestoso
Chamado a *Natureza*...
Para os ares
Ergue o castello, como agudas settas,
As ameias d'onde ainda escorre o sangue

Dos cavalleiros mortos nas pelejas.
Assim firme, sombrio, taciturno,
Entre as ondas do luar que alastra os campos,
O castello feudal é como o espectro,
Que, sacudindo o pó das sepulturas,
Aterra as almas timidas e puras.

2.

Absorvido em profundos pensamentos,
Affonso, o infante português estava
Da janella encostado ao parapeito
No nobre paço em Guimarães. Que noite!
Que perfumes suaves se exhalavão
Das copas dos *leirões,* e das *uveiras*
Carregadas de fructo e revestidas
De folha verdejante! Era no Estio.
Pelas varzeas do Ave, pelos montes,
Pelas moitas selvaticas, o infante
Ia espraiando os olhos, nesse enlêvo
Dos corações ardentes, generosos,
Que á liberdade, á independencia aspirão.

Moço ainda, e no emtanto já se eleva
Ás grandes concepções! Altas façanhas
Medita, olhando a limpida paizagem.
Não o enthusiasma o amor, não o commovem
Os sorrisos travêssos das donzellas;
Esse fogo, que as almas despedaça,
Nunca invadíra o espirito do infante.
Outros prazeres ambiciona: — a guerra.
Outra harmonia aos seus ouvidos sôa:
— O ruido das armas. Linda virgem
Lhe acena das ameias dos castellos,
Virgem de alvas roupagens, seios tumidos,
Corôa scintillante de saphiras,
Fulvos cabellos, vivo olhar: — a glória.
Assim absorto e pensativo, o infante
Cançado adormecêra. Nesse dia
Em Sã-Mamede as armas victoriosas
Entregárão-lhe a posse do condado;
E sua mãe, Dona Theresa, em ferros
Nas lugubres masmorras do soturno
Castello de Lanhoso, emfim já via
Quão fortuito é o poder da monarchia.

3.

Gratos sonhos embalão o espirito
Do moço cavalleiro:
A dura Al-Kassr
Humilha-se ante o gladio reluzente
Dos soldados da Fé; em vez do alfange,
Em vez da meia-lua, a cruz scintilla,
Nuncia de Deus, nas terras transtaganas.
De Chelb os odoriferos pomares,
Os viçosos jardins, os mil thesouros,
Os marmoreos torreões, ei-los cahidos
Nas mãos do infante que recolhe os louros.
Os emires da Hispanha, como escravos,
Beijão-lhe o manto roçagante. As trompas
E os guerreiros tambores enchem o ambito
Dos palacios do Al-Gharb com a toada
Que exalta o nome português. Num throno
De ouro e marfim, sob um docel de perolas,
Affonso dita leis á raça ignobil
Da Arabia. Nem Marrocos, nem Alhambra
Jamais se atrevem a luctar com elle!
Mas, ao fundo do quadro explendoroso,

Assoma um vulto negro: a sua vista
Fere como um relampago: o seu gesto
Ameaçador detem os mais ousados;
Ninguem se lhe aproxima; ninguem vibra
A lança contra elle. Irresistivel
O phantasma caminha para Affonso,
As lagrimas nos olhos, e as algemas
Roxeando-lhe os braços descarnados:
É Theresa, a rainha! Treme tudo.
Affonso, ao vê-la, acorda, — e fica mudo.

Porto, 6 de Outubro de 1883.

VI

O CANCIONEIRO DE D. DINIS

(Seculo XIII)

Este foy paz de Reys, e amor das gentes,
Grande Dinis, Rey nunca assaz louvado.
.....
Regeo, edificou, lavrou, venceo,
Honrou as Musas, poetou, e leo.

A. FERREIRA, — *Poemas lusitanos*, t. II, pg. 148 (3.ª ed).

1.

Bem hajão as canções dos Trovadores!
Como, ao cahir da tarde, quando passa
A viração nos calices das flores,
Um perfume suavissimo esvoaça

Nos jardins silenciosos, e suspensa,
Em doce embriaguez, a alma o aspira:
Assim dos verdes campos da Provença
Veiu soando a harmoniosa Lyra

Para as côrtes dos reis peninsulares.
O amor subjuga a turba enthusiasmada,
E, como um astro que illumina os ares,
Ergue a mulher a fronte immaculada.

2.

Pelas ogivas frescas, graciosas,
Que a arte rendilhou de mil relevos,
— Cavalleiros alegres, damas, rosas,
Da Edade-Media aspirações e enlevos —,

Entra o clarão e a pompa matutina
Nos vistosos salões dos reaes paços...
Chamando os caçadores, a buzina
Retumba e echoa ao longe nos espaços.

Chega ao balcão a dona, aureolada
Do explendor da manhã serena e viva,
Para ver desfilar para a caçada
Dos monteiros a nobre comitiva.

Em baixo, na explanada do castello,
Como pombas de alvissimas plumagens,
Brincão, cantando um doce retornello,
Felizes no seu pouco, os loiros pagens.

Mas já el-rey, o trovador galante,
De quem se o povo lembra, D. Dinis,
Que fez, segundo a tradição brilhante,
Tudo quanto lhe aprouve, quanto quiz,

Curvada a fronte austera sobre a mêsa,
Onde, entre os livros, lhe sorri o ideal,
Intrepretava assim a Natureza,
Numa vaga abstracção sentimental:

« No tempo da frol, quand'o rio craro
« Me sembra cantar, ay meu amor caro,
« Ay mha senhor!

« Quem nom trobará, d'amores cautivo?
« Em vós a pensar oj' eu sempre vivo,
« Ay mha senhor!

« Veede baylando no verde ramo
« A ave contente... Eu que vos amo,
« Ay mha senhor!

« Eu querrey tambem, com doce alegria,
« Loar-vos: ca nom ment' a poesia,
« Ay mha senhor!

« Per quanto bem ei, fremosa beldade,
« Podedes creer que longa soydade,
« Ay mha senhor !

« Que gram coyta mig' anda noyte e dia...
« Juro-vos par Deus e par Santa Maria,
« Ay mha senhor ! »

3.

Nada nos falla e exalta como a crença,
Quando é ingenua e pura ! Ella alumia
O mundo inteiro c' uma luz immensa,
Rescendente de amor e de poesia.

Por isso se ouvem lagrimas e gritos
Ás portas do palacio : « Ó rainha santa,
Vem acudir aos pobres, aos afflictos !
Tudo te adora, te bemdiz e canta... »

E emquanto, na mais triste solidão,
Os mendigos pedião uma esmola,
Ella, a excelsa princeza do Aragão,
Que sempre as almas miseras consola,

Levando no regaço o pão e o ouro,
Atravessa o salão, onde el-rey trova,
Nos *solatz* provençaes tendo um thesouro
De uma harmonia mysteriosa e nova.

Era um vasto salão todo em arcadas,
Cheio de quadros que engrinalda a História:
Firmes soldados, empunhando espadas;
Trovadores leaes: — o amor e a glória.

Entre os escudos e os pendões de guerra
Lá sobresae D. Sancho, espelho vivo,
Em que Dinis, que estima a paz e a terra,
Se apraz rever e fica pensativo.

Affonso de Leão e de Galliza,
Da Virgem fiel devoto, a quem a fama,
Na arte de trovar immortalisa
E, por merito eterno, *Sabio* chama,

Tambem do ornado muro baixa a vista
Sobre o neto que as trovas lhe decóra:
Oh! como é agradavel ao chronista
Saudar na luz as gerações de outr'ora!

*

Mal Isabel entrou da sala a porta,
Os guerreiros tremêrão sobre a téla,
E toda aquella comitiva morta
Se encheu de espanto quando a achou tão bella.

Nunca nenhuma rainha foi amada
Como a santa, que o povo ainda conhece,
E á qual, da mágoa na hora attribulada,
Em holocausto o coração offerece.

Uma alegre doçura indefinivel
Nos labios lhe pairava eternamente,
Como um raio da aurora immarcessivel
Ou uma aria rhythmica e dolente.

« Que levas nessa abada ? »
Distrahido
Do convivio das Musas, a interroga
El-rey com gestos bruscos. Um gemido,
Como de quem se afflige e teme e roga,

Foi a unica resposta ; e, abrindo a abada,
A formosa Isabel, anjo das dôres,
Nuncia do bem, mostrou toda còrada,
O pão e o ouro mudados em mil flores !

O rei, vendo o milagre, com bondade
Diz, osculando à esposa que sorria:
« Fizeste bem! As flores da caridade
Querem-se assim ao pé das da poesia. »

Porto, 2 de Agosto de 1884.

VII

A PADEIRA DE ALJUBARROTA

(1385)

«He célebre ainda hoje a memoria da *forneira de Aljubarrota,* porque levando da ſua pá, que ainda ſe conserva, ſahio tambem á caça de Caſtelhanos, e dizem que á ſua parte matou ſete».

Monarchia Lusitana, t. VIII, liv. XXIII, cap. 40.

Tinha acabado a lucta. Sobre o campo
Descia de vagar a noite umbrosa,
Envolvendo num manto de tristezas,
Feito de maldições e de soluços,
Os corpos dos vencidos, que dormião
Na paz da morte, — lugubres despojos!
Quem pudéra dizer, ha pouco ainda,
Que essas varzeas risonhas e viçosas
Ião em breve ser como um theatro
De sangue, e muito mais, um cemiterio?
Negro e cerrado o ceu. Ao longe os montes

Parecião phantasmas. Não se ouvia
O cantico das aves; simplesmente
Grasnava o corvo na amplidão soturna.
Que pena ver alli na flor dos annos,
Extinctos para sempre, os cavalleiros,
Os donzeis namorados! Nobres lanças
Lá jazião no chão! Pendões de gloria,
Servião de mortalhas aos cadaveres!
O velho veterano encanecido
Estava ao pé do moço imberbe e loiro,
O capitão ao lado do recruta:
É para todos tão egual a morte!

Através do hediondo açougue humano,
Onde a aguia da Morte, abrindo as azas,
Sombria esvoaçava sobre as cousas,
Passou serena uma mulher: sorria
Ao ver por terra os hispanhoes prostrados...
E o seu sorriso ironico, mordente,
Cortava como a espada de um guerreiro.
Era uma aldeã: rosto tisnado e rude,
Sem linhas delicadas; nus os braços;
A saia arregaçada até ao joelho.
Batendo o pé recalcitrante e firme,

E nos ares brandindo dèstramente
Uma pá, santo emblema do trabalho,
Ella disse, com voz repenicada,
Que os echos guárdão e que a Historia archiva:

« Ora bem, que emfim achastes,
Tinhosos cães de Castella,
Repouso após a procella...
Ora bem!

Havieis de estar cançados!
A jornada, violenta...
A lucta, sanguinolenta...
Ora bem!

Somos um povo pequeno,
Mas temos nas occasiões
Bons brios, largas acções...
Ora bem!

Não soffremos que nos venhão
Insultar na propria terra!
Respondemos com a guerra,
Ora bem!

Deixão o lar as matronas,
Deixão o campo as ceifeiras,
Deixão o forno as pàdeiras,
Ora bem!

E ao rebate correm todas
A arriscar-se, Deus nos valha!
Nos perigos da batalha.
Ora bem!

Afinal, cães de Castella,
Vós podeis descançar cá,
Debaixo da minha pá..
Ora bem! »

*

Como que alli então galvanisados
Ao embate da pá rigida e fria,
Erguêrão as cabeças os soldados
Que a morte já desfigurado havia,

E lividos disserão: « Ora bem!
Quando ha odios profundos entre as raças
E cada povo autonomia tem,
Que importão planos, guerras, ameaças?

Na resistencia heroica, verdadeira,
De um país, por tyrannos opprimido,
Mais vale a simples pá de uma forneira
Que todo um grande exército aguerrido! »

Porto, 21 de Julho de 1885.

VIII

GIL VICENTE

(Seculo XV-XVI)

Soffrido em ser desdenhado,
Sempre aberto o coração
Pera receber paixão,
Mas não pera ser mudado.

GIL VICENTE.

1.

Sempre o merito offendido
E o talento perseguido
Por sandeus!
Ameaças de toda a parte
Contra o engenho, contra a Arte,
Contra Deus!

Mas deixá-los no seu rumo!
Tudo acaba como o fumo
Outra vez!

Eu sigo um caminho novo,
Cantando a vida do povo
Português:

As suas crenças singelas,
As suas lendas tão bellas,
— Que ideal!
Onde ha mais graça e harmonia
Do que na propria poesia
Nacional?

Ó mil ambições mundanas,
Intrigas palacianas,
Odios vis!
Ó frade molle e pançudo,
Ó pobre judeu, em tudo
Infeliz:

Tremei! Comvosco hoje acabo!
O onzeneiro que ao Diabo
Se vendeu;
A alcoviteira ardilosa
Que enrodilha maliciosa
Terra e Ceu...

Terão a paga completa...
Não é em vão que o poeta
Ergue a voz!
Fausto, luxo, hypocrisia,
Vêde em mim, quem tal diria?
Um algoz!

2.

Ninguem um culto mais santo,
Num mais fervoroso canto,
Te votou,
Portugal, terra da glória!
Ou tambem a tua história
Mais amou!

Se algum dia, Deus não queira!
Raça barbara, extrangeira
Em furor
Pisar o solo sagrado
D'este paiz, e assolado
Tudo fôr,

Haja ao menos quem me leia:
Nos meus *Autos,* — doce ideia! —
Achará
Um coração escondido:
Da Patria a cada gemido
Pulsará!

Porto, 21 de Julho de 1885.

IX

HEROISMO DA FÉ

(Seculo XVI)

> «E a este modo disse outras muytas cousas co seu fervor & devação custumada.»
>
> F. MENDES PINTO, — *Peregrinações.*

Desde os cabos do Algarve, ás praias do Indostão
Onde Arusha derrama em tudo o seu clarão
E a Primavera eterna abraça ao seio nu
A bayadeira, a filha amada de Vishnu,
Debaixo do docel das vírides palmeiras,
Ante o perfil audaz das legiões guerreiras
Do nobre Rama, ao som dos canticos dos Vedas;
Na Africa, ao murmúrio estridulo das quédas
Do Zaire e do Coanza, em que o feroz selvagem
Dos bons deuses encontra uma ideal miragem:
Em toda a parte, o velho e altivo Portugal
Fazia retumbar o seu nome immortal,
Como um rio que marcha impetuosamente.
No mar em cada fraga, em cada paiz no Oriente,
Levantava um padrão, e nelle o mundo via
A glória, — esta epopeia; a cruz, — esta elegia.

Misero escravo o rei; Christo, conquistador.
O piloto levava a benção do Senhor,
O padre conduzia a nau de guerra. Ao longe,
Ao pé do arnez alveja um hábito de monge.
Quando o echo repetia o grito dos canhões,
Ouvião-se tambem os santos cantochões,
Entoados com fervor, á sombra das florestas,
No delirio pagão das catholicas festas.

*

Andava então na Asia um velho missionario,
Lugubre como a dor, magro como um esqueleto.
Aquella barba branca, o burel, o rosario
Davão-lhe um pavoroso, extraordinario aspecto.

Em roda a Natureza abria-se radiante:
O Ganges desferia um hymno triumphante,
No convivio feliz dos fructos e das flores...
E a terra saüdando a aurora dos amores,
Ao ver-se arborisada, alegre, productiva,
Numa extranha expansão de glória e fôrça viva,
Impellia a passear pelas margens dos rios
Os elephantes bons e os selvagens bravios.

Comtudo o missionario, o ascetico europeu,
Não comprehendia a terra e só buscava o ceu.
Por isso é que elle, emquanto á voz da caridade,
Chamava ao pé de si as turbas da impiedade,
Tambem prègava a morte, a solidão. Queria
Que o selvagem beijasse o pranto de Maria,
Curvasse para a terra humildemente a fronte
E nunca mais erguesse ao limpido horisonte
O livre, antigo olhar...
Revoltão-se os infieis.
E o monge português, em carceres crueis,
Num martyrio brutal, despotico, inaudito,
A cada hora do dia e da noite: — *Bemdito*
O nome do Senhor! gemia e abençoava
O selvagem feroz, astuto que o guardava,
O qual porém cançou-se um dia, e foi, cortou
A mão direita ao monge. A fé não se apagou,
Porque este levantava a mão esquerda, e ainda,
Abençoando o infiel, bradava: *Sê bem vinda,*
Graça eterna de Deus!
O selvagem sorria,
E entretanto, bestial, cortava-lhe a outra mão...
Mas o martyr, banhado em lagrimas, dizia:
— Como hei-de abençoar-te agora, meu irmão?

Porto, 1878.

X

NO RIO ME-KONG

(1558)

> Este receberá placido e brando,
> No seu regaço o Canto, que molhado
> Vem do naufragio triste e miserando,
> Dos procellosos baixos escapado.
>
> CAMÕES, — *Lus.* x, 128.

Salvou-se um livro, o coração de um povo,
Não ainda de lagrimas enxuto,
Mas a cada leitura sempre novo,
Como um chão que não cança de dar fructo.

NATHERCIA! Pela patria andei errante,
Num anceio profundo, mar em fóra...
Em cima o ceu distante,
A meus pés um abysmo a toda a hora.

E que valeu ser martyr de uma ideia?
Talvez nem haja um peito aberto á dor,
Que, assim como eu salvei esta epopeia,
Tambem da ruina salve o nosso amor!

Porto, 1880.

XI

A MORTE DE NATHERCIA

(1558)

2.ª edição

Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Oh ! leva-me comtigo á campa fria.

A. GARRETT, — *Camões*, V, 7.

Camões:

Num largo vôo ousado,
D'esses vôos do espirito do poeta,
Quando *est Deus in nobis*... e esta vida
Parece mais estreita do que um ermo
De velho anachoreta;
Quando o proprio infinito não põe termo
Á imaginação sôlta, insoffrida...

Atravessei o immenso descampado
Das florestas, dos mares e dos montes.
Era manhã. Passavão a cantar
As aves pelo ar,
E ouvião-se correr no campo as fontes.

Entrei no quarto d'ella: sanctuario
De tudo quanto ha puro, bom, augusto,
Desde a hostia encerrada no sacrario
Ao coração de um justo.
Nathercia! Estava morta, desmaiada
Como a rosa innocente
Que outro tempo foi bella, delicada,
E agora lentamente
O aroma vae perdendo, a graça e a côr...
Oh mysterio recondito do amor,
Oh fria majestade do mysterio!
Sonhar um mundo cheio de harmonia
E apenas ver emfim um cemiterio,
Onde, como um phantasma, a cruz sombria
Levanta os hirtos braços!
Se abysmos tem o mar, luz os espaços,
A luz se apague, e eu cáia no oceano,
Pois, que me importa que scintille o ceu,
E alegre cante a ave todo o anno,
Se Nathercia morreu!

Porto, 1882.

XII

ALCACER-QUIBIR

(1578)

> Caso por certo poucas vezes visto, nem ainda pensado...
>
> FR. BERNARDO DA CRUZ, — *Chronica de el-rei D. Sebastião,* ed. 1837, pag. 285.

1.

Márchão os esquadrões: absorta treme a terra.
No espaço silencioso, ao sol da Africa ardente,
Num vivo ceu sem mancha, esta palavra — Guerra!

Como um grito feroz, retumba de repente.
Entoão-na os clarins, as bocas dos canhões,
Os labios marciaes de um rei moço e valente.

Feras do Atlas, rugi pelos vossos sertões,
Lucos, abre a tua agoa ao sangue dos gigantes,
Leva p'ra longe, ó sol, teus limpidos clarões!

Porque não vão erguer-se estátuas triumphantes,
Nem festas levantar-se ao ceu azul e côvo,
Nem nupcias celebrar-se entre alegres amantes:

Vae escrever-se agora um poema extenso e novo,
Proferir-se uma eterna e lugubre elegia,
Cruamente gravar-se o epitaphio de um povo.

A lança e a cimitarra, a espada e a artilheria
Acabarão em fim a empresa sanguinaria,
Levarão Portugal aos trances da agonia,
Como quem leva um morto á campa solitaria.

2.

Os guerreiros, cahindo ao chão, com heroicidade
Abraçavão febris suas espadas de aço,
Como aquelle que abraça as sombras da saudade
Ou dá na amante fiel o seu último abraço.

A morte via assim, crua, impassivelmente,
Com seus olhos crueis, profundos, descarnados,
Aqui, a dôr extrema, heroica de um valente,
Alli, sangue a correr dos troncos decepados.

E Sebastião seguia, impavido guerreiro,
Por entre os esquadrões, qual formidavel onda,
Emquanto o canhão ergue um hymno derradeiro
E a História o accusa já d'aquella lucta hedionda.

Sem forças para ver sua triste ruina,
Ou procurar na treva um deshonroso abrigo,
Vagava doidamente através da campina,
Com a espada na mão, como um heroe antigo.

Mas o ardor acalmou; e achando-se afinal,
Ensanguentado e só, disse, elevando a fronte:
« — Alem, por sob aquelle infinito horisonte,
Ha um deserto immenso, um adusto areal: [1]

Foi talvez noutro tempo oceano fremente,
Derão-se alli talvez pelejas decantadas;
Mais de um athleta alli brandiu o ferro ingente
E illuminou da História as páginas sagradas.

Por lá forão outr'ora indomaveis navios,
Aquelle mar vergou-se ao brado de um guerreiro,
Como hoje estes leões ferozes e bravios
Deverião gemer ante um rei cavalleiro.

[1] O Sahara.

E d'esse oceano já só resta a branca areia,
Como de Portugal só resta um nome vão...
Ó folhas que eu rasguei de uma longa epopeia!
Ó abysmo que abri a uma grande nação!

Guerreiros da India, em pé! Companheiros leaes!»
E correu, arrojou-se impetuoso á lucta,
Calcando, firme, aos pés seus vastos ideaes,
Afogando no peito uma ância absoluta.

E por entre o clangor das trompas gloriosas,
Entre o rugido atroz de um povo hallucinado,
Ao ouvir da artilheria as vozes lamentosas
Levando-lhe, quem sabe? o ultimo soldado,

Sentiu-se então cahir como um cedro gigante,
Ao impulso mortal dos tiros das clavinas;
E, olhando o ardente sol, beijou agonisante,
Com um beijo de fogo, o estandarte das Quinas.

Porto, 4 de Agosto de 1878.

XIII

O ENCOBERTO

(Seculo XVI)

Oh! quem tivera poder
Pera dizer
Os sonhos que o homem sonha!

BANDARRA, — *Trovas propheticas.*

Como quando ao findar um dia explendoroso,
Na Primavera, a noite em seu manto luctuoso
Envolve o céu azul, as varzeas matizadas,
O rio que soluça ao longo das quebradas,
Tudo quanto palpita e tudo quanto gósa:
Assim veiu tambem a guerra tempestuosa
Mergulhar Portugal na valla dos vencidos.

Que importão maldições, dôres, prantos, gemidos,
Os responsos na igreja, as âncias junto á cruz,
Se não se abrem jamais os labios de Jesus,

E ninguem vale a um povo afflicto e desolado,
Que se contorce em vão, misero condemnado,
Entre os gritos e os ais de uma dura agonia?

As tropas de Philippe, o Tigre do Meio-Dia,
Avançavão. Na frente, espectro negro e infausto,
Seguia a Morte hedionda. O país, no holocausto
Da sua liberdade, inerme para a lucta,
Deixava-se morrer, na inacção absoluta,
Beijando no estertor a negra mão abjecta
Do rei que o assassinava... Ó Nunalvres, athleta,
Onde o teu nobre escudo? onde a vossa bandeira,
Gama, Côrte-Real? Nenhuma voz guerreira
Se escuta já pelo ar... Apenas lá distante
Um bando informe avulta, e foge... Delirante
Portugal desmaiava ao pêso da desgraça!
No paço a solidão; deserta a rua e a praça;
O povo em debandada, incerto... Só se via
A fumada e o clarão do incendio noite e dia.

Foi então que surgiu, no horror do cataclysmo,
Como para salvar esta nação do abysmo,
Um Messias, quem sabe? um heroe, um vidente:
Tinha a barba grisalha, o olhar resplandecente,

O gesto imperioso, e o seu altivo brado
Parecia de um sabio ou de um hallucinado.
Dizia:
« Não fujaes, ó almas, que soffreis
Os sarcasmos da dôr e os caprichos dos reis!
Eu sou um montanhês, um simples, pobre artista.
Mas sem mágoa não é que vejo ésta conquista,
Esta infamia... Por isso aqui me tendes. Venho,
Possuido de um fervor e enthusiasmo extranho,
Annunciar-vos o alvor de uma aurora bemdita.
Nasci nessa provincia heroica onde ainda habita
A sombra de Viriato através do nevoeiro,
E, á meia-noite em ponto, o lobo aventureiro
Uiva, pisando a neve. Ó córgos sussurrantes,
Moitas cheias de paz, oiteiros verdejantes
Da minha Beira, ouvi tambem a prophecia
Que eu li entre os fragões, quando me apparecia
Na cerração da nevoa, ao cahir do sincélo,
Frio como a nòrtada e agudo como o gêlo,
Uma ignota visão, de aspecto nunca visto,
Alma de Satanaz, doce imagem de Christo. »

Attonita, admirada, a gente vinha ouvir
Aquelle que lhe abria as portas do Porvir.

O rude visionario assim continuava:

« Não ha-de ficar sempre a nossa patria escrava!
Alegrae-vos: eu vejo, ao longe, no oceano,
Uma ilha encantada, onde o ruido humano
Jamais interrompeu a paz que alli domina;
Á noite, á mansa luz da lua alabastrina,
Divagão pela praia, entre as brancas areias,
No remanso do amor, as languidas Sereias:
O nardo, o benjoim, a palma gloriosa,
O louro sempre-vivo, o cravo, o myrto, a rosa,
Embalsamão o ar de um aroma tão suave
Que essa ilha parece um thuribulo. A ave,
A terra, o vento, o ceu... tudo ao sonho convida.
Não se conhece a morte. É só o gôso, a vida.
Levanta-se um palacio em meio do arvoredo:
Ouro, jaspe, crystal. Tanto fausto põe medo!
Só a imaginação oriental podia,
Ella, que em si contem o segredo e a poesia
Das cousas, egualar as vaporosas Fadas
Que forão no alto mar, sobre as ondas prateadas,
Construir para um Rei, que alli jaz encoberto,
Aquelle paraiso. Ó povos, eis aberto
O horisonte da patria! Em breve haveis de vê-lo,

Nas mãos trazendo um sceptro, assomar loiro e bello
Na enseada do Tejo! E não mente a visão!
Quanto me cérca, diz: — *Sebastião! Sebastião!*
Ei-lo que volta em fim... »
A turba estremecia,
Cheia de crença e fé na grave prophecia,
Como a creança a sorrir quando ouve a toada santa
Das cantigas que a mãe junto ao berço lhe canta,
Em estylo singelo, altiva do seu fado,
Bafejando-a do amor mais candido e mais puro...
E ai do povo, a quem falta um ideal sagrado,
E a esperança não luz, como um sol, no futuro!

Porto, 2 de Agosto de 1884.

XIV

O QUINTO IMPERIO

(Seculo XVII)

> O Padre Vieira, considerando tudo perdido, aconselhava a regente a embarcar a casa de Bragança para o Brazil, abandonando o reino á sua sorte, para fundar na America o *Quinto Imperio*, — de Deus e dos jesuitas.
>
> OLIVEIRA MARTINS, — *Hist. de Portugal.*

Despovoavão-se as ruas da cidade
Para escutar o prègador astuto,
Que, acima da justiça e da verdade,
Fiel á Regra do lugubre Instituto,

Punha sempre a rhetorica fradesca.
Quem não quizera vêr esse inspirado,
Que, numa phrase doce e pittoresca,
Explicava os effeitos do peccado!

Ninguem como elle manejou mais lesto
As armas aceradas da ironia,
O tropo audaz, o syllogismo infesto,
Todo o velho arsenal da Theologia!

Admiravel, nas naves de S. Roque,
Enthusiasmando as multidões alvares!
Baal, Mafoma, Juppiter, Moloch,
Ao seu verbo, cahião dos altares!

Como um theatro a igreja agaloada
Para acolher a côrte e a fidalguia:
Condes, de cabelleira polvilhada,
Escudeiros, de farda luzidia.

Nas suas *Horas* de marfim resava
Uma duqueza muito grave e nedia,
Em tapetes de Rás, em que brilhava
O scenario feudal da Edade-Media.

Onde havia nobreza mais selecta
Do que a nossa, de Deus mais timorata?
Cada frade, embiocado na roupeta,
Andava sempre junto a uma beata.

Enchião-se os logares: não que a crença
Arrebatasse as almas e lhes désse
Um clarão através da noite densa,
Um refúgio, um consôlo com a prece;

Mas porque alli, no mystico intervallo
Das lôas, dos sermões e das novenas,
Corria bem o tempo... Que regalo
Fallar no amor, nas tentações terrenas,

Á pallida donzella que fingia
Absorver-se num extase sagrado,
E que afinal de contas só ouvia
As queixas do seu loiro namorado!

Chamar, — tossindo, p'ra afastar suspeitas, —
Á magra solteirona, que suspira
Entre as ondas de incenso rarefeitas,
Sem descobrir a insólita mentira,

« Nympha gentil, Napeia delicada »
Na linguagem das eclogas balofas...
Todos rião em surda galhofada,
Jogavão chistes e dizião mofas.

Emquanto ao longe tetrica reboa
A voz da guerra negra e violenta,
Os fidalgos, nos templos de Lisboa,
Do amor fazião pia de agua-benta.

Alem d'isso, a palavra de Vieira,
De uma graça ineffavel, exquisita,
Embriagava a turba aventureira,
Como o sabe fazer um jesuita,

Escrupuloso intérprete de Roma,
Com citações latinas de apparato...
Como o selvagem que as serpentes doma
Ao som de flautas e canções do matto.

Elle era um fino rábula: suava,
Gemia, a architectar allegorias,
De tal modo que aos textos arrancava
Novas, extraordinarias prophecias;

E com a mais perfeita consciencia
Do valor do seu sacro ministerio,
Esgotava os recursos da eloquencia
Em pintar as visões do *Quinto Imperio.*

Porto, 25 de Agosto de 1885.

XV

O MARQUEZ DE POMBAL

(Seculo XVIII)

> Que o marquez de Pombal era um homem de vistas largas e de espirito illustrado, não admitte dúvida. Forte de corpo e energico de vontade, tinha as qualidades que exigem os grandes commettimentos.
>
> CONDE DE SAMODÃES, — *O Marquez de Pombal*, pag. 307.

Quando o grande Marquez, expulso, escorraçado
Do Paço, e pelos seus tambem abandonado,
Soluçava no exilio... ao fim da tarde, ás vezes,
Á hora em que o pastor em paz recolhe as rêzes,
E o pobre lavrador, moído de fadiga,
Volta ao lar, onde o espera a sua esposa amiga...
Chegava a uma janella, e alli, pousando a fronte
Na mão, distrahidamente olhava o horisonte

E dizia: « — Nasci numa edade de ferro:
Dá-se ao crime uma palma e á virtude o desterro!
Que importa? Fiz andar tres seculos para deante
A minha patria. Basta... »
E nesse mesmo instante,
Dos olhos do Marquez lentamente escorria,
Como inutil protesto, uma lagrima fria:

« Consciencia nacional, levantei-te da terra,
Mostrei-te o teu destino, e em fim declarei guerra
Á ignorancia negra, ao privilegio vão,
A tudo o que estorvava os vôos da razão:
Pois póde-se encadear o vento assolador,
Que leva a toda a parte as ruinas e o terror,
Póde-se derrubar o cedro omnipotente,
Subir pela atmosphera a adejar livremente,
Reprimir com um dique as ondas do oceano,
Mas nunca refrear o pensamento humano! »

Descia de vagar a noite. Os arvoredos,
Absortos no rumor dos ninhos, nos segredos
Que a sombra traz, ao ar erguião socegados,
Entre as ondas do luar, os braços descarnados.

Ora o povo bestial vae sempre na torrente:
E ao ouvir o Marquez na sua dôr ardente,
Em vez de o consolar, porque elle tinha sido
Muito mais do que um rei, corria em alarido
Á redea sôlta, ousado, estupido, a insultá-lo,
A cantar-lhe canções obscenas e a apupá-lo,
Como no conto antigo o burro lazarento,
Quando o leão soltava o último lamento.

— Fabulistas, sois vós que o facto asseveraes! —

Começára a zurrar, em saltos de entremês,
E a escoucinhar então pela primeira vez,
Sem lhe temer o dente, o rei dos animaes.

Porto, 29 de Agosto de 1885.

XVI

A LIBERDADE

(1832-1834)

A MEU TIO, ANTONIO LEITE CARDOSO PEREIRA DE MELLO

Em versos rudes eu vou
Descrever tua belleza.

ANTONIO LEITE, — *Poesias*, Porto 1838, pag. 13.

Foi o mar alto quem cantou primeiro
Essa epopeia heroica, — a Liberdade,
As ondas arrojando á immensidade,
Num esfôrço supremo, verdadeiro.

De novo echoou depois no mundo inteiro,
Desde o servo, ao ministro, á majestade:
Tremeu na jaula do convento o frade,
A Reacção chorou no captiveiro.

Oh! não é sonho vão, que desfallece
Como os anceios mysticos da prece
E as visões de uma alma pensativa:

Tudo se abala, se esphacela e passa...
No emtanto, sobre as ruinas da desgraça,
A Ideia, como um luar, ficará viva!

Porto, 8 de Julho de 1884.

XVII

O CASTELLO DE GUIMARÃES

Nesses velhos torreões e partidas ameias,
— Oh insultos do tempo! hoje de opprobrios cheias,
Ostentárão outr'ora os seus brios guerreiros,
Junto do conde Henrique, os valentes bèsteiros;
Ahi campeou tambem, impavido, brilhante,
Como um sol alumiando essa edade distante,
Entre os pendões da guerra, um escudo real;
E as trompas marciaes, em hymno triumphal,
Levantárão febris um eterno pregão:
— Combate aos infieis! Sangue! Destruição!
Depois, bem como um mar colerico, inflammado,
Vínhão de toda a parte os servos do condado,

E em volta dos barões poderosos, crueis,
Marchavão todos como uns verdadeiros reis.
Tu, magestoso, rude, athletico, impassivel,
Assistias então a uma peleja horrivel,
Vendo de um lado e do outro as settas pelo ar,
As lanças dos peões alem relampejar
E o cavalleiro erguer a reluzente espada,
Como um raio que corta a escuridão cerrada.

Das janellas, adonde a hera sècca se enleia,
Como uma secular, fortissima cadeia,
Olhárão muita vez p'ra os largos horisontes,
Coroados de azul, recortados de montes,
E para a solidão das varzeas afastadas,
Pelo claro luar das noites constelladas,
Semelhante a um sorriso ideal da Natureza,
Olhárão muita vez, Trastamara e Theresa,
Nessa união e amor das almas primitivas,
Limpidas como um lago e como o fogo vivas.

Ahi tambem talvez Affonso sonharia
Lindos sonhos em que a alma ardente lhe fugia
Por terras de infieis, por castellos de Hispanha,
A correr, a correr, após de glória estranha...

Ahi elle compoz a epopeia sagrada
Da Independencia, — e o echo heroico d'essa toada,
Longinqua, sim, mas bella, escuta-se ainda agora
Em nossos corações, qual musica sonora.
Ahi lançou a um reino uma base feliz
E accendeu o pharol, guia d'este país
Na conquista do mar buscando um mundo novo
E em tudo o que engrandece e nobilita um povo.
Quantas vezes da noite o manto luctuoso
Não surprehendeu o sònho a este rei glorioso!

Porém a evolução prosegue triumphante:
Cahiu o mundo antigo, e o espirito anhelante
Por mais vida lançou-se a novos Oceanos,
Ousado, sem pavor. Nos cerebros humanos,
Fecundo chão! raiou o sol de outros ideaes
Que lento dissipou as sombras medievaes:
Uma metamorphose incessante e completa.

E tu, castello, que és o herdeiro em linha recta
Da nobreza feudal, dos brasões do Passado,
Vês-te na solidão agora abandonado,
E pareces assim um velho sem ventura,
Que tem um pé no ar e o outro na sepultura!

Guimarães, 1 de Setembro de 1879.

XVIII

A ESTÁTUA DE CAMÕES

(*Por occasião dos estudantes de Coimbra inaugurarem a estátua do nosso epico*)

2.ª EDIÇÃO

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.

CAMÕES, — *Lus.*, cant. IV, est. I.

Fomos um dia uma nação valente,
Quando os galeões buscavão o Oriente,
— E os deuses, como uns sóes,
Erguendo os vivos, flammejantes braços,
Abençoavão do alto dos espaços
As frontes dos heroes;

Quando o nosso bom nome venerado,
Nas bocas dos canhões ia levado
Ás praias mais remotas;
E de Guiné, da America e de Goa
Chegava até ás aguas de Lisboa
A esteira de mil frotas.

De tantas glórias, tanta luz brilhante,
Tantos astros de fogo deslumbrante,
Onde jaz o clarão?
Onde o vigor de um país outr'ora forte?
Perguntemo-lo aos carceres da morte,
Aos reis, á Inquisição!

Em vez d'aquella olympica harmonia
Com que solenne retumbar se ouvia
A epopeia de um povo,
Accendêrão-se lugubres fogueiras...
E, soltando suas preces derradeiras,
Ardia o christão-novo.

Os reis, emtanto, oravão nas capellas...
E as luminosas, dulcidas estrellas,
Com os olhos magoados
E as almas, todas candidas, abertas,
Soluçavão de pranto e dó cobertas,
Ao vêr os condemnados.

Mas, das edades no medonho abysmo,
Soou a hora extrema ao despotismo,
Sublevou-se o mar!
Soldados! arrancae vossas medalhas!
Jámais o rouco estrondo das batalhas
Nos poderá guiar!

A Ideia é mais robusta que as espadas,
E as bayonetas de aço temperadas
No sangue dos vencidos!
Nós queremos erguer sem medo a fronte,
Estender para o limpido horisonte
Os braços opprimidos!

Quem nos conduza ás praias do Futuro
Não hade ser um estandarte escuro,
Nem frouxa luz mortiça:
Anima-nos a auréola sagrada
Da grande deusa austera, immaculada,
Que se chama a Justiça.

E hoje altivos, conscientes, orgulhosos
Dos primitivos fastos assombrosos,
E antigas tradições,
Ao surgirmos da barbara indolencia,
Vimos saudar a nossa independencia
Na estátua de Camões!

Porto, 5 de Maio de 1881.

Á GALLIZA

2.ª EDIÇÃO

Como unha queixa que leva o vento,
Cal un sospiro qu'o peito garda.
CARVAJAL, — *O Alalalaa.*

Por ti nos veiu o alaüde da Provença,
Essa toada languida, feliz,
Que trouxe á Iberia uma alegria immensa,
E encheu de enthusiasmo D. Dinis,
—Rei, que doirou de glória a penna, a enxada,
Mais amigo do arado, que da espada.

Emquanto que Isabel mudava em flôres
O pão, para os mendigos consolar,
Elle, o bom rei, cantava os seus amores,
Nos balcões ogivaes, ao manso luar...
O olhar de *Branca-flor* e de *Tristão,*
Envolvia-o na luz da inspiração.

Por ti, cortada flor dos Pyreneus,
Que romagens não houve e procissões!
Que lendas romanescas (alto Deus!)
Alumiadas de celicas visões!
Inda hoje, como um echo dolorido,
— *Sanct'Iago!* — ás vezes sôa ao nosso ouvido.

Eras a Palestina do Occidente,
Peregrinação mystica, ideal:
Por ti deixa o alcaide a guerra ardente,
E vae pelos condados o jogral,
Narrando, junto ás portas dos castellos,
As aventuras d'esses tempos bellos.

Dos altos torreões e das ameias
Vêm escutá-lo as donas namoradas;
Ao longe despovoão-se as aldeias,
Presas do som das marciaes balladas.
Ah! quanto a Edade-Media florescia,
Se a não filasse a negra Theologia!

Ó GALLAECIA, tu dás um largo thema
Ao artista! D'ahi sahiu Camões,
Alma de fogo, synthese suprema

De nobres fastos, immortaes acções,
Cantor de uma epopeia sempre grande,
Onde de um povo a aspiração se expande.

Porque te insultão, lyra das Hispanhas?
Pois não ouvem o grito do Alalálaa
Que os Gallegos entoão nas montanhas?
E que cantiga harmonica o eguala?
Porque atira teus filhos ao desprêso
Quem sente n'alma o mesmo lume acceso?

Quem tem os mesmos usos quotidianos,
Na mesma lingua solta eguaes canções?
— Herdeiros dos valentes lusitanos,
Não differem as nossas tradições:
Antes no campo bellico da História
Possuimos egual quinhão de glória.

Jamais o opprobrio desleal e baixo
Sobre o nome gallego, nosso irmão!
A Justiça levanta o vivo facho
Da federal e ethnica união:
Separados da Hispanha, em dia novo,
Outra vez formaremos um só povo!

Porto, 25 de Maio de 1881.

D. QUIXOTE

Deixae passar o grave cavalleiro,
Vestido de metallica armadura,
Como um heroe, a galopar ligeiro
Para o país do sonho e da aventura.

Vae montado no velho Rossinante,
Banha-o da lua o pallido fulgor.
Dae-lhe logar, ao cavalleiro andante,
Ao visionario mystico do amor.

Onde o vedes, coberto de desdem,
Magro, a morrer de fome e de cuidado,
Elle é um estrenuo defensor do bem,
O mais leal e firme namorado.

Ao contemplá-lo, as nuvens nos espaços
Fórmão-se em grossos batalhões de guerra,
As arvores estendem-lhe os seus braços,
O seu escudo faz tremer a terra.

A todos offerece glória e auxílio
Esse athleta que leva a lança em riste,
Sonhando ora um combate, ora um idyllio,
Pensando em Dulcineia, mudo e triste.

Poucos porém comprehendem a missão
Do grande aventureiro, que á Verdade,
Justiça e Honra consagra o coração,
E se bate com brio e heroicidade:

Eis porque alguem já houve que, admirado,
O chamou doido, ao lêr-lhe a história rara...
E de facto, só um hallucinado
Pelos homens assim se dedicára!

Guimarães, 26 de Setembro de 1883.

OS INUNDADOS DE MURCIA

(Recitada pelo auctor num sarau academico)

Todos luctão na terra: a morte com a vida,
O pobre com a dôr occulta da afflicção;
E foi nessa batalha eterna e desabrida,
Que a Sciencia formulou a lei da evolução.

Mas a nuvem que tolda as virides campinas
Que lagrimas não deixa ás vezes nos espaços?
Quantas vezes não vê o homem sómente ruinas,
E é um rio de sangue o rasto dos seus passos?

A sombra vem, e enlucta a Natureza inteira;
A ideia sobe, e logo um mar convulso a esmaga...
Quando chegará, quando, a noite derradeira?
—Um sol tambem se extingue; a alma tambem se apaga.

Numa penuria tal a Hispanha geme agora.
Emquanto o ceu sorri aos seus predestinados,
E o vento psalmodeia, e a montanha se enflora,
Apértão na cabeça as mãos os inundados!

Longe d'aqui o orgulho, a colera, o egoismo!
Acaso está seguro o dia de amanhã?
Ainda que entre nós e a Hispanha ha um grande abysmo
Aberto pela História, — a Hispanha é nossa irmã.

E assim como é só uma a lei do movimento,
Assim como é só uma a flor da mocidade,
Só uma a luz do sol e o azul do firmamento:
P'ra todos seja egual tambem a Caridade.

Porto, 18 de Dezembro de 1879.

NA MORTE DE VICTOR HUGO

Ha muito tempo já tinha passado á História
O seu nome! Ninguem, como elle, viu a glória
Sorrir-lhe tão de perto, abrir-lhe as azas de ouro,
Aureolar de luz, cobrir de myrto e louro
Aquella fronte heroica, aos astros semelhante!
Ninguem atravessou, como elle, triumphante
Por entre as multidões, que o cobrião de palmas,
Dando-lhe em holocausto os corações e as almas.

Eis porque hoje a tremer, o povo commovido,
Como se lhe morrêra um deus, um pae querido,
Vae, vestido de lucto, em lagrimas banhado,
Ajoelhar nos degraus do tumulo sagrado
Onde dorme o que fez vibrar, poeta austero,
O alaüde immortal que pende, desde Homero,
Valmyki e Moysés, sobre o altar da Poesia!

Sacerdote do Bem, andou em romaria,
Durante a vida inteira, ao templo da Verdade,
A cantar a Justiça, o Amor e a Liberdade.

Aguia da França, cae do pedestal, e chora!
Não mais escutarás a voz firme e sonora
Do apostolo que foi tão bom como Jesus,
Do heroe que succumbiu, luctando pela Luz!

Porto, 23 de Maio de 1885.

O TONEL DE DIOGENES

A MEU PRIMO, ALBERTO BRANDÃO

I

De Corintho nas ruas e nas praças
Erguem-se, ao sol doirado, arcos de flores;
Ondulão grandes massas
De povo, p'ra gosar os explendores
Das festas e dos jogos, celebrados
Em honra de Alexandre e seus soldados.

De toda a parte acodem os poetas
A celebrar a marcha gloriosa
Do vencedor dos Getas;
Tambem corre a nobreza pressurosa...
Sempre que abrem os reis as suas mãos,
Nunca faltão ignobeis cortesãos.

Só não figura Diogenes na turba,
A Alexandre homenagem não rendia!
O rosto se conturba
Ao filho de Philippe; e ésta ousadia
Obriga-o a elle proprio então ir vêr
O sabio que despresa o real poder.

II

Cobre os largos extensa cavalgada
De generaes e capitães valentes;
Levam broquel, e espada,
Como a agua de um lago reluzentes.
Alexandre, de gala revestido,
Commanda aquelle exército aguerrido.

Corintho, flor nascida entre dois mares,
Ostenta mil palacios sumptuosos
E virides pomares,
Cheios de fructos bons, appetitosos.
É de manhã: o sol, do ceu profundo,
Como um amigo pae, abraça o mundo.

III

Tinha chegado a excelsa comitiva
Junto ao tonel. Diogenes estava,
Co'a fronte pensativa,
Aquecendo-se ao sol que o alumiava;
Porque quem traz em calculos a mente
Tambem a fome, a sede e o frio sente.

Alexandre exclamou: « — Não temas nada!
Ninguem busca atacar o teu cynismo,
Violar tua morada!
Existe entre ambos nós um grande abysmo;
Mas venho offerecer-te o que quizeres:
Honras, grandeza, nome, ouro e mulheres... »

Atalhou bruscamente o sabio grego:
« — Foge do sol, que tu não pódes dar...
Respeita este socêgo
Que habita na minh'alma e no meu lar:
Como hade conceder-me a paz e a glória
Quem um lago de sangue abriu na História! »

E Alexandre, vèxado da ironia,
Fugiu, pensando em sua consciencia:
« — Os sabios brilhão como a luz; e é certo
Que os reis ás vezes são nuvem sombria
Que faz ficar nas sombras encoberto
O sol da intelligencia! — »

Porto, 1882.

OS ORACULOS

AO MEU AMIGO, O SNR. OLIVEIRA MARTINS

Entre as ramagens densas e compactas,
Ricas de seiva e fôrça, havia d'antes,
Nas solitarias mattas,
Oraculos, visões;
E ao ruído dos ventos murmurantes
Via-se a luz encher os corações.

De toda a parte vinha a humanidade
Alli buscar allívio ao peito enfermo,
Sorrir á claridade
Que do Olympo descia
Áquella paz dulcissima do ermo,
Nas illusões que dava a prophecia...

O sacerdote abria os longos braços,
E com o olhar sereno, veneravel,
Penetrava os espaços,
Lia nas nebulosas:
Não mais á vista do homem o insondavel,
Ou a sombra das coisas mysteriosas!

Em tudo echoava o grito dos prophetas;
Parava a nuvem p'ra escutar seus ais,
E as lagrimas, repletas
De tristezas e dores;
A pomba estremecia nos pombaes,
Curvavão-se em silencio as mansas flores.

Era assim noutro tempo mais escuro...
Nós hoje tambem vamos apressados
Perscrutar o futuro,
Ebrios de luz e glória,
—Não na voz dos oraculos sagrados,
Mas nas leis que regulão toda a História.

Porto, 20 de Agosto de 1881.

REALIDADES

I

O CEGO

Como um cego que vae de noite, abandonado,
Incerto, a tactear as sombras pela rua,
Alli cae vacillante, aqui braceja irado
Contra Deus, que, accendendo em cima o sol e a lua,

A elle o mergulhou naquella escuridão:
Assim ás vezes vive o nosso coração...

Quando p'ra sempre o amor quebra, chorando, a Lyra,
E com ella se esvae glória, paz e socêgo,
Ai! do que ainda outra vez á luz celeste aspira!
A vida é como a noite, o homem como um cego.

Porto, 1885.

II

O LIRIO

Sobranceiro ao portal de uma prisão soturna,
Desabrochou á luz gloriosamente um lirio:
Desventurada flôr, que tinha alli por urna
O fóco da miseria e a mansão do martyrio!

Dava-lhe o sol em chapa, e o lirio triumphal
Parecia o brasão de um palacio real.

Quantas vezes na vida a negra realidade
Nos faz estremecer nas angústias da sorte,
E emquanto a face ri, — ficticia hilaridade!
Gélão a nossa alma as lagrimas da morte!

Porto, 11 de Agosto de 1885.

III

A AGUIA

Vinha descendo a aguia os pincaros da serra,
Entre as nuvens do ceu, sinistramente baço,
As azas desfraldando ao longe, em tom de guerra,
Como um negro trovão que róla pelo espaço.

Depois cahiu no mar. Tributo funerario,
Estendêrão-lhe em cima as ondas um sudario.

Pára na tua marcha, ó alma impetuosa!
Por mais alto que se erga o egoismo humano,
Abysma-se a final na sombra luctuosa,
Como a aguia soberba ao naufragar no oceano.

Porto, 11 de Agosto de 1885.

IV

O CASTELLO

Conta-se que uma vez um rei omnipotente,
Como todos os reis das lendas, se lembrára
De construir um castello, onde em *dolce far niente*
Lhe corresse a existencia harmoniosa e clara.

Quando porém ao fim chegava o monumento,
Desmoronou-se tudo ao impeto do vento.

Mais infeliz que o rei antigo das balladas,
Anda o homem chorando em âncias, noite e dia,
A apanhar pelo chão as rosas desfolhadas
Das doces illusões da sua phantasia...

Porto, 12 de Agosto de 1885.

V

O DOIDO

Havia numa aldeia um doido, um desgraçado,
Que ás vezes a chorar ia bater á porta
De um cemiterio, á noite, aos gritos, desgrenhado,
A chamar pela mãe que alli jazia morta:

E á sua dor profunda, e á sua voz sombria
De cada vez sómente um echo respondia.

O amante que procura em vão achar piedade,
O que anda desgarrado, ouvir um brado amigo,
O que vive na sombra, olhar a claridade...
Ó doido, ó infeliz, parecem-se comtigo.

Baião, 23 de Setembro de 1885.

VI

O VIOLINO

Quando nelle passava o sôpro da harmonia,
Sentião-no vibrar em doce melopeia,
Como um gato feliz, se alguem o acaricia,
Ergue a cauda rufando, e alegre o dorso arqueia.

Porque é que emmmudeceu agora o violino,
E se toldou de sombra e lucto o seu destino?

Tambem o coração, no ardor da mocidade,
Palpita, até que chega a morte desabrida...
Ei-los na mesma dor immersos, que saudade!
O violino sem sons, o coração sem vida.

Baião, 23 de Setembro de 1885.

O HOMEM

AO MEU CONDISCIPULO, J. DOMINGUES DOS SANTOS AROSO

O deserto é sem fim; e na romagem
Prosegue a humanidade, anciosa, incerta
THEOPHILO BRAGA.

Que longa história a sua! O sol que o alumia
Viu-o chorar no berço, aos gritos, como Orestes;
Depois viu-o crescer... até que emfim um dia
O homem ergueu a fronte ás amplidões celestes.

Levantou a cabeça! E os astros rutilantes
Curvárão-se ante a luz febril do seu olhar.
Rugírão com furor os ventos sibilantes,
Como cativos leões, e parárão pelo ar.

A terra foi medida, e foi sondado o oceano,
—A Natureza chora ao pêso das algemas—,
E a Arte, irradiação do pensamento humano,
Vive crystallisada em limpidos poemas.

Homem, nada excedia o soberano imperio
Da tua intelligencia, aguia que escala o ceu,
Se não andasses sempre ao pé do cemiterio
A bradar como Job: — Para que nasci eu?

Porto, 22 de Fevereiro de 1879.

NA BRÉCHA

I

ONDE ESTÁ DEUS

AO MEU AMIGO, O SR. DR. JULIO LOURENÇO PINTO

« Onde está Deus? » — Assim eternamente
O homem pergunta ao monte e á penedia:
Nada lhe diz ao certo a Theologia
Pela bôca do Papa omnisciente.

A Terra, a *Dea Mater,* noite e dia,
Para o saber, combate inutilmente:
Vãs estátuas de barro, oh pobre gente,
Nenhuma luz jámais vos alumia!

« Onde está Deus? » — conclama a flôr e o astro,
Moysés, Mahomet, Confucio, Zoroastro,
Apostrophando as sombras pelos ceus...

Todos repetem a pergunta estranha;
E só de espaço a espaço na montanha
Responde um echo triste: « Onde está Deus? »

Porto, Janeiro de 1881.

II

QUID IGNOTUM

AO MEU CONDISCIPULO, JOSÉ DA CUNHA

Na encosta das montanhas escalvadas
O ruído da tarde esmorecia...
As pombas bravas, em feroz orgia,
Voavão, de desejos retalhadas...

Áquella hora phantastica do dia
Tudo tinha apparencias desusadas:
Ríão-se as Bruxas longe ás gargalhadas,
A verdura das arvores tremia.

Quem deu a côr ao ceu, a fórma á vida,
E faz correr a ave espavorida?
Então busquei saber, ancioso e mudo...

Baldado esfôrço de uma alma escrava!
Cada vez mais a noite se fechava,
Até que as sombras envolvêrão tudo.

Mogadouro, Setembro de 1884.

III

NO CEMITERIO

AO MEU AMIGO, ADOLPHO SALAZAR

Era uma noite lugubre de Outomno.
Os ventos não passavão como d'antes,
Através do arvoredo, murmurantes:
Jazião mudos num pesado somno.

Entre os cyprestes tristes, negrejantes,
E as hervas que murchavão no abandono,
Corrião, como magros cães sem dono,
Os phantasmas da morte, soluçantes.

Sentiu-se então estremecer o mundo...
Não mais se ouvírão, pelo ceu profundo,
Ás aves os sonoros estribilhos...

E a campa disse ao homem com alarme:
— Gastas a vida toda a edificar-me,
E deixas obra ainda para os filhos!

Guimarães, 1881.

IV

ANIMA IMMORTALIS

AO MEU AMIGO, AMADOR DE MORAES

A alma vôa nas grandes claridades
Do perpétuo, ineffavel firmamento,
Arrancada ao abysmo das edades,
Como um fossil a um velho sedimento.

Alguem que a sinta, e a veja firme, attento,
Seguir na estrada recta das verdades,
Como nuvem levada pelo vento,
Negará os seus dons e qualidades?

Oh! immortal é ella, como o lume
Que em labareda irrompe de um vulcão...
Immarcessivel como um lirio ethereo...

Á flor, quando se esvae, resta um perfume;
O fogo deixa as cinzas pelo chão,
E do homem fica o pó no cemiterio.

Porto, 1881.

V

MOCIDADE

A MEU PRIMO, HENRIQUE GUEDES PEREIRA LEITE

Quem nos prohibe caminhar avante?
Quem nos tolda de nuvens a atmosphera?
A História é como um seio fecundante,
Cheio de fogo, adonde o heroe se gera.

Mergulhemos as almas todo o instante
Nessa chamma viril que as regenera,
E, num sagrado ardor febricitante,
Procuremos a eterna Primavera.

Nos nossos peitos não se apague a vida,
Nem cáia a nossa fronte, esmorecida
Sob o lenho pesado de uma cruz!

O homem não morre; a luz foi sempre bôa...
E se Sátan o mundo amaldiçôa,
É que elle nunca soube o que era a luz!

Porto, 1878.

NATURA-MATER

AO MEU CONDISCIPULO, JOAQUIM DE CARVALHO E SILVA

«Porque é que me roubárão o meu filho,
A pequenina flôr?
Nem que o sol não tivesse no seu brilho
Ondas de vida e amor,

«E fosse necessario, lá na altura,
Mais um astro a brilhar!
—Triste mãe, que a uma fria sepultura
De joelhos vae chorar!

«Nem que ás aves que vôão na atmosphera
Faltasse voz maviosa!
Ou os campos, na verde Primavera,
Quizessem outra rosa!

« Homem, empunha firmemente a espada,
E mata o teu algoz!
Deus, occulto nas trevas, não vê nada
Do que se passa em nós;

« E andão as pobres mães, a todo o instante,
A gemer sem confôrto,
Cuidando ouvir nos ais de ave que cante
A voz de um filho morto! »

*

Assim, coitada! blasphemando em vão,
Perdia a última esperança...
Morria... desatando pelo chão
A sua negra trança.

Nas ancias derradeiras, com tristeza
Dizia: « Ainda bem!
Has-de chorar por mim, ó Natureza:
Como eu, tambem és mãe. »

Porto, 6 de Maio 1880.

NA PENITENCIARIA

AO MEU AMIGO, O DR. A MAIA MENDES

Nunca o sol penetrou naquelles corredores
Tão frios como o inverno. Os passaros e as flôres
Tremem de erguer alli essa prece singela
Que em aromas se evola e em canções se revela.
Que triste solidão entre as cellas escuras
Dos subterraneos, como informes sepulturas,
Onde o ar se não renova e o prêso acorrentado,
Annos e annos sem fim, definha abandonado
Da familia, dos seus concidadãos, de tudo!
Inerte, pensativo, hallucinado, mudo,
Esquece-se talvez até da propria lingoa
Que na infancia aprendeu, e desespera á mingoa
Dos sorrisos de luz de uma mulher. Embora
Lhe dessem outra vez a liberdade, e a aurora
Lhe enchesse o coração de amor, jamais podia
Num cantico saudar com enthusiasmo o dia!

Passárão-lhe as canções infantis do seu berço,
Nem sabe já chorar! Errante no Universo
Sería um desherdado, um misero extrangeiro!
A aldeia verdejante, o rio, o valle, o outeiro,
Nada conheceria... O ceu sombrio e baço:
No chão nenhuma flôr, nenhum astro no espaço.
As trevas, o silencio e os muros da prisão
Arrancárão-lhe, em fim, do peito o coração:
E elle desnorteado, indómito, irrequieto,
Onde repousaria? Aonde iria? Abjecto,
Coberto de ignominia, hediondo, sem abrigo,
Havia de apupá-lo o garôto, o mendigo!
Quando entrou para lá, coitado, era um doente:
Pedia compaixão, chorando amargamente,
Mas derão-lhe a cadeia, em vez de um hospital:
Em vez da medicina, o Codigo-Penal
Agarrou-lhe no braço, e arremessou o pária
Para esse antro chamado — *a Penitenciaria.*
Que importava sahir de novo para a rua,
Ver outra vez o sol, ver outra vez a lua
Que entre nuvens no ceu silenciosa dorme?
D'antes era um doente, agora um monstro enorme.
E se um dia viesse o inimigo armado
Conquistar o paiz, o pobre expatriado

Nem se defenderia, e como um vil traidor
Prostrar-se-hia, covarde! aos pés do vencedor!

Nunca o sol penetrou naquelle cemiterio.
Reina lá dentro a paz de um convento. O mysterio
Cobre de um negro véu todo aquelle recinto,
Simulacro fiel de um grande mundo extincto.
E todavia a flor gloriosa da Arte
Perfuma tudo aquillo, ostenta em toda a parte
O seu ouro, o seu brilho, a sua realeza,
Nos tectos, nos torreões, nos pateos... Que grandeza!
Porém, eu te detesto, ó Arte soberana,
Quando insultas assim a liberdade humana.

Lisboa, 8 de Abril de 1884.

O MARTYR

Tinha chegado o entêrro ao cemiterio;
Gallegos empunhavão os archotes
Alumiando o prestito funereo;
Não se ouvião chorar as carpideiras,
Nem a pausada voz dos sacerdotes
Erguia vãos lamentos;
Unicamente as folhas das roseiras
Tremião sobre os tumulos, e os ventos
Passavão n'amplidão
A cantar esta funebre canção:

« Foste um martyr em vida: mas que importa?
Se os grandes te expulsárão com furor,
O cemiterio abriu-te a sua porta...

E has-de dormir em paz entre as raizes,
Ao pé dos vermes, triste sonhador,
Que amavas as visões
E consolavas sempre os infelizes!
Quantas vezes, por lá nas solidões,
O espirito ruím
Te annunciaria tão estranho fim?

« Morrer ao desamparo! Nesse dia,
Em que déste o soluço derradeiro,
As velhas (ah! maldita prophecia!)
Escutárão nas beiras dos telhados
E nos cunhaes das casas o agoureiro
Grito do mocho escuro:
Ninguem perdôa aos pobres desgraçados!
O presente, o preterito, o futuro,
São negra biblia infausta
De miserias e insultos nunca exhausta!

« Tambem não levas, p'ra passar a barca
Da eternidade, a moeda piedosa,
Que a crença (que comtigo foi tão parca!)

— E crença vinda de remotas eras
Na tradição poetica e formosa, —
Costuma aos mortos dar!
É certo que isso são velhas chimeras
Que o Progresso arrebata pelo ar:
Porém, apraz-nos quando
Todos amão o pobre miserando. »

O coveiro, no emtanto, homem rude,
Mais prático e mais duro que a poesia
Que se exhala das cordas do alaüde,
Nem suspirou ao ver na sepultura
O morto envolto na mortalha fria...
Antes, brandindo a enxada,
Brilhante como um raio que fulgura,
Soltou uma aguda e barbara risada:
— A terra tanto come
O craneo ao rei, como ao villão sem nome!

Lisboa, Março de 1883.

DIES IRAE

Homens de pouca fé! não tenhaes susto
Fecunda é essa treva e essa ruina.

A. DE QUENTAL.

Ha muito que se escutão das trombetas
Os gritos a rebate,
E proclamão os pallidos prophetas:
« É o dia do combate!

« Avante, soldadesca! haja heroismo
« Nas vossas rudes almas!
« Primeiro tendes que saltar o abysmo,
« Depois colheis as palmas. »

Anda uma vozeria pelos montes,
Nos valles e na serra,
E lê-se nos toldados horisontes
Ésta palavra « Guerra! »

Que são tantos aprestos? Certamente
A patria corre perigo;
Algum medonho exército inimigo
Ameaça a nossa gente...

Oh! não! é outra lucta, é outra guerra
Mais crua e encarniçada:
Alue-se o Mundo-velho, treme a terra
Ás trevas abraçada!

É a lucta do Passado co'o Presente,
Do Dogma contra a Ideia;
Da Noite contra o Sol aurifulgente
Por que este mundo anceia!

Os reis vão esconder-se em sua alcova,
Soluça o Padre-Santo,
E a voz da Evolução, — a Ideia-nova, —
A tudo leva espanto!

Por isso é que se escutão das trombetas
Os gritos a rebate,
E proclamão os lividos prophetas:
«Marchemos ao combate!»

Porto, 10 de Fevereiro de 1877.

O MUNDO-VELHO

> Sans cesse à mes côtés s'agite le Démon
> .....
> Et jette dans mes yeux pleins de confusion
> Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
> Et l'appareil sanglant de la Destruction !
>
> CH. BAUDELAIRE.

Nas aldeias remotas, nas cidades,
Nos templos sumptuosos, onde o crente
Invoca e adora as fulvas divindades,
Curvado o joelho em terra, humildemente,
E no vapor suavissimo do incenso
Deixa voar o coração suspenso...

Nos palacios das velhas realezas,
Entre os festins orgiacos do vinho,
Quando as formosas, lubricas princezas,
Em doido, irrequieto torvelinho,
Deixão cahir ao chão alcatifado
As perolas mimosas do peccado...

Sim, por toda essa terra em que o homem anda,
Em todos os covis que a fera habita,
Do mendigo na choça miseranda,
Na abobada do ceu, larga, infinita,
Vae-se em breve espalhar sinistramente
O clarão de um incendio omnipotente.

Ver-se-ha o fumo subir como em castellos,
Em montanhas aereas, elevadas,
E reluzir as pontas dos cutélos...
Ouvir-se-hão diabolicas risadas,
E o mar, gemendo em lugubre abandono,
Como um gigante a despertar d'um somno.

Entre os agrestes, hirtos arvoredos,
Sobre as planicies fartas e viçosas,
Hão-de abalar-se os ingremes penedos,
Como sombras, espessas, caprichosas;
E, num susurro pavoroso, as fontes
Rolarão, como lagrimas, nos montes.

Tombarão os fortissimos vallados,
E ao lavrador o alvião vencido:
Irromperão das furnas, desnorteados,

Os monstros com o olhar espavorido :
Da terra a flôr cairá, perdido o alento,
E as folhas chorarão na voz do vento.

É o vulcão dos seculos aberto
Por enormes crateras flammejantes :
O Sol ficará morto : e o ceu coberto
Não mais mostrará brilho, como d'antes :
Oh ! dôr, tu quanto existe tudo abalas
Com essa lingoa funebre que fallas !

Então nos densos bosques da Allemanha
Alguem ha-de gritar : « Odin, meu deus ! »
E da Grecia, numa álgida montanha,
Os velhos aedos chamarão por Zeus.
A morte abraçará num triste amplexo
O mundo com seu pallido reflexo.

« Jehovah ! » clamarão longe os Semitas
Nas fraldas legendarias do Sinai.
Essas chammas terriveis e malditas,
Ninguem, ó tristes, apagá-las vae !
Pois quem ha-de escutar os ais do homem ?
Na mesma dôr os deuses se consomem.

Só o Diabo surgirá do fundo
Dos abysmos, e ha-de com anceio
Dizer: « Eu te sepulto, ó velho Mundo,
Na cova larga e quente do meu seio:
Nem tu encontras feretro melhor
Que o coração de um pae cheio de amor! »

Porto, 1880.

LEGENDA AUREA

I giorni verranno dell'ire sublimi
E gli ultimi popoli allor saran primi.

L. CANNIZZARO.

I

Cobria o luar os montes, as searas,
Os rios de crystal, a penedia...
E d'essas ondas luminosas, claras,
Como de um sonho, o espirito emergia.

Na solidão nem um pequeno insecto
Agitava ao de leve as azas finas.
Era um silencio tumular, completo,
Como o que envolve as ruinas.

E na planicie, ao longe, erguendo a fronte
Coroada de graniticas ameias,
O castello cortava o horisonte,
Sentinella das rusticas aldeias.

Entre as ramagens e heras resequidas,
Que tapavão as fendas
E envolvião as velhas columnatas,
Que tradições phantasticas, que lendas,
Pelo correr dos seculos nascidas,
Não fallavão ás almas timoratas!

Áquella hora da noite, hora aziaga,
Em que descança e dorme
O camponez a quem a dôr esmaga,
Como um rochedo enorme
Pousado no seu triste coração,
Víra-se lá, no alcacer secular,
Uma sombra ululante vaguear,
Como a imagem da vã superstição:
Era o Alcaide feudal, nobre guerreiro,
Que, sahindo do tumulo, viera
Respirar livremente
O ar da Primavera,
Porque o perfume agreste do pinheiro,
O rosmaninho e o ceu resplandecente,
Convidão mais que o pó accumulado
Num mausoleu marmoreo, rendilhado:

« Onde — dizia — as liças, os torneios,
As travêssas caçadas,
E as castellãs de palpitantes seios,
De quem fallão as lyricas balladas?

« Onde os fortes, altivos cavalleiros,
Galopando na encosta dos outeiros,
Em busca de batalhas?
Ou de Merlin as santas prophecias,
Echoando através d'estas muralhas,
Como benção de doces melodias?

« Maldito seja o seculo, maldito!
Que marcha, numa rapida carreira,
Á conquista das terras do Infinito
E de um Ideal sonhado!
Não deixa em paz nas tumbas a caveira,
Nem dormir entre as sombras o Passado! »

II

Em breve a luz suave da manhã
Entorna sobre as arvores florídas
Uma alegria sã;
Logo palpita um côro de mil vidas,
Nas abelhas zumbindo pelas mattas,
Nas flores acordando para o dia,
E até nas proprias ágoas das cascatas,
Que produzem torrentes de harmonia.

Pássão os aldeões enfileirados
Para o serviço bruto e violento
Dos montes e das eiras.
Emquanto as aves cântão nos telhados,
Elles sóltão tambem ao brando vento
Estas canções ligeiras:

«Para que despertaste, ó castellão,
As almas que dormião no seu somno,
Como os monges na austera solidão?

« Nós viviamos d'antes no abandono
Dos teus pulverulentos pergaminhos,
E em silencio choravamos a sorte
Que assim nos arrastava nos caminhos,
Sem bussola, sem norte!

« Hoje somos já grandes pela ideia,
Pelo trabalho, pela heroicidade,
Que fez da História humana uma epopeia
E conglobou num deus a humanidade.
Cala a tua blasphemia, castellão,
Esse insulto cruel, desolador:
Ouve os gritos do alvião
E a voz do lavrador!

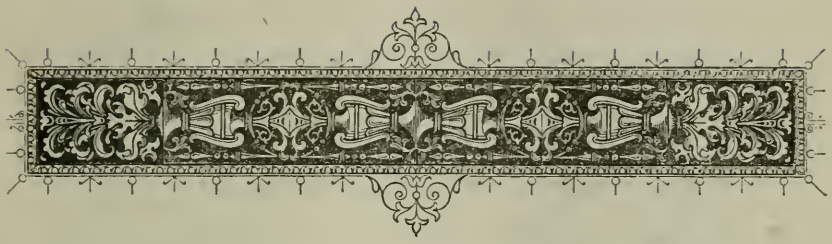
« Como fellahs obscuros, ignorados,
Sem dar um ai, ou arrancar um grito,
Lidamos pelos montes, pelos prados:
Porém mais vale o duro camartello,
Retalhando as pedreiras de granito,
Que a pompa medieval d'esse castello!
Nós extrahimos os metaes á terra,
E, curvados, doridos, rotos, baços,
Andamos sempre numa viva guerra

Com tudo quanto estorva os nossos passos!
Se sae do ferro a lamina assassina,
A espada reluzente do tyranno
E a roda que impulsiona a guilhotina,
— Oh! fôrça eterna! oh! pensamento humano!
Tambem sae d'elle a férvida alavanca
Que arruína os zimborios dos conventos
E tudo ao solo arranca!
Em logar dos castellos somnolentos,
E das theorbas plangentes como rolas
Que exhalão do seu peito
Idyllios de saudade,
Erguem-se agora os bancos das escholas,
Onde se ensina aos povos o Direito,
Onde se exige aos reis a Liberdade!»

Porto, 1881.

LIVRO III

DRAMA



Como um soldado, que, ao volver da guerra,
Com o peito coberto de medalhas,
Ganhas, ao estridor de mil batalhas,
No val, no campo, á beira-mar, na serra,

Seus nobres feitos de armas, pela terra,
Ás portas das igrejas, das muralhas,
Negro do fogo heroico das metralhas,
Vae dizendo, e com elles tudo aterra:

O Pensamento anda tambem cançado
Contando a sua historia, o seu passado...
Antes de ser gigante, foi pygmeu.

Nada o deteve na carreira errante!
Correu o mundo todo, o ceu distante,
E sòmente o impossivel o venceu.

O AUGUR DE CESAR

A acção passa-se em Roma, no palacio de Julio Cesar. Este, sentado num bisellio, ouve o agoureiro Espurina, que está noutro. É de manhã. O sol entra pelas janellas.

ESPURINA:

Era a hora profunda dos terrores,
Quando a alma dos vates se alevanta,
Immortal, aureolada de explendores,
E paira absorta na miragem santa,

Miragem de outros mundos e destinos...
Ó Jove, pae dos deuses soberanos,
Os ceus tambem são livros sibyllinos,
E as estrellas oraculos cumanos.

*

Era a hora sagrada dos mysterios:
Eu achava-me só, numa eminencia;
Em tôrno a mim a paz dos cemiterios,
E lá em baixo, Roma, a effervescencia

Das mil paixões, onde fermenta o vício;
Vínhão ruídos de lá, de quando em quando...
Talvez gritos de escravos no supplício
Ou mulheres a honra apregoando!

As conquistas, o luxo, a *nova vida,*
Levão tudo á fatal dissolução,
E em meio da ruina é luz perdida
A lembrança de Numa ou de Catão.

Era a hora dos medos: nesse instante,
Sobre as dispersas, tábidas caveiras,
Nas Esquilias, á luz da lua errante,
Andarião vagueando as feiticeiras.

Eu escutava o som das saturnaes,
Ó geração descrente, ó juventude,
Á mesma hora talvez em que as vestaes
Apagavão o facho da virtude.

Roma! tu és a página rasgada
Do poema de Numa! luz ficticia!
Não mais verás a chamma immaculada
De Egeria, o santo oraculo de Aricia;

Não mais virão os dias primitivos
Em que os Irmãos Arvaes felizes ião
Pelos campos mimosos, productivos,
E o hymno dos deuses Lares repetião.

Que tempos, quando, pelas claras eiras,
Alumiadas do sol, os lavradores,
Com as almas alegres, sem canceiras,
Ao Genio offerecião vinho e flores!

Corria então a fonte da abundancia,
O templo do bom Jano era fechado...
Como entristece recordar a infancia
E lagrimas chorar sobre o passado!

CESAR, *movendo-se impaciente:*

Se tu és o escolhido pelos deuses,
Espurina, p'ra a Cesar os destinos

Desvendar, e mostrar-lhe o *iter salutis,*
Que Venus, minha mãe, te inspire...

ESPURINA, *pondo-se de pé:*

Julio!
Eu velei o meu rosto; e, as mãos erguendo,
Com o lituo marquei em ceus e terra,
Entre o Nascente e o Occaso, o santo *templum*
Da visão; e, invocando o nome augusto
Do venerando Jove, achei no espaço
Este quadro fiel do teu futuro:

« Cesar! bradou o Amor, batendo as azas
« Por entre as vastas, prateadas nuvens:
« Como o flamine santo que se cobre
« Das amplas vestimentas, embriagado
« Do perfume que exhalão os thuribulos
« Nos festejos dos deuses, — hei-de vê-lo
« Envolvido num manto de volupias
« Passar nos braços languidos das damas,
« Desde os jardins do Oriente aos ceus da Italia.
« A sua alma é a víctima que espera,
« Sobre as aras, a luz dos sacrificios. »

CESAR:

E a Glória?

ESPURINA:

Essa marchava majestosa
Como um guerreiro em ordem de batalha.

« Cesar! bradou: eu ouço, lá ao longe,
« O ruido dos bosques da Germania,
« Que tremem, vendo as patrias divindades
« A fugirem das concavas cavernas
« Adeante de Juppiter. Eu vejo
« Os barbaros do Herminio, encarniçados,
« Com as fundas erguidas, defenderem
« Até á morte os últimos penhascos;
« Vejo oscillar os montes, e os fraguedos
« Rolando estrepitosos sobre as hostes;
« Bramirem nos covis as feras bravas,
« E as cumieiras altissimas, aonde

« Alveja a neve como as cans de um velho,
« Coroarem-se de sangue e de cadaveres!
« Ouço os rios das Gallias, imprecando
« Vingança...
Vejo os arcos e as columnas
« Que os Romanos levantão. Vejo as pompas
« Do triumpho seguirem do Velábro
« Ao Capitolio: os nobres e os pontifices,
« Com as suas insignias, cortejarem
« O vencedor do mundo. Os estandartes,
« As armaduras e os tropheus traduzem
« Toda a grandeza d'alma de um guerreiro...
« Resoa no ar o cantico das turbas;
« E aquella multidão compacta, infrene,
« Ondula pelas praças, sob os porticos,
« Como um mar que não cabe no seu leito.
« O exército desfila ao som dos hymnos
« Que os tubícines erguem com estrondo.
« Os velhos legionarios, testemunhas
« De mil acções brilhantes, — que os vindouros
« Quasi sem crer admirarão —, altivos
« Ólhão para os seus filhos que bracejão
« Nos regaços das mães, vendo-os em marcha.
« Vercingétorix triste, encadeado,

« É o unico talvez que abaixa a fronte,
« Soluçando... porém esse espectaculo
« É de sangue, e os Romanos forão sempre
« Idólatras do sangue.
Ao fim de tudo
« O *Imperàtor,* como um espelho ardente,
« Reflecte a luz do olympico triumpho.
« Cinge-lhe a fronte a c'roa de loureiro,
« O riso dos heroes doura-lhe os labios;
« E os soldados do Lacio destemidos
« Crávão firmes o olhar naquelle vulto
« Com essa mesma ancia com que enterrão
« Suas settas no peito do inimigo. »

Depois passou a Morte, velha Lámia,
Sobre um estrado de ossos e caveiras.
Ouvi ranger de dentes nos espaços,
Vi o sangue cahir sobre as collinas
Em que Roma campeia como um tumulo...

CESAR, *levantando-se cheio de horror :*

Cala-te !

ESPURINA, *impertubavel*:

Num tom lugubre, gelado,
A Morte disse então por derradeiro:
« E eu vejo Cesar morto no Senado,
« Porque só eu vejo o homem verdadeiro. »

Porto, 23 de Janeiro de 1880.

O BAPTISMO DA RUSSIA

A acção passa-se no seculo X. Cidade de Kiev, na Russia. Palacio de Vladimir 1.º Ao lado do GRANDE PRINCIPE *estão embaixadores Bulgaros, Allemães e Judeus, e um philosopho Grego.*

SCENA 1.ª

VLADIMIR:

Sabio é o que lê nas almas, e descerra
Os mysterios reconditos da vida,
E, como o sol, que fertilisa a terra,
Traz aos homens a luz appetecida.

Elle entende o susurro das correntes
Que se rójão do cume das montanhas...
E as nuvens e as estrellas resplendentes
São um livro onde lê cousas estranhas.

Mas o homem, entre as sombras semi-morto,
Esquece-se de toda a claridade,
Como a nau que se afasta do seu porto...
— Sabios! accendei o facho da Verdade.

OS EMBAIXADORES BULGAROS:

A que mar contaremos as areias?
Para tantos louvores, que poeta?
Homens, coordenae vossas ideias:
Deus é Deus; Mahomet o seu propheta.

Ah! como nós sentimos já os beijos
Das houris perfumando-nos a alma,
E por nós deslisarem os desejos
Como uma fonte transparente e calma!

Que brilho e glória nos jardins da vida!
Derramão-se os aromas do Oriente,
A harmonia é immensa, indefinida
Como a sagrada aspiração do crente.

Alli não ha nem noite, nem tristeza,
São uma só as almas para Deus.

Vladimir, Vladimir: a Natureza
Mostra-nos tudo assim no azul dos ceus.

VLADIMIR:

Houri, eu te amo! Ó carne, ó verde florescencia!

OS EMBAIXADORES:

Mas que uma vide só nunca mais fructifique
Na Russia! Proclamae a eterna abstinencia
Do vinho! Deus o manda ao herdeiro de Rurik.

VLADIMIR:

Que dizeis? Retomae vosso caminho.
A houri não vale um calice de vinho.

SCENA 2.ª

OS EMBAIXADORES ALLEMÃES:

O mundo é uma enorme sepultura
Que leva a vida inteira a edificar,
E mais a alma se eleva e se depura
Quanto mais no martyrio se abysmar.

Vladimir! arruinae a idolatria,
Nada valem os vossos holocaustos!
E então do vaso ideal da Eucharistia
Em breve bebereis a longos haustos.

Escutareis os cantos nunca ouvidos
Por este povo que nem templos tem...
Mas é preciso orar, soltar gemidos
De desespêro! A dor é nossa mãe.

Nos remotos conventos da Allemanha
Aprendereis a ser ousado e forte,
Lá onde a luz é tanta e a fé tamanha
Que o homem se identifica á propria morte.

Deus apparece aos frades em visões,
Ouvem-se hymnos angelicos nos ares,
Enchem-se os ceus de rutilos clarões...
As almas crescem como vastos mares,

E erguem-se nos seus extases supremos,
Vedados ao espirito maldito:
Que claridades mysticas não vemos!
Como o homem é pequeno no infinito!

Vinde assistir ás festas, aos mysterios
De uma religião toda de luz,
Inda que tem por throno cemiterios
E por emblema os braços de uma cruz.

VLADIMIR :

Para longe, homens duros, cubiçosos!
A vossa voz não póde ser ouvida:
Antes um dia de delirio e gosos
Do que viver de esperanças toda a vida!

SCENA 3.ª

OS EMBAIXADORES JUDEUS:

Pelo Deus de Israel e de Isaias,
Pelas Taboas da Lei... que o sol desponte,
E da Russia no lugubre horisonte
Todos vejão a luz dos novos dias!

Não se perdeu a barca do Diluvio:
Pelos mares do Tempo tem boiado
E ainda hoje se sente o dôce effluvio
Da ara dos sacrificios exhalado.

Os hymnos de Moysés não forão falsos,
Nem as sarças ardêrão sem proveito:
Que importa que os Judeus vaguem descalços,
Se a fé viva acalenta o nosso peito?

Quem falla é uma geração inteira,
Não são aberrações de uma alma só:
Nós trazemos o ramo da oliveira
E a escada mysteriosa de Jacob.

Olhae, e vede o Livro do Senhor
Como refulge em nossas mãos aberto...
Nós soffremos a mais aguda dor
Das almas; suspirámos no Deserto.

Somos um povo piedoso e velho:
Para a crença medrár no coração,
Fez Moysés separar o Mar-Vermelho,
E Josué as ágoas do Jordão.

Vladimir, procurae a Synagoga
E adorae os decretos de Jehovah:
Quando o sceptico as crenças interroga,
Conclue que como a nossa outra não ha.

VLADIMIR:

Vossa patria, Judeus?

OS EMBAIXADORES:

Jerusalem!
Mas, malditos, errâmos sem destino...

VLADIMIR:

Continuae a errar, loucos! Ninguem
Deve beijar as mãos ao assassino.

SCENA 4.ª

O PHILOSOPHO GREGO:

Eu venho-vos mostrar a Biblia da verdade.
O homem retrogradou, pois que era o vivo espelho
Onde se reflectia o sol da Divindade.
Ai do que não entende as lettras do Evangelho!

Jesus veiu cumprir a voz da Prophecia:
Morrer. Alevantou o sentimento humano,

Perdoou ao algoz no trance da agonia,
As almas concentrou num foco soberano.

E dos Tempos no fim, quando todo o universo,
Como uma grande nau, perdida em negro mar,
Nas cinzas for submerso,
Elle, como juiz, ha-de-nos vir julgar.

VLADIMIR:

Como os ceus gemerão deante de um tal juizo!

O PHILOSOPHO, *mostrando-lhe uma grosseira pintura bysantina com o Juizo-Final:*

Reparae neste quadro.

VLADIMIR:

É o quadro do Paraiso?

(*affirmando-se melhor no quadro*)

Que é isso que eu ahi vejo? Os ceus incendiados!
Os rios a sahir dos leitos seculares!

O PHILOSOPHO :

São os campos da Russia, ó principe, inundados
Com as ágoas que vem dos oceanos polares!
É a colera eterna!

VLADIMIR :

Ó ceus! tantas caveiras!
Parece uma hecatombe enorme a Natureza.

O PHILOSOPHO :

Eis da vaidade humana as sombras derradeiras!
Eis tudo o que vos deixa a vossa realeza!

VLADIMIR :

Que horror!

O PHILOSOPHO :

Attendei bem. Estas flores myrrhadas
São as almas ideaes das vossas namoradas:

Nem sóltão um gemido. A cinza envolve tudo.
A terra oscilla. O mar soluça. O vento agudo
Não perturba jàmais o silencio mortuario!
Os mortos arrastando o lugubre sudario,
As estrellas cahindo á voz da Divindade,
Mais inflammado o sol...

VLADIMIR:

Que immensa claridade!

O PHILOSOPHO:

Vede: é o mundo a arder. Ninguem a Deus escapa!

VLADIMIR:

Os santos onde estão?

O PHILOSOPHO:

Na Glória eterna.

VLADIMIR:

O Pápa?

O PHILOSOPHO :

No Tribunal.

VLADIMIR :

E o impio?

O PHILOSOPHO :

A arder.

VLADIMIR :

Os meus soldados?

O PHILOSOPHO :

A arder.

VLADIMIR :

Meu ouro?

O PHILOSOPHO:

A arder.

VLADIMIR:

Meus filhos?

O PHILOSOPHO:

Abrasados.

VLADIMIR:

E eu onde?

O PHILOSOPHO:

Nesta cinza.

VLADIMIR:

E vós?

O PHILOSOPHO:

Naquellas brasas...

VLADIMIR:

Ó aves, agitae as vossas debeis azas!
Feras, estremecei nas vossas penedias!

O PHILOSOPHO:

Jehovah! tu condemna as almas impias, frias:
Nem o sol eloquente e bello da verdade
Póde fazer fundir o gêlo da impiedade!

VLADIMIR:

Que dizeis?

O PHILOSOPHO:

Morrerá o impio que não chora
E não escuta a voz que o levanta do abysmo!
Adonde encontrareis os clarões de uma aurora
Senão no ceu?

VLADIMIR:

Que ceu?

O PHILOSOPHO:

As aguas do baptismo.
Talvez venhão já perto os dias da desgraça,
E nunca mais a luz da Primavera faça
Nos campos expandir as arvores saudosas.
Talvez o rio séque: e, ó almas dolorosas,
Não possaes, ai de vós! purificar-vos n'ágoa?

VLADIMIR:

Que extranha commoção! Que irresistivel mágoa!

O PHILOSOPHO:

Os rugidos do mar, sonoros, triumphaes,
O cantico febril das aves das florestas;
A glória dos festins; o retinir das festas;
As pompas do combate; as grandezas reaes;

Esse alarido vão dos pobres que tem fome;
As lagrimas das mães que chórão no seu lucto;
O anciar do gladiador que avança resoluto;
O orgulho sem limite; a desgraça sem nome:

Tudo quanto reanima os thronos e os imperios,
Ou de prantos alaga as choças da indigencia;
A dòr que as hervas faz nascer nos cemiterios:
O riso que contorce os labios da innocencia:

Tudo quanto é pomposo ou eloquente ou forte,
Tudo o que eleva o rei e humilha o miseravel:
Ha-de num grito audaz, terrivel, formidavel,
Traduzir-se a final nesta palavra — Morte!

E a Morte, ao ver-se assim nas solidões do mundo,
Qual segador que tem a ceifa terminada,
Soltará um gemido altiloquo, profundo,
E ficará tambem nas trevas abysmada.

O globo voltará ao cahos de outros dias;
Só hão-de interromper o atroz silencio eterno
Deus, a amaldiçoar aquellas cinzas frias,
Sátan, a atormentar os reprobos no Inferno!

VLADIMIR:

Ai de mim! ai de mim!

O PHILOSOPHO:

Coragem, Vladimir!
A Morte ou a Victória, o Nada ou o Porvir!

VLADIMIR:

Creio em tudo. Que luz em mim se faz!
Sinto tremer as folhas do arvoredo,
Tremer a terra... É Deus ou Satanaz...

O PHILOSOPHO, *retirando-se:*

Sempre os homens vencidos pelo medo!

Porto, 10 de Fevereiro de 1880.

ARCADES AMBO

AO MEU CONDISCIPULO, AURELIANO CYRNE

OS HOMENS:

És como um rei dos bosques, um gigante,
Ó cedro, com a rama pelos ares;
De ti se faz a nau que sulca os mares
E affronta as tempestades triumphante.

Jàmais, onde o teu collo levantares,
Póde crescer o arbusto verdejante,
Ó espectro soturno e vigilante
Dos nossos campos e dos nossos lares...

No emtanto os homens vencem-te. Que dizes?
Um só machado corta-te as raizes,
E esse tronco soberbo tomba em fim,

— Majestade ridicula, illusoria!
Tudo escarnece então da tua glória...

O CEDRO:

Mas, quando cáio, vós fugis de mim.

Porto, 1879.

HYMNO ACADEMICO DO PORTO

(com musica do meu condiscipulo Ayres Borges)

2.ª EDIÇÃO

SÓLO:

Ás antigas, sangrentas batalhas,
Quando a Morte guiava os guerreiros,
Entre o fogo de ardentes metralhas,
Na tristeza dos ais derradeiros,

Outras luctas succedem agora,
Em que as hostes são menos crueis,
Mas que trazem o brilho da aurora
Por tropheu nos valentes broqueis.

CÔRO:

Da Ideia nós somos soldados,
Aos combates a luz nos convida!
Só, em vez dos canhões bronzeados,
Accendemos o facho da vida! } *bis*

SÓLO:

A humanidade avança!
Já nenhum phantasma escuro
Guarda as portas do Futuro
Sem clemencia!

É como um sol a esperança
Que os cerebros illumina
Nesta cruzada divina
Da Sciencia!

CÔRO:

Sopra no ceu vento novo,
Cae em ruina o Passado,
Alegra-se em fim o povo
Acordado!

Como uma flôr entre-aberta
Nosso espirito desperta!

E não póde a batina ou a espada,
Apagar o clarão da alvorada! } *bis*

Porto, 1881.

HYMNO ESCHOLAR

(*a pedido*)

VOZ:

Como os crentes, que andavão outr'ora
Com as frontes erguidas ao ar,
A adorar os reflexos da aurora,
As grandezas do sol a adorar,

Nós tambem, de verdade sedentos,
— Pois só ella nos chama e conduz —,
Lá de longe, batidos dos ventos,
Nossas almas trazemos p'r'á Luz!

CÔRO:

Embora seja dura
E aspera esta via,
Que importa? A chamma pura
Da Sciencia nos guia!

A Sciencia levanta
Os corações aos ceus!
Que cruzada mais santa?
Que mais glorioso deus?

VOZ:

Vimos, sim, offegantes, cançados,
Com a face abrasada, a escorrer...
Mas não deve o vigor dos soldados
Esfriar-se! Parar é morrer!

CÔRO:

Tu, Sciencia, nos levas
Presos no resplendor:
— Sol, dissipando as trevas,
— Mãe, esparzindo o amor!

Eis desvendado o mytho
Que ha tanto nos cobria!
Pelo espaço infinito
Já brilha o alvor do dia!

VOZ:

Nunca mais, no banquete sagrado
Da Sciencia, oh tu, homem, verás
Um espectro, de rosto velado,
Perturbar o Progresso e a paz!

Onde d'antes a sombra, de lucto
Tudo enchia, na terra e no ceu,
Bella arvore ostenta hoje o fructo!
E feliz o que d'elle comeu!

CÔRO:

Embora seja dura
E tortuosa a via,
Que importa? A chamma pura
Da Verdade nos guia!

Como aura que parece
Correr, voar sem tino,
Ouça-se a nossa prece,
Resoe o nosso hymno!

VOZ:

Ninguem póde á torrente, que passa,
A arrogancia das ondas suster;
Nem á ave, que, cheia de graça,
Canta alegre, os trinados tolher:

Nesta marcha solemne, incessante,
Que o homem segue, a luctar e a sorrir,
Quem se atreve a bater o gigante?
A desviá-lo da fé no Porvir?

CÔRO:

Ó Sciencia, tu nos levas
Firmes no nosso ardor:
— Sol, desfazendo as trevas,
— Mãe, espalhando o amor!

Porto, 23 de Maio de 1885.

NOTA

NOTA

Se a Poesia, pela natureza dos assumptos de que trata, póde ser um instrumento do Progresso e é um documento da intelligencia humana, pela sua fórma, em que o rythmo se allia á vivacidade e exuberancia do estylo, é um dos melhores meios de expressão das emoções: por isso ella deve collocar-se entre a lingoagem ordinaria e a musica. A lingoagem fallada não faz apenas as vezes de um simples apparelho registador das ideias: modificada pelas diversas qualidades da voz, timbre, altura, força, velocidade; auxiliada pelos gestos, que varião muito segundo os povos, — ella serve em alto grau tambem para traduzir, como a musica, os sentimentos, porque os sentimentos, num momento dado, poem em jogo a actividade muscular, e a lingoagem, em ultima analyse, reduz-se a modalidades de movimento de musculos.

Todos somos pois artistas, em maior ou menor escala; na alma de cada um existe sempre uma corda que vibra sob a influencia de determinados estimulos. E o verdadeiro poeta, na accepção usual do vocabulo, não constitue um ser á parte, extraordinario e sobrenatural: distingue-se sòmente por ter um systema nervoso mais impressionavel, em certo sentido, do que o restante dos homens, mas obedece, como estes, ás condições mesologicas, que actuão fatalmente nelle, dirigindo-o, educando-o, transformando-o.

De mais, qual é em Portugal o que, pelo menos no principio da sua carreira litteraria, não tenta uma vez ou outra escalar as cumieiras sagradas do Olympo? [1] Vivemos envoltos numa atmosphera de poesia: desde o berço, em que nossas mães nos embalão ao som de canções suavissimas, até ao tumulo, em cuja tampa se exara um epitaphio metrificado, nunca a *arte divina* deixa um só momento de soar aos nossos ouvidos. O povo canta em todos os seus trabalhos tambem, na dôr e na alegria, nas festas e nas desgraças. Em qualquer acontecimento de vulto surge sempre a musa dos poetas de occasião. Não ha materia, por mais rude, — a medicina, a grammatica, — que não tenha sido sujeitada ao metro ou á rima. É isto uma consequencia da natureza e da raça, ou um effeito do hábito? Talvez tudo.

Nascido neste meio, venho hoje trazer ao público, condensados em volume, alguns dos fructos dos meus estudos nos dominios da poesia, — pobres versos, inspirados entre os bancos das escholas, ao correr das verdes illusões da mocidade... Não direi que elles sejão os ultimos, porque muitas vezes não ha força em nós para interromper a corrente nervosa, que, irradiando do cerebro, necessita de revelar-se exteriormente; mas é provavel que não publique mais nenhum volume de versos. A aspereza de certos estudos destroe, ou pelo menos apaga muito, a aptidão poetica, principalmente quando esta não é grande; além d'isso as luctas da vida nem sempre concedem o ócio bastante para se poder ouvir com descanço a harmonia interior das rimas.

O presente volume divide-se, como se viu, em tres livros.

No Livro primeiro segui a ordem psychologica, isto é: as poesias vão pela ordem em que se succedêrão as ideias que as produzírão, embora as datas nem sempre, como nos outros livros, correspondão a tal successão, porque — sabem-no todos os que escrevem — muitas vezes ela-

[1] «Não vai longe a época em que os versos eram estreia indispensavel a qualquer carreira litteraria. As vagas aspirações de todo o novel engenho fixavam-se mais em fórmas metricas e em rimas do que em ideias e systemas.» Amorim Vianna, — *Juizo critico* ao livro *A sociedade e a familia* de H. Moreira, Porto 1867, pag. 9.

bora-se mentalmente, e com toda a regularidade logica, uma obra completa, e no emtanto razões estranhas levão a traduzir primeiro umas do que as outras as diversas partes d'essa obra.

No Livro segundo obedeci á chronologia. O que é que se offerece logo a quem investiga os phenomenos do Universo? A Natureza. A *Harpa da Natureza* occupa portanto o logar de honra. Depois, no desenvolvimento sociologico da Humanidade, aproveitei-me das ultimas acquisições da Sciencia, que, com justiça, considera os tempos primitivos ou pre-historicos como introducção forçada de qualquer trabalho de génese historica. Véem em seguida as lendas e luctas religiosas, as nossas tradições nacionaes (a que eu porém daria mais extensão se o tempo me não escasseasse), factos avulsos, aindaque importantes, de diversos países, e por fim algumas questões philosophicas e politicas da actualidade.

No Livro terceiro cingi-me ainda á ordem chronologico-historica. Os assumptos d'este livro conheço perfeitamente que cabião no segundo, e que mesmo no segundo algumas poesias, que eu separei, ficavão talvez melhor estando juntas; mas todo o meu fim foi abrir e esboçar um quadro, e não preenchê-lo. A poesia dramatica, pela mira a que visa, — influir directamente e de um modo objectivo nas massas, com a exposição immediata da acção e dos personagens, e pelo vigor com que levanta o espirito popular, occupa um logar especial na moderna classificação esthetica; ora, como eu desejei que o meu volume se pautasse por essa classificação — *Lyrismo, Epopeia, Drama* —, não pude deixar de consagrar algumas páginas ao genero dramatico. Não se estranhe que eu incluisse nelle um simples dialogo e hymnos: de facto, o drama, na sua origem, era modestissimo, e nós vemos ainda vestigios primitivos delle em varios jogos, danças e usos do nosso povo.

Muitos criticos suppõem que a epopeia appareceu antes do lyrismo, e este antes do drama. Eu comtudo comecei pelo lyrismo, pelas seguintes razões:

Em primeiro logar a distincção dos tres generos é puramente theorica, creando-se até como intermédio o genero lyrico-epico; na pratica

nem sempre se observa. Tambem, a respeito da lingoagem aconteceu uma cousa semelhante: julgou-se que o homem, nos primordios da sua existencia, se servia simplesmente de gestos — *mutum et turpe pecus* —, que só mais tarde empregou o grito, e por ultimo fallou; mas o que é certo é que, assim como o gesto e a voz se desenvolvem concomitantemente, assim tambem as faculdades epicas, lyricas e dramaticas experimentão na humanidade uma evolução mais ou menos parallela. Litteraturas ha mesmo, como a nossa, em que o lyrismo (Cancioneiro da Vaticana, da Ajuda, de Garcia de Rezende) precedeu a epopeia (Camões), e em que ésta succedeu ao drama (Gil Vicente): refiro-me, já se vê, a composições regulares, pois na poesia popular sería facil encontrar rudimentos epicos anteriormente aos Lusiadas.

Em segundo logar, e esta foi a principal razão, no meu cerebro o lyrismo desabrochou antes da epopeia; e por mais impessoal que uma obra pareça, o artista é a alma d'ella, vive nella, e por tanto esta representa-o.

Justificarei agora o titulo — Balladas do Occidente.

A palavra *ballada* — do latim *ballare,* em italiano *ballata,* em provençal *balada,* em francês *ballade,* em hespanhol *balada* — encerra a ideia primitiva de *baile* ou dança. Effectivamente a *ballada* era d'antes uma Poesia ao som da qual se dançava. Em italiano mesmo *fare una ballata* significa *fare una danza.* Nos nossos Cancioneiros antigos áchão-se poesias que erão de certo destinadas a este fim, como a que começa:

Baylemos nós ja todas tres, ay amigas,
So aquestas avelaneyras frolidas;
E quem for velida como nós velidas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneyras frolidas
Verrà baylar. [2]

[2] *Manuelettì d'introduzione agli studj neolatini,* II, Portoghese (e gallego), — publicati da E. Monaci e F. d'Ovidio, Imola 1881, pag. 63.

Dá-se mesmo o caso que algumas d'essas poesias, como por exemplo a de que transcrevi parte, são muito analogas, na essencia e na fórma, ás antigas *ballettes* francesas e *baladas* provençaes, o que não significa que houvesse imitação, mas que todas se poderião ter desenvolvido segundo um typo commum ás populações romanicas. [3] No emtanto não me recordo de ter lido nas poesias portuguesas da Edade-Media nenhum nome que corresponda directamente á expressão *ballada* no sentido da taxonomia poetica. Nos auctores antigos, *bailo* significa de um modo geral *dança,* como hoje no dialecto extremenho *balho e balhe ;* [4] Gil Vicente, por exemplo, emprega *bailo* nas *Obras,* I, pag. 116 e 130, e especialisa *bailos villãos, ib.,* III, 184, indicando ao mesmo tempo em varios pontos dos seus Autos e Farças *cantigas* que se entoavão emquanto se *bailava.*

Nas poeticas das diversas nações a *ballada* tinha uma fórma precisa e exacta. As *ballades* francesas compunhão-se de tres oitavas e de uma quadra final ou *envoi* com estas rimas : *a b a b b c b c* em cada oitava, e *b b c c* no *envoi ;* são assim por exemplo as de Marot (1495-1544). As *ballades* francesas tiverão muita voga nos seculos XIV e XV; depois decahírão. Modernamente Theodoro de Banville, nos seus *Les exilés,* Paris 1878, pretendeu restaurar esse genero *à la manière de François Villon excellent poête qui a vécu sous le règne du roi Louis le onzième.* As *baladas* castelhanas constavão de tres estancias com um estribilho nas mesmas rimas. Nas *ballate* italianas o *envoi* collocava-se no principio e chamava-se por isso *entrata :* se as estrophes se compunhão de numero par de versos, a *entrata* era uma quadra ; se se compunhão de numero impar, era um terceto. Eis uma delicada *ballata* de Petrarca (seculo XIV) :

Volgendo gli occhi al mio novo colore
Che fa di morte rimembrar la gente,

3 Cfr. P. Meyer, — in *Romania,* II, 265.

4 A que tambem se liga *balhar :* vid. o meu opusculo *Dialectos extremenhos,* I, pag. 29.

Pietà vi mosse : onde benignamente
Salutando teneste in vita il core.
La frale vita ch'ancor meco alberga,
Fu de' begli occhi vostri aperto dono
E della voce angelica soave.
Da lor conosco l'esser ov'io sono :
Che, come suol pigro animal per verga,
Così destaro in me l'anima grave.
Del mio cor, donna, l'una e l'altra chiave
Avete in mano ; e di ciò son contento,
Presto di navigar a ciascun vento :
Ch' ogni cosa da voi m' è dolce onore. [5]

O assumpto das balladas modificou-se pois com o tempo ; primeiro a ballada era para se dançar ; mais tarde aproveitou-se-lhe a fórma para outros assumptos, como nesta ballada de Petrarca. A fórma variou tambem, e nem sempre se encontra a regularidade que acima assignalei. Com a decadencia da eschola classica, esta alteração de assumpto e fórma nas balladas tocou o apogeu. A ballada, que fôra apenas lyrica noutro tempo, tomava agora um caracter historico e legendario, e é assim que geralmente se considera. Do mesmo modo que qualquer poesia, sem fórma determinada, póde chamar-se *canção, madrigal, ode, idyllio*, etc., nomes que na velha poetica se não applicavão senão em certos casos e a certas composições regulares, assim tambem póde receber o nome de *ballada,* com especialidade quando envolve a ideia de lenda ou historia, como acima disse. Victor Hugo escreveu as *Odes et Ballades,* onde as *ballades* estão neste caso ; na moderna litteratura portuguesa attribue-se á palavra *ballada* a mesma significação.

D'aqui se conclue que a primeira parte do titulo do meu volume tem sua razão de ser, porque eu a cada passo, umas vezes por uma tendencia espontanea do meu temperamento e da minha educação intelle-

5 *I quattro Poeti italiani,* Parigi 1845, pag. 155.

ctual, outras vezes de caso pensado, reflecti nos meus versos as lendas [6],

[6] Ex. no *Pantheon Nacional* (de pg. 161 a 237), passim. Devo aqui fazer algumas observações. No poemeto *A Citania,* que me foi inspirado uma vez que fui ás ruinas do mesmo nome (no Minho) em companhia do illustre explorador d'ellas o Sr. dr. Martins Sarmento, exponho a bravura dos nossos avós, os Lusitanos, a que com especialidade se refere Valerio Maximo no trecho que me serve de thema, tirado dos *Factorum dictorumque memorabilium,* L. VI, cap. IV, §. 1; dá-se o caso tambem que esse A. se reporta a uma cidade lusitana *Cinninia* ou *Cinginnia,* que alguns eruditos nossos, levados por uma falsa apparencia de nome, quizerão relacionar com a *Citania;* sobre a etymologia d'esta, vid. o meu opusculo *Portugal Prehistorico,* pg. 62. — Para o poemeto *A Cava de Viriato* li principalmente a geographia de Estrabão (livro III) que descreve com minudencia os usos lusitanos a que eu alludo; emprego alguns nomes antigos de deuses, terras e povos da Lusitania, fundado em textos historicos, cujas fontes não indico, por brevidade. Em Viseu, que corresponde mais ou menos a *Vacua* (d'onde deriva o nome *Vouga*), existe ainda hoje a *Cava de Viriato,* como a eu descrevo a pg. 177 sg. — A lenda do rei Wamba, da Idanha (Egitania), é bem conhecida, e ella tem paradigmas: ver as minhas *Tradições populares de Portugal,* pg. 105. — O *Remorso* funda-se tambem noutra lenda conhecida. — No poemeto *O Cancioneiro de D. Dinis,* pg. 191 sg., tentei dar uma ideia da nossa lingoa e litteratura num dos seus periodos mais antigos; a poesia em portuguès archaico, a pag. 193, não é tirada de documentos antigos, mas é original minha, e para isso me fundei nos processos da philologia. No cyclo dionisio havia diversas correntes poeticas, sendo uma d'ellas de natureza popular, que foi a que eu quiz caracterisar: ver sobre a persistencia das fórmas d'essa corrente o meu *Annuario das trad. pop. portuguezas.* A lenda de Santa Isabel é tambem muito sabida: podem consultar-se sobre ella os agiologios. — Quem tiver lido as Obras de Gil Vicente, achará a exactidão do que digo a pag. 203 sg. — *O Heroismo da Fé* é um poemeto de phantasia; mas não são raros na nossa historia maritimo-colonial factos que justifiquem a these nelle desenvolvida. — No n.º V pinto, como se vê bem, o naufragio de Camões. — A respeito do n.º VI, pag. 121: Nathercia morreu em 1556, mas Camões só o soube quando chegou a Gôa em 1558, depois de naufragar na costa de Camboja: foi por isso que sob a epigraphe puz esta data e não aquella. — O *Encoberto* é uma lenda muito popular. — O caracter do Padre Vieira e da sua epocha, no n.º XIV, pag. 222 sg., resalta dos *Sermões* do celebre jesuita e de outras obras contemporaneas. — No poemeto *O Marquez de Pombal,* a pag 228, alludi a *canções obscenas* que o povo cantava ao notavel estadista: isto é um facto historico. — Na poesia *O Castello de Guimarães* não fiz mais do que cingir-me á historia patria.

as superstições [7], os usos [8], os dictados [9], as poesias [10] mesmo do povo português. A segunda parte está *ipso facto* justificada.

Convém entrar aqui em mais algumas explicações. Eu sou da Beira, e como tal regulei-me muitas vezes na contagem das syllabas pela pronúncia propria do meu dialecto. Assim, por exemplo, no verso de pag. 7

De uma alma rude e agreste

conto sete syllabas metricas, porque não annullo as vogaes em *uma alma,* mas pronuncio-as ambas, intercalando um *i* (uma-i-alma), para evitar o hiato [11]. Egualmente a pag. 11, *na agua,* e em muitas outras partes. A pag. 244, no verso

Ainda que entre nós e a Hispanha ha um grande abysmo

as palavras *ha um* pronuncião-se como um ditongo (*ão* com *a* aberto), e por tanto valem por uma só syllaba. O mesmo digo a proposito de outros versos. Não me levem por consequencia á conta de erro o que

7 Exemplos: as *bruxas* a pag. 11, 21 e 262: as *sereias* a pag. 16 e 32; as *moiras encantadas* a pag. 18 e 104; o *nevoeiro* a pag. 60; o *cão* e os *rios* a pag. 63; o *Sol* a pag. 99; a *Lua* a pag. 63 e 100; as *pedras de raio* a pag. 105; a *agoa* a pag. 108; as *plantas* a pag. 112 e 114; os *agouros* a pag. 272. Sobre estas superstições vid. o meu livro *Tradições populares de Portugal,* §§. 380, 356, 354, 316, 169 sg., 147, 261, 231 sg., 299, etc. etc. — A respeito das Bruxas que vão para a India consulte-se F. Liebrecht no seu livro *Zur Volkskunde,* 1879, pag. 375, — Portugiesisches — §. 8.

8 Exemplos: o *lar-domestico* a pag. 38, onde entrão alguns termos provincianos; as *danças* e o *cego da aldeia* a pag. 41; os *trajos* a pag. 45-46 e 51; a *lavadeira* a pag. 49; a *poesia popular* a pag. 58; os *enterros* e as *carpideiras* a pag. 271. Cfr. as minhas *Trad. pop. de Port.,* §. 542, sobre estes ultimos usos.

9 Ex. a pag. 44.

10 Ex. a pag. 47 e 54.

11 Vid. o meu opusculo *Dialectos beirões,* V, §. 5.

eu pratiquei de proposito. Na orthographia segui o processo que tenho seguido noutros trabalhos meus. As poesias que tem a rubrica 2.ª *edição* sahírão primeiro em folheto separado com paginação propria.

Tanto no segundo como no terceiro livro ha composições que não pertencem rigorosamente á nossa historia, por tanto parecerá que não deverião ir subordinadas ao titulo geral de *Balladas do Occidente*. A isto direi o seguinte: o assumpto das que fórmão a *Via-sacra*, pag. 128 sg., constitue um patrimonio de todas a nações cuja religião official é a catholica, por isso abrange Portugal. *D. Quixote*, pag. 241, é o typo da cavalleria, de um modo geral. Diogenes, pag. 247, é tão conhecido entre nós, que algumas anecdotas d'elle contão-se em Portugal a respeito de Bocage [12]. No *Augur de Cesar* fallo da Lusitania e dos seus montanheses, que no Herminio (Serra da Estrella) se oppuzerão ás tropas do general romano [13]. No *Baptismo da Russia* [14] lembro a missão do Christianismo; conseguintemente tem cabimento aqui o que eu disse a cima a proposito da *Via-sacra*.

De modo que Portugal é o nucleo fundamental de toda a minha obra. Eu creio com Gastão Paris que « a litteratura é a expressão da vida nacional; onde não existe litteratura, a vida tem uma existencia imperfeita. Não basta haver grandes escriptores para que se fórme uma litteratura nacional: é preciso que nestes escriptores se exprima com vigor a alma da nação. » [15]

Oxalá que outros, de mais recursos artisticos do que eu, e tambem dispondo de mais vagar, desenvolvessem completamente o pensamento

12 Vid. um artigo meu na *Revista do Minho*, 1885, pag. 57.

13 Os factos a que nesta poesia dou caracter historico são rigorosos. Ser-me-hia facil commentá-la com textos de Tito Livio (na ceremonia do agouro), de Horacio (sobre as Esquilias), de Vergilio (na prophecia), dos biographos de Julio Cesar (sobre o facto fundamental da prophecia de Espurina, e outras particularidades), etc.

14 Para a parte historica d'este poemeto fundei-me com especialidade num artigo de Yrouboff in *Revue de Philosophie Posit.*, II, pag. 1 a 26.

15 *La Poésie au moyen-âge*, Paris 1885, pag. 99.

que ahi deixo em germen! Possuiriamos assim uma poesia natural, verdadeira, e mais que isso, portuguesa. Pôr-se-hia além d'isso uma peia ao mau gôsto de ir buscar fóra o que cá temos tão bello e tão rico. Este pensamento não cuidem todavia que é completamente novo. Desde D. Dinis, que imita as *serranilhas* populares do seculo XIII [16]; desde Gil Vicente, que desenha de um modo admiravel os typos e a vida nacional do seculo XVI; Sá de Miranda, que polvilha os seus versos de allusões ás crenças populares; Antonio Ferreira, que escreve os *Poemas Lusitanos;* Camões, que na sua majestosa epopeia passa em revista syntheticamente toda a historia d'este povo; até Garrett, um dos primeiros poetas portugueses, e o primeiro que entre nós comprehendeu a evolução do Romantismo; até João de Deus, que em muitas das suas deliciosas *Flores do Campo* e *Folhas Soltas* parece ás vezes, na naturalidade e graça, um poeta popular; Theophilo Braga, que faz entrar na sua *Visão dos Tempos* alguns dos quadros da Historia de Portugal; Anthero de Quental, que nas *Primaveras Romanticas* se não peja de dedilhar a lyra das aldeias: — quantos não tem dado á *poesia ethnographica* o seu verdadeiro valor? A poesia gallega enleva-nos porque estão nella os campos da Galliza com todos os seus perfumes, as suas canções, os seus encantos: perpassão alli os echos do *Allalalaa* e as orações ingenuas a S. Tiago de Compostella. A poesia hispanhola constitue a admiração de todos, pela sua originalidade no assumpto e na fórma, pois nella palpita o velho coração dos descendentes de Cid e de Bernardo del Carpio. A poesia popular de todos os paises merece hoje as attenções da Sciencia, exactamente porque ella é a mais pura e mais livre das influencias individuaes, o mais fiel espelho da alma dos que a cântão, a representante das tradições completas de uma raça, o melhor monumento da lingoagem.

Eu não pretendo de certo que todos nos ponhamos a fallar de Mouras encantadas e a celebrar as façanhas de Egas Moniz e D. Fuas Roupinho: mas cada cousa tem o seu logar. Sem deixarmos de acompanhar o

16 Vid. este volume a pag. 193.

movimento do seculo,no que nelle houver de bom e digno de ser assimilado por nós, escusamos de abdicar da nossa independencia artistico-litteraria [17]. Para que havemos de imitar as aberrações nevropathicas de Richepin, Rollinat e Baudelaire, se nós somos um povo sàdío, com boas intenções, bom figado e optimos nervos? Para que havemos, além d'isso, de seguir *pari passu* a construcção syntactica e a lexicologia francesa, se nós temos na nossa lingua quasi sempre o sufficiente para a manifestação do nosso pensamento? O português de hoje não é o de Fernão Lopes, nem ainda o de Fr. Luís de Sousa; mas tambem não é o francês de Zola ou Flaubert. As linguas soffrem, como todas as cousas, uma evolução: mas depende do bom senso de quem escreve não sahir fóra dos justos limites. Cada povo possue a sua maneira propria e caracteristica de se exprimir: e sería uma grande contradicção que hoje, que a eschola realista ou naturalista se esforça por photographar com a maxima fidelidade o que ha de saliente na vida íntima das sociedades, aquelles que mais applaudem essa eschola sejão os que mais falseiem e estraguem a lingoa, que foi sempre um dos elementos mais importantes e vivos da existencia dos povos! Admira-se tanto a litteratura francesa, e não se attenta no modo como os escriptores franceses, ao referirem-se a qualquer obra litteraria, poem sempre a lingoa num dos primeiros logares, e a exáltão e nobilitão! Não me custaria muito accumular aqui as provas d'esta affirmação.

Em summa: se devemos inspirar-nos no nosso tempo, dar ás nossas

17 «A poesia immortal é a que vive pela ideia, como a Divina Comedia, os Lusiadas ou o Fausto, e hoje a ideia, para ser verdadeiramente moderna, tem de ser especialmente philosophica e scientifica nesta phase de evolução e transformação... Não ha poesia sem paixão, e quando o seculo se apaixona pela sciencia, a poesia tem de ser scientifica para o poder comprehender e sentir-lhe a alma». J. Lourenço Pinto, — *Esthetica naturalista,* Porto 1884, pag. 264.

Em todo o caso, não quero com a citação d'estas palavras do distincto crítico e romancista portuense, proclamar que o lyrismo morreu completamente: se a sociologia demonstra o progresso da intelligencia na acquisição de novas ideias, a physiologia continúa a affirmar que existem no hómem faculdades affectivas.

concepções artisticas o cunho da actualidade, acompanhar a sciencia na sua marcha, a sociedade na sua história, a natureza nos seus aspectos, o coração nas suas paixões, tambem devemos revestir tudo de uma fórma especial, em harmonia com as tradições litterarias e as tendencias da nação.

Estou já a vêr que os bohemios, os inexperientes, vão chamar-me purista, porque quero que os portugueses fallem português, e retrógrado, porque quero que em Portugal exista uma litteratura original. Embora: o primeiro dever do cidadão é amar a patria, e isto não se consegue apenas cantando hymnos e fazendo estrondear as baterias do Tejo, mas buscando o progresso d'ella e desvendando a história, para que haja consciencia da nacionalidade. [18] Estas ideias, que eu tenho procurado realisar, posto que humildemente, em varios trabalhos de Ethnographia e Glottologia, continuo-as hoje com o presente volume de versos.

Não peço á imprensa elogios banaes ou favores: mas estimarei muito que a crítica competente me dê a sua opinião franca e sensata. É a maior aspiração de quem trabalha com sinceridade e enthusiasmo.

Porto, 26 de Outubro de 1885.

J. L. de V.

[18] «É uma lei historica, fatal, que as nações que estão num nivel moral e intellectual inferior são assimiladas pelas que estão num nivel superior..... Como escapar ao perigo, como pelo menos attenuá-lo, senão pela elevação do nosso nivel moral e intellectual, evocando em nós a consciencia humana, e a consciencia nacional?» F. Adolpho Coelho, — in *Bibliographia Crítica*, Porto 1875, pag. 1.

Biblioteca do Lar

Henry Ardel

Um conto azul
Caminho em declive
Fogo mal extinto
É preciso casar o João!
A alvorada
Uma aventura imprudente
A divina canção
A noite desce
Eva e a serpente

B. Jeanroy

Dois corações

M. La Bruyére

Flor de Lis

M. Damad

A enteada

Jean Thiéry

O canto do cuco
O romance dum solteirão
Corações magoados
Vítimas

António Zozaya

As auroras
Almas de mulheres

Georges de Peyrebrune

Dona Quixota

Alberto Insúa

Coração ludibriado

Claude Saint-Jean

O castelo dos noivos

Palácio Valdés

A alegria do capitão Ribot

Jean Rameau

Romance da Felicidade

Pierre de Coulevain

A ilha desconhecida
No coração da vida

Mary Floran

Se êle soubera

Eduardo Noronha

As mulheres de Pernambuco

Cada volume broch. 6$00 — Enc. 10$00

Colecção de Ir

Alberto Insúa

O preto que tinha a alma br
A mulher que precisa de am
A mulher que esgotou o am
O inimigo do matrimónio
O prazer do perigo
Mulheres histéricas
O amor em dois tempos
O amante invisível
Fumo, dor, prazer
A mulher, o toureiro e o tou
As flechas do amor
A paixão impossível

Clément Vautél

Minha mulher não quere filh
O amor à parisiense
A reabertura do paraíso terr
O senhor Mezigue
Sua reverendíssima entre os
Sua reverendíssima entre os

Pierre Benoit

O poço de Jacob
A calçada dos gigantes
Mademoiselle de la Ferté
O lago salgado

Palácio Valdés

Os majos de Cádiz
Marta e Maria
Riverita
Maximina
A Irmã S. Sulpício
A valenciana

A. Hernandez Catá

Os sete pecados
O bebedor de lágrimas

José Francés

O filho da noite
A mulher de ninguém

Fernandez Florez

As sete colunas
O segrêdo do Barba Azul

Pedro Mata

Um grito na noite
Corações sem rumo

Alfio Berreta

Amorte do sonho

Tomás Borrás

A mulher de sal
A parede de teia de aranha

Cada volume broch. 6$00 — Enc.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD
0021965

01819017

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 11 06 16 028 0